A cerimônia de iniciação do 33º Grau revelada pela primeira vez na história!

O ENGANO FATAL

EXPOSIÇÃO DA MAÇONARIA ... POR UM DE SEUS PRINCIPAIS LÍDERES

JIM SHAW

• **33º Grau** • Cavaleiro Comandante da Corte de Honra
• Pós Mestre Venerável, Loja Azul • Pós-Mestre de todos os grupos do Rito Escocês

& TOM McKENNEY

SOBRE O AUTOR

Tom Chase McKenney é formado pela Universidade de Kentucky e Universidade da Carolina do Norte. Ele foi oficial da infantaria e paraquedista dos Fuzileiros Navais dos Estados Unidos, servindo na Coréia e no Vietnã. Aposentado por incapacidade física em 1971, viaja agora por todo o mundo como professor de Bíblia, com ênfase na aplicação das Escrituras à vida diária. McKenney é autor de vários livros sobre a vida cristã prática. Casado, pai de quatro filhos e avô de quatro, é presbítero na, "Church of the Good Shepherd" - (Igreja do Bom Pastor) - Pass Cristian, Mississippi, E.U.A.

A maioria de nós só vê o exterior do prédio, geralmente um exterior pouco atraente, severo, com uma porta fechada e sem janelas. É uma fortaleza lúgubre de mistério, dizendo ao resto do mundo: "Fique longe ... seus olhos e ouvidos profanos não podem ver ou ouvir o que fazemos aqui." Por trás da porta estão homens que você conhece e encontra regularmente, muitos deles homens bons, alguns deles cristãos, e todos vítimas... vítimas de um engano fatal.

Através dessa porta homens confiantes entram, com os olhos vendados, num sistema vasto e poderoso que irá controlar as suas vidas, em vários graus, a partir desse momento. A vasta maioria jamais irá além da loja local. Uma pequena minoria irá "subir mais", até os graus do Rito de York e Rito Escocês. Dentre esta pequena minoria, só alguns membros dedicados irão levar tudo a sério, estudando e aprendendo, fazendo da busca infindável da "luz" o centro de suas vidas. Jim Shaw foi um desses homens.

Totalmente dedicado à Maçonaria e suas lições de moral e religião, Jim subiu rapidamente até ao alto, alcançando as maiores honras da Maçonaria, em tempo recorde. Ali no cume da montanha maçônica e julgando já ter tudo que precisava, ele encontrou a *Luz do Mundo* e foi liberto.

Você pode agora entrar, com Jim como seu guia, por essa porta fechada. Veja por si mesmo o engano fatal que está vitimando multidões de homens sinceros, até mesmo enquanto você lê estas palavras. Entre no lugar secreto, veja por si mesmo o que acontece realmente ali e aprenda o que os participantes **jamais** aprendem... o seu verdadeiro significado.

HORIZONTES
Brasil

Missão Horizontes
C. P. 293
09501-970 – S. Caetano do Sul - SP
Telefax: (011) 453-9795

O ENGANO FATAL

EXPOSIÇÃO DA MAÇONARIA ... POR UM DE SEUS PRINCIPAIS LÍDERES

JIM SHAW

& TOM McKENNEY

Mazinho Rodrigues

HORIZONTES
Brasil

Missão Horizontes
C. P. 293
09501-970 – S. Caetano do Sul - SP
Telefax: (011) 453-9795

Por James D. Shaw

• 33° GRAU — CAVALEIRO COMANDANTE DA CORTE DE HONRA

• PÓS-VENERÁVEL MESTRE — LOJA AZUL

• PÓS—MESTRE DE TODOS OS GRUPOS DO RITO ESCOCÊS

Tradução: Neyd Siqueira
Revisão: Ofenia Antonini
MISSÃO HORIZONTES
OUTUBRO 1995

MISSÃO HORIZONTES
Cx. Postal. 293
09501-970 – São Caetano do Sul – SP
Telefax: (011) 453-9795

DEDICATÓRIA

À multidão de homens sinceros que buscam a Luz.

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos a todos os amigos que me ajudaram e me encorarajam, especialmente Gynel Newton Wilson, de Jackson, Tennessee, que generosamente dedicou centenas de horas à coordenação e preparação do manuscrito, e cujo encorajamento contínuo foi temperado com sólidos conselhos editoriais.

ÍNDICE

Prefácio 7
Capítulo 1 Por Minha Própria Conta 9
Capítulo 2 Em Busca de um Futuro 13
Capítulo 3 Levado para a Luz 19
Capítulo 4 "Vou para a Flórida" 33
Capítulo 5 O Mestre Maçom 45
Capítulo 6 Subindo Mais 57
Capítulo 7 Estendendo as Atividades 67
Capítulo 8 Finalmente uma Religião 81
Capítulo 9 A Tempestade se Acumula 93
Capítulo 10 Para a Luz 107
Capítulo 11 Andando na Luz 119
Epílogo 133

Apêndices:

A Doutrina Maçônica Versus Doutrina Cristã 137
B Simbolismo Maçônico 157
C Moralidade Maçônica 163
D A Lenda de Hiram Abiff 167
E Palestra do 32º Grau 173

Oração Pedindo Libertação 176

PREFÁCIO

A Maçonaria, quando seguida com *sinceridade*, é uma busca de iluminação. Qualquer maçon entendido poderá dizer-lhe isto. Todavia, por baixo da superfície desta busca de luz, há muito mais. Esta verdade é poucas vezes compreendida pelo candidato a maçon. Na verdade a vasta maioria dos que buscam a maçonaria, jamais percebe que existe qualquer coisa a mais à sua disposição na maçonaria, além daquilo que vê e ouve nas reuniões de sua loja maçônica (Loja Azul). Essa grande maioria muito naturalmente aceita isso.

A própria riqueza de significado da palavra "luz", no entanto, deveria dizer-lhes que na luz que buscam deveria haver verdades —respostas à questões profundas. Deve haver revelações do sentido da vida, da morte e das coisas eternas.

Poucos maçons compreendem isto e prosseguem através dos níveis e cargos da maçonaria e dos escritos dos filósofos maçons, numa procura infindável de iluminação — para a satisfação intelectual e espiritual.

Só um pequeno número percebe aquele compromisso extra que vai além das motivações sociais e de negócios. Eles continuam a trabalhar, estudar, buscar e aprender, subindo a montanha do conhecimento maçônico, procurando por essa luz em toda a sua plenitude.

Jim Shaw foi alguém assim. Ele não se satisfez com a realização social ou com o conhecimento superficial; ele sentiu o significado mais profundo e verdadeiro dessa luz prometida e buscou-a de todo o coração, mente e forças. Sua busca ardente levou-o a ocupar todos os cargos de liderança da sua loja local (Loja Azul) e do Rito Escocês, chegando até a Casa do Templo em Washington, D.C., ao "Trigésimo-Terceiro e Último Grau" e à posição de Grande Soberano

Inspetor Geral, Templário Comandante da Casa do Templo de Salomão. Ali, no cume da montanha maçônica, ele transpôs finalmente as nuvens e encontrou a plena revelação, o verdadeiro sentido da luz e da vida. Esta é a sua história. Venha e faça com ele esta peregrinação até a Verdade.

Tom C. McKenney
Marion, Kentucky

Capítulo 1

POR MINHA PRÓPRIA CONTA

Minha mãe casou-se pela segunda vez quando eu tinha dois anos de idade. Eu era, naturalmente, pequeno demais para compreender que meu pai nos abandonara quando eu tinha apenas alguns meses. Jamais o vi.

Com o passar do tempo, meu padrasto começou a mostrar um crescente desagrado pela minha pessoa, que aceitei como normal, não tendo conhecimento ou experiência para fazer comparações sobre a vida. Ele amava realmente minha mãe, penso eu, à sua própria e imperfeita maneira. Mas este ressentimento contra mim criou problemas para ela desde o começo.

Minha avó cristã foi uma influência amada e poderosa em minha vida. Ela me amava. Nosso amor mútuo e sua evidente antipatia por meu padrasto contribuiram para que ele passasse a odiar-me e rejeitar-me cada vez mais.

Embora minha origem, minha avó e nosso amor um pelo outro, já fizessem impacto sobre meus problemas em casa, as coisas pioraram muito com o nascimento de minha meia-irmã. Era natural que meu padrasto a favorecesse, o que ele fez definida e claramente. Se alguma coisa tivesse permanecido de nosso relacionamento pai-filho, isso desapareceu com a chegada dela.

Depois de minha irmãzinha, nasceram três meninos. Com a vinda de cada um, a vida de meu padrasto foi cada vez mais preenchida com seus próprios filhos. Ao mesmo tempo, eu fui crescendo e perdendo qualquer vantagem de "criança" que tivera antes. Tornei-me apenas, óbvia e completamente, um adolescente indesejado, uma complicação inteiramente inoportuna em sua casa.

O TRABALHO COMEÇA CEDO

Por mais desagradável que isso fosse para mim, aceitei esse estado de coisas. Eu jamais conhecera algo diferente. E estava ocupado. Meu padrasto decretara que eu devia trabalhar e sustentar a mim mesmo. Foi o que fiz, começando com minha primeira entrega de jornais aos cinco anos. Logo estava comprando todas as minhas roupas, livros e material escolar.

Durante a escola elementar eu tinha uma boa freguesia para os jornais que entregava bem cedo de manhã, antes de ir para a escola, e um segundo emprego trabalhando na farmácia local depois da escola. À noite eu trabalhava vendendo jornais extras pelas ruas. Eu fazia as tarefas da escola, trabalhava nos meus empregos e não criava problemas — exceto em casa.

CONVIVENDO COM MAUS-TRATOS FÍSICOS

As coisas não pareciam assim tão más. Eu fazia o que tinha de fazer e achava minha vida praticamente normal — exceto por uma coisa: as surras que levava de meu padrasto não me pareciam normais. Elas eram freqüentes, sempre que ele conseguia arranjar uma desculpa — e não se pareciam com a disciplina amorosa de um pai piedoso que quer ensinar o filho. Eram sovas. Mas eu as aceitava, não vendo qualquer alternativa, e vivia o melhor possível. Eu me apegava à crença de que minha mãe e minha avó me amavam. Minha vida foi assim até aos 12 anos.

AS SURRAS ACABAM

Eu tinha 13 anos quando vi meu padrasto atacar minha mãe com o punho fechado. Não pensei nem um minuto. Apenas reagi, refletindo o que estava profundamente arraigado em minha natureza. Pulei sobre ele, afastei-o dela, e tivemos uma grande briga. Embora fosse bem maior que eu,

que não passava de um menino, lutei com a fúria de um filho salvando a sua mãe bem-amada, e com a ira reprimida de uma vida inteira de maus-tratos físicos e emocionais. Lutei com ele até derrubá-lo. Ele levantou-se e saiu de casa. Embora não tivesse compreendido no momento, aquela parte de minha vida terminara.

"VOCÊ PRECISA IR EMBORA"

Na tarde seguinte, quando voltei da farmácia para casa, minha mãe estava esperando-me no jardim. Ela chorava. Fez-me parar na porta e disse, "Jimmie, Joe mandou você fazer as malas e ir embora. Ele disse que não consegue mais conviver com você; é preciso que vá embora."

Minha mãe quase não podia falar. Quando compreendi a realidade do que ouvia, o choro subiu-me à garganta e derramou. Choramos juntos, de pé no jardim, mas aquilo era algo que nós dois precisávamos enfrentar. Ela tinha agora quatro filhos mais novos além de mim e uma vida a ser vivida.

A SEMENTE É PLANTADA

Enquanto carregava meus livros de escola e as poucas roupas que possuía, minha mãe continuou: "Quero que arranje um quarto perto do seu trabalho; e como você está sustentando-se, isso talvez não seja muito difícil. Quero que tente ser um homem. Tente ser como seu Tio Irvin (irmão dela); ele é um bom homem e um maçon. Ele vai à igreja e é bom para a sua família. Se você vier a conhecê-lo melhor talvez possa ser também um homem bom e um maçon como ele."

Minha mãe nada sabia a respeito da maçonaria, mas achava seu irmão um homem trabalhador, bom, e que ia à igreja.

Meu padrasto proibira a família de freqüentar os serviços da igreja, dizendo que todos os membros eram hipócritas. Acredito que o fato do Tio Irvin ser um membro ativo da Igreja

Metodista fosse a principal razão de minha mãe admirá-lo. Ela queria ser como ele. A semente que iria germinar mais tarde e crescer até a maturidade num compromisso ardente com a maçonaria, levando-me aos seus mais altos níveis de serviço e liderança, estava plantada.

Embora eu não compreendesse isso então, o curso de grande parte da minha vida já estava estabelecido. Mas eu não iria tornar-me apenas um bom maçon como o Tio Irvin, eu iria ultrapassá-lo de muito na maçonaria, pois ela viria a ser o centro do conhecimento, da sabedoria e da realização religiosa em minha vida.

Minha vida iria ser construída em torno da minha busca da luz e do companheirismo que encontrei na Ordem Maçonica e seus vários organismos.

Enquanto estávamos ali no jardim, naquele dia penoso e crucial, minha mãe continuou aconselhando-me: "Fique longe dos bilhares", disse ela, e sempre fiz isso. "Não fume cigarros", recomendou, e nunca fumei. Ela acrescentou, "se tiver de fumar, fume charutos como o seu Tio Irvin", e durante muitos anos de minha vida fiz isso.

Enquanto minha mãe falava, comecei a compreender a enormidade do que estava acontecendo. Com esta idéia crescendo em meu íntimo e cego pelas lágrimas, estendi os braços para ela, apertei-a contra mim, virei-me e fui embora. A cada passo que dava pela rua, afastando-me de minha mãe, o peso do mundo e de um futuro desconhecido caíam sobre os meus ombros de 13 anos.

Eu estava sozinho.

Capítulo 2

EM BUSCA DE UM FUTURO

A primeira coisa que eu tinha que fazer depois de deixar minha casa e minha mãe — pela primeira vez por minha própria conta em toda a minha vida — era encontrar um lugar onde morar. Minha mãe sugerira que encontrasse um quarto perto do meu emprego, em uma pensão que ficava logo abaixo da farmácia, na mesma rua. O dono da farmácia deu-me mais horas de trabalho de modo que pude deixar a entrega de jornais. Comecei a ajustar-me à minha nova vida.

Trabalhar na farmácia, ir para a escola e estudar encheram meus dias e noites. Mas consegui fazer as tarefas escolares e pude assim terminar a escola elementar e o ginásio, inclusive quatro anos do ROTC[1].

Durante esses primeiros anos por conta própria, minha avó foi ainda mais importante em minha vida. Ela era uma verdadeira rocha de estabilidade e apoio e nos tornamos muito íntimos.

Ela tentou fazer com que o Tio Irvin me levasse a passear e gastasse tempo comigo, pois sabia que eu nunca conhecera um pai. Ela queria que ele me ajudasse a encher esse vácuo na vida relativamente vazia de um adolescente e eu queria muito isso. Mas ele era muito ocupado — sempre muito ocupado — com suas atividades na Loja Maçônica, seu trabalho no correio e sua própria família.

Mamãe colocara-o como uma figura de pai para mim, como um modelo, e eu queria realmente conhecê-lo, mas ele não tinha tempo.

SOZINHO OUTRA VEZ

Depois de formar-me no segundo ciclo, com o encorajamento e ajuda financeira de minha avó, comecei a estudar para advogado. Naqueles dias era possível estudar advocacia diretamente depois da escola secundária, tirar o diploma LLB[2] na universidade estadual e fazer o exame da ordem, mas, depois de apenas um ano minha avó morreu e fui forçado a sair da escola. Meu mundo tornou-se subitamente mais vazio. Minha única amiga e protetora nesta terra, partira. Eu estava novamente sozinho.

BONNIE ENTRA EM MINHA VIDA

Meu trabalho, porém, mantinha-me ocupado e consegui ainda outro emprego naquele verão, esperando ganhar talvez o suficiente para mais um ano de direito. A essa altura eu estava definitivamente interessado em garotas e, embora tivesse muito pouco tempo para elas, comecei a encontrar algumas e a conhecê-las. Naquele verão encontrei Bonnie e quase tudo mudou em minha vida! Era outro ponto crítico, mas, como sempre, não compreendi isso na ocasião.

Bonnie era maravilhosa. Ela parecia corresponder ao meu sentimento e sua família gostava de mim e aprovava-me. As coisas andaram rapidamente; decidimos nos casar e logo fizemos isso. Desde que o meu segundo emprego (na esperança de outro ano na escola de direito) era num restaurante e eu estava aprendendo bastante sobre o negócio de restaurantes, a família de Bonnie sugeriu que entrássemos nesse ramo de negócio. Eles nos emprestaram dinheiro para comprar um ponto que estava à venda. Nós limpamos, pintamos e decoramos o lugar com capricho e logo nosso empreendimento prosperou. Estávamos gostando do trabalho, progredindo, e muito felizes com tudo, e um com o outro. A vida era boa.

A faculdade de direito estava desaparecendo do meu horizonte a essa altura. O caminho da minha vida fizera uma volta permanente em outra direção.

MINHA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA DAS ORDENS FRATERNAIS

Certo dia um homem, um freguês do nosso restaurante, pediu para falar comigo. Fui até à mesa em que ele se achava e perguntei o que queria. Ele disse que era representante da Ordem do Alce (Loyal Order of the Moose) e que eu fora escolhido para ser membro dela. Disse também que isso iria me oferecer importantes contatos sociais e de negócios, e seria bom para o meu restaurante.

A idéia pareceu-me boa e dentro em breve tornei-me membro. Ao mesmo tempo, Bonnie entrou para a sociedade de mulheres do Alce. Foi o começo de nosso envolvimento ativo nas ordens fraternais e eu não tinha a menor noção de onde isso iria, eventualmente, levar-me.

A Loja do Alce é muito diferente das ordens maçônicas que eu viria a conhecer tão bem, mais tarde. De um lado, as reuniões do Alce eram muito curtas. Nossa loja reunia-se no andar de cima, sobre uma lanchonete e um bar. Quando as reuniões relativamente curtas acabavam, quase todos desciam para o bar onde as coisas continuavam por um período bem mais longo (algumas vezes parecia ser esse o verdadeiro motivo para a reunião).

Eu não comparecia, porém, com frequência às reuniões do Alce até que perguntaram-me se queria ser membro da diretoria. Para um rapaz que nunca se sentira aceito e jamais fora diretor de coisa alguma, essa era uma proposta estonteante. Aceitei na mesma hora, tornando-me necessariamente muito mais ativo.

A lanchonete sob o Salão de Reuniões pertencia à Loja. O encarregado não tinha que pagar aluguel, nem quaisquer outras despesas, o que representava um lucro muito maior. Ele era membro da Loja e eu invejava as vantagens que lhe eram conferidas, comparadas com a minha própria situação.

O ÚLTIMO ADEUS DE MINHA MÃE

Durante todo o tempo em que Bonnie e eu tivemos o

restaurante, o Tio Irvin jamais fora ali; assim fiquei surpreso ao vê-lo entrar certo dia. Ele disse que meu avô estava lá fora no carro, mas não se sentia bem para entrar. Fui até ao carro para vê-lo e pude verificar imediatamente que meu avô parecia muito fraco e doente. Conversamos um pouco e o Tio Irvin logo despediu-se. Aquela foi a última vez que vi meu avô vivo, pois ele morreu na semana seguinte.

No seu funeral, notei que minha mãe não parecia nada bem de saúde. Ela estava pálida e fraca, tendo de fazer força até para levantar-se. Eu nunca a vira com aparência,tão má, mas pensei que fosse apenas a dor e a tensão pela perda do pai. Não me sentia à vontade para ficar muito perto dela, desde que meu padrasto também achava-se ali, mas, consolei-a o melhor que pude e, quando nos despedimos, ela me disse adeus. Como eu podia ter suspeitado que era o seu último adeus? Na semana seguinte ela morreu e no outro sábado, exatamente uma semana depois do enterro de meu avô, sepultamos mamãe.

Nunca fiquei sabendo a causa da sua morte. Até hoje há algo misterioso a respeito dela, como se alguma coisa estivesse sendo ocultada, embora pareça ter sido um ataque do coração.

Depois de terminado o serviço fúnebre, meu padrasto aproximou-se de mim e de Bonnie e disse: "Jim, preciso dizer-lhe uma coisa. Creio que sua mãe estaria ainda viva se eu não tivesse tratado você como tratei."

Depois ele exclamou com impulsividade: "Não vou me casar de novo!" Seis meses mais tarde estava casado outra vez. Mas creio que havia verdade no que me falou sobre a morte de mamãe. Ele saiu completamente da minha vida.

VEIO A GUERRA

Não muito depois da morte de minha mãe, a Segunda Guerra Mundial teve início e terminou a Grande Depressão. Os japoneses bombardearam Pearl Harbor e os Estados Unidos entraram no conflito. Estávamos finalmente em guerra e o encarregado da lanchonete na Loja do Alce foi recrutado. Isto

abriu uma vaga e a diretoria pediu-me para ocupar o cargo. Bonnie e eu conversamos a respeito e decidimos que, como eu provavelmente, iria ser recrutado em breve, deveríamos vender o nosso restaurante para ficarmos preparados. Logo passamos a trabalhar em tempo integral na Loja do Alce. Nossas vidas estavam agora ainda mais ligadas às ordens fraternais, mas não tínhamos nenhuma idéia de onde isso iria nos levar.

Mais de um ano se passou. Tentei entrar para a Marinha, sendo porém recusado. A lanchonete e as atividades da loja preenchiam todo o nosso tempo. Eu já tinha esquecido do recrutamento quando a notícia chegou: eu fora convocado.

A CONEXÃO MAÇÔNICA

Eu já havia terminado a escola há mais de seis anos e estava casado há cinco, quando entrei para o Exército durante a Segunda Guerra Mundial. Todavia, desde o início comecei a lembrar do que minha mãe disse-me naquele dia terrível, aos 13 anos, quando fui forçado a sair de casa.

Talvez fosse porque, mais uma vez, eu estava sozinho e entrando numa vida desconhecida até então para mim. Lembrei-me do Tio Irvin e seu envolvimento ativo na Loja Maçônica. Enquanto fazia o treinamento básico notei que muitos dos oficiais usavam anéis maçônicos.

Quase ao final do treinamento, dois homens de minha unidade foram selecionados como Candidatos a Oficial da Escola, para serem treinados como oficiais e comissionados para segundos-tenentes. Eu não fui escolhido e os dois selecionados eram ambos maçons. Pensei nos meus quatro anos no ROTC, minha idade, minha experiência e perguntei-me qual a razão de ter ficado de lado. Não imaginei que aqueles homens tinham sido escolhidos por maçons, por que eles eram maçons também. Anos depois eu iria compreender tudo isso muito bem. Mas na ocasião só podia ficar admirado.

SUBINDO O MONTE "SHAW"

Eu era muito mais velho que os outros homens da minha

companhia. De fato, era mais velho que o meu comandante. Apesar de minha "idade avançada", fora designado para a infantaria e trabalhava no pelotão de morteiros de uma companhia de fuzileiros. Viajávamos a pé e eu tinha que carregar o maior peso. Os outros chamavam-me "Papai", mas eu não me incomodava. Carregava meus pertences militares e pessoais, além de minha própria arma e geralmente ultrapassava os mais jovens.

Durante uma marcha de treinamento do Campo Butner até Raleigh, na Carolina do Norte, eu fui o único homem na companhia que conseguiu carregar outro até o cume de um certo monte no caminho.

O comandante do meu pelotão cumprimentou-me, deu ao monte o nome de "Monte Shaw" e essa pequena honra significou muito mais para mim do que qualquer outra pessoa ali poderia imaginar. Eu ainda penso às vezes, naquele monte situado na metade do caminho entre o Campo Butner e Raleigh, e no que o Tenente Ram disse naquele dia sobre este pequeno abandonado da cidade grande.

A guerra veio e foi embora. Deixando isso para trás, fiquei ainda mais certo de que podia vencer na vida. Com Bonnie ao meu lado, eu sabia que teria condições de êxito. Mamãe ficaria contente se soubesse. Eu poderia *realmente* ser um homem bom e bem-sucedido como o Tio Irvin.

---

[1] Oficial da Reserva do Corpo de Treinamento. Curso de treinamento que prepara jovens para serem oficiais do Exército. A Escola Secundária ROTC prepara os jovens para a faculdade ROTC e isso leva a uma posição de segundo-tenente.

[2] Bacharel em Leis e Letras, diploma tradicional da faculdade de direito.

Capítulo 3

LEVADO PARA A LUZ

A guerra terminara e eu estava de novo em casa com Bonnie. Estávamos supremamente felizes e nos preparávamos para entrar juntos na comunhão maçônica que se tornaria o nosso mundo.

Em breve contei a Bonnie que gostaria realmente de entrar para a Loja Maçônica. Eu lembrava dos oficiais maçônicos no treinamento básico e tinha necessidade de pertencer — necessidade de ser aceito — a um grupo de amigos, a uma família.

Bonnie fez imediatamente uma revelação surpreendente: ela era membro da Ordem da Estrela Oriental desde os 18 anos, e seu pai era maçon! Fiquei espantado, não fazia a mínima idéia disso. Ela jamais fora a uma reunião ou sequer mencionara o assunto para mim desde que a conhecera, mas ela ficou feliz com a minha decisão de ser maçon.

Fiquei contente por já termos essa base estabelecida e passei então a pôr sinceramente em prática a idéia.

POR QUE TODAS ESSAS MOEDAS?

Eu continuava sendo um membro em boa posição na Loja do Alce. Durante a guerra, enquanto estivera ausente, minhas taxas tinham sido suspensas (que era a atitude patriótica a tomar). Tínhamos muitos e bons amigos na Loja do Alce. Eles receberam-me com alegria e foi como se eu nunca tivesse estado fora — exceto que não éramos mais os encarregados da lanchonete.

Eu disse a alguns amigos no Alce que estava pensando em entrar para a Maçonaria e descobri que não havia qualquer

problema. Três dos meus irmãos do Alce eram também maçons. Eles ficaram contentes com a minha decisão.

Cada um deles deu-me uma moeda, dizendo-me para "conservá-la à mão", pois iria necessitar delas.

Foram um tanto misteriosos a respeito e não explicaram nada. Fiquei então imaginando o que significava toda essa história de moedas, mas não perguntei. Senti-me ainda mais intrigado com o passar dos dias, porque todo maçon com quem eu falava a respeito fazia a mesma coisa! Em breve tinha uma porção de moedas e fiquei certo de que era importante mantê-las "ao alcance da mão", mas não atinava nem de longe com o motivo. A natureza misteriosa da maçonaria era, porém, uma das coisas que me atraíam nela. Comecei a ficar cada vez mais ansioso para entrar.

Com a chegada da época do Natal, em fins de 1945, consegui um emprego temporário no correio. O Tio Irvin era ajudante do chefe do correio e poderia ter-me ajudado a conseguir o emprego, mas não fez isso. Consegui a vaga sem a ajuda dele; trabalhava no segundo turno, e tudo ia bem conosco.

PRIMEIROS PASSOS EM DIREÇÃO À LUZ

Bonnie e eu tínhamos dois amigos íntimos, Mac e Merle, que conhecemos antes da guerra. Merle trabalhara para nós no restaurante, casando-se mais tarde com Mac. Certa noite eles convidaram-nos para ir à sua casa e, depois do jantar, quando as senhoras estavam na cozinha, perguntei a Mac (que era maçon) como eu podia entrar para a Loja Maçônica.

Ele mostrou-se entusiasmado e respondeu: "Tudo o que você tem a fazer é pedir. Vou falar com um amigo meu do Corpo de Bombeiros para que recomende você; e com a minha recomendação[1] a bola vai rolar."

Passaram-se cerca de duas semanas. Recebi então um telefonema de um homem que disse fazer parte do comitê da Loja Maçônica que iria falar comigo, e perguntou se poderiam visitar-me naquela noite.

Disse que teria prazer em recebê-los e depois do jantar

naquela noite chegaram três homens[2]. Conversamos e eles fizeram-me perguntas sobre a minha pessoa, inclusive sobre as razões que eu tinha para desejar entrar para a Loja Maçônica. Mostraram-se agradáveis e como Mac já me dissera o que devia esperar fiquei, portanto, à vontade durante a entrevista. Eles sairam, concordando em que eu entrasse para a Loja.

PREPARO PARA A INICIAÇÃO

Alguns dias mais tarde recebi uma carta, avisando-me que deveria estar no Salão de Reuniões da Loja às sete horas, na noite de terça-feira. Fui pontual e descobri que dois outros homens deveriam ser iniciados na mesma ocasião que eu.

O secretário da Loja veio até nós e nos disse qual seria o custo da iniciação, explicando que essas taxas tinham que ser pagas para os três graus antes de procedermos à iniciação do primeiro grau.

Paguei o exigido e depois que os outros fizeram o mesmo, fomos levados a um cômodo que mais tarde conheci muito bem como a "Sala de Preparação", mas naquele momento eu não tinha idéia de onde estava e nem a razão de estar ali. Na Sala de Preparação recebemos ordens para tirar toda a roupa e recebemos um traje de duas peças feito de um material fino e branco que parecia um pijama; cada um de nós recebeu também um pé de sandália. Foi-nos dito para colocar a sandália no pé direito, deixando o esquerdo descalço. Estávamos agora preparados para receber o Grau de Aprendiz, ou o Primeiro Grau da Maçonaria.

Um indivíduo, chamado "Diácono Senior", entrou então e nos fez perguntas, tais como: "Por que desejam tornar-se maçons; estão entrando porque acreditam que isso vai ajudá-los em seus negócios, ou a obter influência na sua comunidade?"

Segundo a praxe, o candidato deve responder a essas perguntas como se não tivesse motivos egoístas, mas tem sido minha experiência que a vasta maioria dos maçons entra justamente por essas razões pessoais, para ajudar a si mesmo.

Na verdade, embora a teoria seja que os maçons não recrutam ninguém, nem informam os candidatos que há vantagens comerciais e profissionais em ser maçon, ambas as coisas são geralmente feitas. Mac havia também me preparado, avisando-me sobre tais perguntas, e dei respostas satisfatórias; pude fazê-lo com sinceridade, pois tinha um desejo sincero de entrar e *pertencer* — apenas pertencer. Então, o Diácono Senior foi embora.

Depois da saída dele meus olhos foram vendados. O candidato fica assim impossibilitado de ver ou saber a verdade do lugar em que está ou da sua situação.

Depois da venda ter sido posta, colocaram mais um pano grosso sobre os meus olhos, para assegurar que eu não pudesse ver nada, nem mesmo um raio de luz.

A seguir a camisa de pano leve foi arranjada de modo que meu braço esquerdo ficasse fora dela; o lado direito da camisa foi dobrado e enfiado, deixando nus o braço esquerdo e o lado esquerdo do corpo. A perna esquerda da "calça de pijama" foi enrolada, deixando nus o pé e a perna esquerda. Uma corda azul foi amarrada em meu pescoço. Eu estava pronto.

Embora quisesse muito entrar para a Maçonaria, comecei realmente a sentir medo. Não podia ver, não sabia onde me encontrava, estava semi-despido entre um número desconhecido de estranhos, sendo puxado por uma corda em meu pescoço, e certamente não sabia o que ia acontecer em seguida. Tive uma sensação de irrealidade e desamparo, fui tomado por uma espécie de onda de desorientação, insegurança e medo. Mac me contara (embora tivesse sob terrível juramento para não fazê-lo) um pouco sobre o que ia acontecer. Eu sabia que teria os olhos vendados, mas esperava poder ver pelo menos um pouco. Todavia, não conseguia enxergar absolutamente nada.

O fato de estar em completa escuridão produziu um sentimento profundo de abandono e deu lugar a pensamentos de coisas terríveis que poderiam ser feitas. O que impediu-me de ser vencido pelo medo foi saber que Mac, o Tio Irvin e meus amigos maçons na Loja do Alce estavam todos vivos e bem. Desde que todos tinham de alguma forma sobrevivido a isto, eu acreditava que também sobreviveria. Sentia-me, entretan-

to, extremamente desconfortável.

NO LUGAR SANTO

O Padrinho levou-me até a porta do Salão da Loja e mandou que batesse três vezes. Nada aconteceu a princípio, mas depois ouvi três pancadas em resposta do lado de dentro e uma voz perguntou: "Quem está aí?"

O Padrinho, respondendo por mim, replicou: "Um candidato pobre e cego que deseja ser levado das trevas para a luz e receber uma parte dos direitos, luzes e benefícios desta Venerável Loja dedicada aos Santos São João, como muitos irmãos e companheiros fizeram antes dele."

Perguntaram-me: "Este é um ato de sua livre e espontânea vontade?"

Induzido pelo Padrinho, respondi: "É".

Já estava ficando aparente, embora eu quisesse realmente ser maçon, que não haveria um intercâmbio sincero entre mim e essas pessoas invisíveis. Havia "certas" respostas pré-arranjadas para todas as perguntas também pré-arranjadas, e eu seria ensinado a como responder. A voz do outro lado da porta perguntou se eu estava adequadamente preparado, se era digno e se tinha qualificações. O Padrinho respondeu afirmativamente a essas perguntas.

A seguir, outra voz perguntou: "Mediante quais outros direitos ou benefícios ele espera ser admitido?"

O Padrinho respondeu por mim, "Por ser homem, nascido livre, maior de idade e bem recomendado."[3]

A voz do outro lado disse então: "Ele deve aguardar com paciência até que o Venerável Mestre seja informado e dê a sua resposta."

Depois de outro período de espera no silêncio negro, a porta abriu-se diante de mim e a voz disse que me era permitido entrar e ser recebido "na forma devida e antiga." Fui levado através da porta. Embora não soubesse onde estava, havia passado dos portais protegidos para o santo e secreto lugar. Estava dentro de uma Loja pela primeira vez em minha vida.

LEVADO PARA A LUZ

Aquela mesma voz que ouvi do lado de dentro da porta (era do Diácono Senior) disse então, diretamente diante de mim: "Você é recebido nesta Loja de Aprendizes mediante a ponta de um instrumento agudo picando o lado esquerdo do seu peito nu, para ensinar-lhe que este é um instrumento de tortura da carne, a fim de que essa lembrança fique gravada em sua mente e consciência, no caso de atrever-se a revelar qualquer dos segredos da Maçonaria, ilegalmente."

O "instrumento agudo" era na verdade um grande compasso com as duas pontas agudas unidas como se fossem uma única, e era "agudo" mesmo.

Senti realmente dor quando foi fincado em minha carne. Quando ele disse "atrever-se", enfatizou a palavra cutucando-me outra vez. A coisa estava tornando-se cada vez mais séria e senti ainda mais medo. Todavia, naquelas circunstâncias, fiquei silencioso e não dei resposta.

Fizeram-me andar outra vez, guiado pelo mesmo homem que segurava a corda em meu pescoço e meu braço esquerdo. Paramos. Outra voz (era o Venerável Mestre) ordenou que eu fosse levado a um lugar no centro da sala para orar. Levaram-me até ali, fizeram-me ajoelhar, e o Mestre fez uma oração formal, generalizada, jamais mencionando Jesus e terminando com: "Assim seja."

Depois da oração ele veio até onde eu estava ajoelhado, colocou a mão sobre a minha cabeça e perguntou: "Em quem você coloca a sua confiança?"

Exceto por algumas vezes quando criança, quando estava com minha avó, eu nunca estivera na igreja ou fora ensinado sobre Deus e realmente não sabia como responder. Fiquei embaraçosamente silencioso pelo que me pareceu muito tempo.

O Diácono Senior finalmente inclinou-se e sussurrou em meu ouvido que eu devia dizer "Em Deus",[4] e fiz isso. O Mestre disse então que desde que minha confiança estava em Deus, minha fé era bem fundada e eu devia seguir o meu "condutor" (o Diácono Senior que estava me guiando pela corda ao redor do meu pescoço) e não temer. Isso ajudou um pouco, mas eu

não me sentia nada à vontade.

Fui então levado a outro lugar na sala, onde outro homem (o Diretor Junior) fez as mesmas perguntas que me foram feitas antes de ter entrado na sala. Ele ordenou a seguir que eu fosse levado para outro lugar onde o Diretor Senior repetiu as mesmas perguntas e recebeu as mesmas respostas. Em cada parada alguém batia uma vez com um martelo.

Tudo era muito estranho e formal e as perguntas e respostas começavam a soar familiares. Dali fui levado à presença do "Venerável Mestre do Leste", que fez *as mesmas* perguntas e recebeu as mesmas respostas. A coisa foi ficando repetitiva. Depois disso, sob ordens do Venerável Mestre, recebi instruções sobre a maneira apropriada de "chegar ao Leste"[5]: "Olhe para o Leste. Dê um passo com o pé esquerdo e coloque o calcanhar do seu pé direito no peito do pé esquerdo, formando com os pés o ângulo do retângulo."

Ele ajudou-me a fazer isto porque eu não podia enxergar, segurando-me para que não perdesse o equilíbrio. Era um modo estranho de ficar de pé e o fato de estar vendado tornava as coisas ainda mais complicadas. A seguir, repentinamente, ele gritou: "FIQUE ERETO!"[6]

Aquilo me assustou e fiquei imaginando o *que* significava (eu já estava de pé, embora meus pés estivessem meio torcidos). Àquela altura, já começava a esperar esse tipo de coisas estranhas e, embora certamente não soubesse, uma surpresa ainda maior me aguardava.

A voz do Venerável Mestre, em algum ponto à minha frente, disse: "Amigo, pela primeira vez em sua vida você chegou ao altar da Maçonaria. Está à nossa frente procurando ser admitido em nossa Ordem. Antes de prosseguir, porém, fique avisado da solenidade e importância do passo que está prestes a dar. Se não quiser continuar, retire-se enquanto ainda há tempo."

Eu havia passado por momentos de medo, nos quais pensei em ir embora, mas me senti retido pelos acontecimentos. Agora, enquanto me mantinha ali, com os olhos vendados e desorientado, sem saber quem (ou quantos homens) estava olhando para mim, comecei a sentir um estranho torpor. Sentia-me ainda uma vítima, mas não queria realmen-

te sair. Era como se estivesse sendo impelido por uma força que não conhecia nem compreendia. O Mestre continuou fazendo comentários sobre a natureza da Ordem e do elevado caráter moral exigido para fazer parte dela.

Fui então colocado de joelhos diante do altar, "na forma devida." Isto significava ajoelhar sobre o joelho esquerdo nu, estender a perna direita para formar a Cruz Tau ("ângulo de um quadrado"), com a mão esquerda sob a Bíblia no altar (em cima da qual estavam o esquadro e um compasso), a mão direita repousando ali e com o corpo ereto. Eu estava agora pronto para fazer o juramento, embora certamente não soubesse disso, não sabendo *nada* do que esse juramento *continha*.

DIZENDO ADEUS A JESUS

O Mestre assegurou-me então que o juramento que eu iria fazer a seguir, de maneira alguma estaria "em conflito com opiniões religiosas, políticas ou particulares, fossem quais fossem elas"[7] e perguntou-me se estava disposto a continuar. Eu não sabia na verdade do que ele estava falando, mas parecia algo seguro e respondi: "Estou."

Fui levado então a jurar, repetindo as palavras do Venerável Mestre, fazendo o juramento de um Aprendiz Maçom. Ele dizia algumas palavras e eu as repetia, não tendo idéia do que estava jurando até que os grupos de palavras adquirissem sentido.

Enquanto o processo continuava, compreendi que estava jurando proteger os segredos da Loja. Depois me ouvi dizendo que estava "comprometendo-me a sofrer o castigo de ter a garganta cortada de orelha a orelha, minha língua arrancada pela raiz e enterrada nas areias do mar a uma distância de 231 metros da praia, onde a maré sobe e esvazia duas vezes em vinte e quatro horas, caso alguma vez, voluntária, involuntária, ou ilegalmente violasse este meu Juramento de Aprendiz, e que Deus me ajudasse e me mantivesse fiel."

Comecei a perceber o terror do juramento enquanto o repetia, e senti medo e repulsa ao mesmo tempo. Tendo começado, porém, e tendo chegado até ali, fui até o fim.[8] O

Mestre então disse-me que para selar o juramento eu devia beijar a Bíblia que estava diante de mim. Minha mão estava sobre ela e, portanto, eu sabia onde se achava e me inclinei e beijei-a. Eu não sabia que estava na verdade dizendo adeus a Jesus diante de um altar pagão. Não sabia que durante toda a minha vida na maçonaria não teria permissão de orar no Seu nome, nem sequer ouvir ou falar Seu nome na Loja, mesmo nas leituras bíblicas.[9] Mas eu não O conhecia então e não teria tido qualquer sentimento de perda naquele momento mesmo que soubesse disso.

QUERO UM COPO DE ÁGUA

O Venerável Mestre ordenou a seguir que, desde que eu estava agora ligado à Loja "por um juramento que não podia ser quebrado", a corda deveria ser removida do meu pescoço.

O Diácono Senior a tirou.

O Mestre disse-me: "Meu irmão, em sua presente condição de cego, qual é o seu maior desejo?"

Eu tinha passado por um longo período de tensão e àquela altura estava com muita sede. Supus, pela sua pergunta, que o que quer que eu pedisse provavelmente me dariam. Pensei um pouco e estava para dizer "um copo de água gelada", quando o Diácono Senior inclinou-se e sussurrou ao meu ouvido: "Luz."

Um pouco desapontado eu repeti: "Luz."

A grande surpresa estava quase pronta. O Mestre chamou os membros da loja até ao altar e eles reuniram-se em fileiras ao meu lado, uma de cada lado, enfileirados do leste para o oeste.

Ele então citou o livro de Gênesis onde Deus disse: "Haja luz" e declarou: "Em solene imitação dEle eu, da mesma forma, declaro maçonicamente: "Haja LUZ!'"

Quando ele gritou "LUZ", todos os outros homens presentes ao meu redor bateram as mãos e os pés ao mesmo tempo, assustando-me terrivelmente e, na mesma hora, o Diácono Senior arrancou a venda dos meus olhos; fiquei ofuscado com a luz brilhante.

O Venerável Mestre disse então: "E há luz."

Fiquei aturdido e ofuscado momentaneamente. O Mestre continuou a falar, explicando os objetos que eu estava começando a ver diante de mim. Ele me falou sobre a Bíblia,[10] o esquadro e o compasso, o seu significado, e chamou os três objetos de "três grandes luzeiros da Maçonaria." A seguir referiu-se às três velas ao redor do altar e disse que elas representavam os "três luzeiros menores" da maçonaria, que na realidade são o sol, a lua e o Venerável Mestre da Loja. Nada disso significava muito para mim na época, exceto que eu já tinha uma vaga idéia de que a Bíblia era supostamente um livro sagrado.

O Venerável Mestre mostrou então como realizar a guarda-devida (mantendo as mãos na posição em que elas tinham estado no altar, a esquerda com a palma para cima e a direita sobre ela, com a palma para baixo), e o sinal. O sinal era feito descendo a mão aberta da orelha esquerda, através da garganta, e subindo para a orelha direita, como se dando um corte na garganta. Eu estava ainda ajoelhado no altar. O Mestre demonstrou depois o aperto secreto (apertando o nó do indicador direito) e deu-me a senha secreta ("Boaz").

Ele ajudou-me a levantar e deu-me instruções para cumprimentar os Diretores Junior e Senior com a guarda-devida e o sinal. Fiz isso guiado pelo Diácono Senior.

Voltando então para o lado oeste do altar, esperei enquanto o Venerável Mestre aproximava-se e me oferecia um avental de pele de cordeiro. Ele explicou tratar-se de um emblema de inocência e a marca de um maçom. Falou também da sua importância e depois disse-me que o levasse ao Diretor Senior no oeste que ele me daria instruções sobre o seu uso. Fiz isso, pensando que havia muito movimento naquelas cerimônias.

O Diretor Senior explicou o uso pelos antigos pedreiros e membros da Loja, e maçons "especulativos", inclusive a maneira como eu devia usá-lo (com o peitilho levantado). Colocou então em mim o avental, levou-me de volta ao meu lugar no altar, ambos saudamos o Venerável Mestre, vindo então o breve relatório: "As suas ordens foram obedecidas, Venerável Mestre."

EXPLICAÇÃO DAS MOEDAS

Neste ponto o Mestre pediu que eu depositasse algo metálico de valor, e pediu que procurasse em minha pessoa tal objeto.

"As moedas", pensei, "esta é a razão para as moedas."

Eu sabia que não adiantava procurar no pijama, pois não tinha bolsos. O Mestre explicou então que tudo aquilo era para lembrar-me de minha "condição de pobre e sem dinheiro", se viesse algum dia a encontrar um amigo, especialmente um irmão maçon, necessitado. Eu deveria dar-lhe, o que me fosse possível "sem inconveniência."

Mandaram-me em seguida retornar ao quarto de vestir, devendo voltar depois e receber novas instruções.

Fui para ali pensando: "Isto explica todo o mistério sobre as moedas, mas ao mesmo tempo não explica. Eles disseram que eu *precisaria* delas e na verdade não precisei."

Essa era uma verdade parcial — mas não a verdade clara, simples. Eu tinha sido realmente enganado. Fiquei imaginando se isso era de alguma forma uma indicação de novos enganos futuros. Eu tinha acreditado completamente neles e, no entanto, as coisas não se mostraram completamente verdadeiras.

Depois da minha volta, saudei o Venerável Mestre e tomei assento como membro da Loja. Fiquei observando, com crescente compreensão, quando os dois outros candidatos foram iniciados depois de mim.

Eu era finalmente um maçom, sem qualquer ajuda do Tio Irvin.

---

[1] Uma indicação para aceitação é chamada de "recomendação" na Loja, como acontece com os mórmons que buscam ser admitidos nos rituais secretos do Templo Mórmom. Joseph Smith, fundador do mormonismo e autor do ritual do templo Mórmom, era maçon. Grande parte do ritual do templo mórmom é igual ao ritual maçônico, tendo sido aparentemente "tomado de empréstimo" dele por Smith. Duas dessas "recomendações" são exigidas antes de ser possível a admissão na loja maçônica.

[2] Esses três homens compunham o "Comitê de Investigação"; há sempre três homens, e eles são eleitos a cada ano para esta posição.

[3] Embora essencialmente os mesmos, os rituais para os três primeiros graus ("Azul") variam um pouco de estado para estado nos E.U.A. Na maioria dos estados as palavras incluem o termo "branco", pois negros e mulheres são completamente excluídos da irmandade maçônica. Existe um sistema maçônico negro, chamado de "Princípe de Todas as Lojas", mas não está ligado de forma alguma com a maçonaria "branca". Ele é chamado de maçonaria "clandestina" e considerado pelo resto da maçonaria como uma espúria e ilegítima imitação.

[4] Algumas coisas bem estranhas acontecem nessas cerimônias. Certa vez, mais tarde, quando eu era o Venerável Mestre, coloquei a mão sobre a cabeça do candidato e perguntei: "Em quem você confia?" Sem hesitação o homem respondeu: "Em minha mulher."

[5] "O leste" é o local na Loja onde o Venerável Mestre senta no seu trono/cadeira de autoridade. Nas religiões misteriosas antigas, das quais surgiu a maçonaria, o sol era adorado, e a direção mais sagrada era o leste, onde o sol nascia a cada manhã para renovar a vida na terra.

[6] Esta posição dos pés não é uma coincidência quando a pessoa fica diante do Venerável Mestre "no leste". A posição dos pés forma a "Cruz Tau", um símbolo fálico desde a antigüidade associado com a adoração fálica e adoração do sol, na qual o sol era visto como a fonte da vida (homem), levantando-se todos os dias no leste para impregnar a terra (mulher) com uma nova vida. Tal adoração era sempre feita olhando para o leste. No ritual, a ordem "FIQUE ERETO" não é também uma coincidência, e tem um significado simbólico óbvio. Veja o Apêndice B, "Simbolismo Maçônico".

[7] Na melhor das hipóteses, isto é logicamente absurdo. Ele não tinha meios de saber isto, pois não tinha conhecimento dos valores, crenças e padrões que eu possuía então, ou no futuro. Uma clara exceção a esta falsa segurança, por exemplo, é que todos os cristãos são proibidos pelas Escrituras a fazerem juramentos, especialmente juramentos de sangue, de mutilação e assassinato.

[8] Têm sido registrados casos de homens que se detiveram no ponto em que deviam fazer o terrível juramento e se recusaram a continuar, mas tais casos são raros. Quase todos os homens, ao chegarem a esse ponto, tendo quase terminado o juramento, prosseguem por medo, pela sua posição humilhante, por causa da corda no pescoço e do efeito hipnótico da cerimônia, embora possam sentir repulsa pelo que estão fazendo.

[9] Numa "Loja bem organizada" não é permitido dizer o nome de Jesus. Orar em Seu nome é uma ofensa grave e pode até levar ao fechamento da loja. Quando passagens do Novo Testamento são lidas nos rituais, as partes que incluem o nome de Jesus são simplesmente omitidas.

[10] Nesta parte do ritual o Venerável Mestre diz ao iniciado: "a Bíblia Sagrada deve ser a regra e guia para a sua fé e prática." Anos mais tarde, quando eu era o Venerável Mestre, um amigo que era oficial na Loja me

perguntou depois de uma iniciação: "Jim, se é verdade que a Bíblia deve ser a nossa regra e guia, por que não seguimos os seus ensinamentos?" Ele fez uma excelente pergunta, para a qual eu não tinha resposta, e em breve deixou a maçonaria.

Capítulo 4

"VOU PARA A FLÓRIDA"

Depois de sermos os três iniciados no Grau de Aprendiz, um dentre os irmãos experientes da Loja foi designado como nosso instrutor. Ele deveria reunir-se conosco pelo menos uma vez por semana na Sede da Loja, durante várias semanas,[1] para estudar conosco o material a ser decorado até que estivéssemos prontos para recitá-lo diante da Loja e recebermos definitivamente o grau.

Esse trabalho de memória consistia de partes do ritual de iniciação (o qual nos tinham ajudado a dizer durante a iniciação, ou haviam simplesmente mostrado ou falado para nós), como também a palavra secreta, a guarda-devida, o sinal, o aperto, e o juramento (obrigação). A seguir, quando estívéssemos prontos, iríamos ser examinados oralmente diante da Loja, sendo as perguntas feitas através do nosso instrutor.

Nosso exame final para o Grau de Aprendiz ocorreria na mesma noite em que seríamos iniciados no Grau Companheiro, o que indicava uma reunião demorada naquela noite.

O instrutor estabeleceu uma noite determinada para nos reunirmos com ele e eu fiquei ansiosamente à espera. Eu estava definitivamente motivado, entusiasmado, pronto para continuar. Queria fazer o exame oral para o Grau de Aprendiz e ser iniciado no Grau Companheiro o mais depressa possível.

Enquanto isso, Roy, um amigo com quem estivera no Exército, telefonou-me. Ele estava morando no sul da Flórida em um dos lados de uma casa duplex. O outro lado estava vazio. Ele insistiu para que Bonnie e eu deixássemos o norte, com seus invernos longos e frios, e fôssemos para a Flórida, morar com ele e sua família. Meu amigo pintou um quadro atraente e disse que tinha a certeza de que ambos encontraríamos emprego ali.

Na verdade, nós não queríamos partir, pois a cidade era o nosso "lar". Tinhamos crescido ali e nossos parentes também moravam na mesma cidade. Continuei com o meu emprego no correio e fiquei à espera das sessões de treinamento com o nosso instrutor na Sede da Loja. Acreditava que em breve estaria pronto, com os outros dois homens, para fazer o exame. Fiquei pensando em Roy e no que ele sugerira, mas era uma mudança grande demais para ser feita levianamente.

NUMA NOITE FRIA

O Natal viera e se fora, depois o Ano Novo, e eu continuava no correio. Trabalhava no segundo turno, das 3 às 11 da noite, no sul da cidade onde os pacotes eram manuseados. A temperatura baixara terrivelmente.

Numa noite gelada, depois de terminar meu turno, fui para o estacionamento para pegar o carro e ir para casa como sempre fazia. Quando tentei ligar o carro o motor não funcionou; estava congelado. Uma boa parte da gasolina que era vendida na época continha água e fui vítima de um tanque cheio dela. O cano de gasolina e o carburador haviam congelado e o carro simplesmente não dava partida. Fiquei encalhado ali, numa noite de inverno muito rigoroso.

Não ficara ninguém no estacionamento para dar-me carona, e eu não tinha nada a fazer senão andar até a cidade, pegar um bonde e ir para casa.

Fechei o carro, enrolei-me no casaco e dirigi-me para o centro, enfrentando um vento norte cortante. Enquanto caminhava com os pés enregelados, comecei a pensar em Roy e na sua proposta. Quanto mais pensava nela, tanto mais atraente tornava-se a idéia daquele clima ameno.

Em breve, a cada passo que dava eu dizia a mim mesmo: "Vou para a Flórida, vou para a Flórida, vou para a Flórida", em cadência com os meus passos que estalavam no solo gelado. A cada momento ficava mais decidido a fazer isso e quando cheguei à cidade e o primeiro bonde parou, a decisão estava tomada. Íamos para a Flórida e quanto mais cedo melhor!

Quando apresentei a idéia a Bonnie, ela aceitou e imediatamente começamos nossos preparativos. Pensamentos de como a minha mudança afetaria meu progresso na maçonaria não causaram muito impacto; isso podia ser arranjado de alguma forma. Naquele frio, os pensamentos contrastantes de palmeiras, brisas mornas e laranjais, prevaleceram. Íamos para a Flórida, pelo menos até que o terrível inverno passasse.

Dentro de poucas semanas estávamos a caminho do sul. Passamos pelos Estados de Kentucky, Tennessee e Geórgia. Quanto mais para o sul dirigíamos, tanto mais quente ficava o tempo e tanto mais feliz eu me sentia. Parecia uma coisa bem "certa".

UMA PAUSA TEMPORÁRIA

Ao chegarmos à Flórida mudamo-nos imediatamente para o outro lado da casa duplex que Roy e sua família ocupavam e estabelecemos-nos. Eu estava em contato com a Loja da minha cidade e eles pensavam que nós íamos voltar em breve. Eu também pensava assim, mas não tinha qualquer vontade de apressar-me. Meu instrutor finalmente escreveu que os outros dois homens que haviam sido iniciados comigo como Aprendizes já eram Mestres Maçons (tendo completado os primeiros três graus). Ele queria saber a data da minha volta e estava preocupado com a idéia de que eu não iria lembrar-me do material depois de tanto tempo, mas, na verdade eu lembrava muito bem, pois repassava o mesmo mentalmente com freqüência. Eu me lembrava, embora não tivesse podido assistir nem mesmo a primeira sessão de treinamento com o instrutor antes de partir para a Flórida.

Foi sugerido que talvez eu pudesse continuar com o trabalho para receber o grau lá mesmo na Flórida e fiz então perguntas a respeito. Fiquei sabendo que, com uma carta da Loja da minha cidade, eu poderia continuar na Flórida como um "candidato de cortesia" e terminar os três graus ali mesmo. Desde que já pagara os três Graus Azuis[2], não teria que pagar nada para recebê-los na Flórida. Fiquei entusiasmado, fiz os arranjos necessários e imediatamente comecei o trabalho de

memorização com um instrutor da loja local.

POR QUE IR EMBORA?

Nesse meio tempo eu me candidatei a um emprego na Alfândega e fui aceito. Bonnie já tinha um bom emprego e tudo corria bem. A primavera chegara e o frio tinha passado lá em casa, mas os pensamentos de voltar para o norte estavam perdendo o seu apelo. Conversamos, discutimos as coisas com Roy e sua mulher e consideramos os fatos de que ambos tínhamos bons empregos onde estávamos, que não tínhamos trabalho em nossa cidade, e que estávamos gostando cada vez mais da Flórida. Assim sendo, raciocinamos, por que ir embora? Decidimos ficar ali mesmo, pelo menos durante certo tempo.

DE VOLTA À MAÇONARIA

Pode parecer que minha ardente busca da maçonaria havia sido interrompida, que fora posta de lado nos alvos e valores da minha vida, mas não se tratava disso, de modo algum. Eu estivera preocupado com minha mudança para a Flórida e com a procura de um bom emprego. Isso, entretanto, durara apenas alguns meses. Eu continuara a ensaiar o material do grau secreto em minha mente todo o tempo e me mantivera em contato com a Loja em Indianápolis. Ficara um pouco distanciado, mas nada mudara em meu coração.

Ao ser aceito pela Loja da Flórida como um candidato de cortesia para os Graus Azuis restantes, voltei diretamente à minha busca ativa do pico da montanha maçônica.

Logo fiquei pronto para o exame oral do Grau Aprendiz e iniciação ao Grau Companheiro. Eu jamais deixara de memorizar e preparar-me, e estava ansioso para resolver tudo de uma vez.

UM COMPANHEIRO MAÇOM

Apesar de achar-me agora em outra Loja (cada Estado

tem sua "Grande Loja" separada e, em muitos casos, independente das outras) e na jurisdição do sul,[3] as coisas eram essencialmente as mesmas na Flórida e senti uma familiaridade básica com o que estava acontecendo enquanto preparavam-me para a iniciação do grau Companheiro. Quando cheguei à sede da Loja e fui levado para a Sala de Preparação, estava muito mais relaxado do que da primeira vez, alguns meses antes, em Indianápolis. Três outros homens iam ser examinados comigo, inclusive um que fizera anteriormente o exame e fora reprovado. Esperamos em nossos trajes de rua enquanto o Venerável Mestre abria a Loja para o Grau de Mestre Maçon (a Loja é sempre aberta no grau de Mestre Maçom quando os candidatos devem ser examinados para os Graus Azuis). A seguir a Loja foi "fechada" para o Grau de Aprendiz, para o exame, e o Diácono Senior escoltou-nos até ao salão da Loja, colocando-nos perto do altar.

Nosso instrutor mudara agora de papel, tornando-se nosso examinador, como sabíamos que faria. Ele tomou seu lugar do lado oeste do altar, ficando de frente para nós, e começou a fazer-nos as perguntas para as quais havíamos sido preparados. Nem todas as perguntas foram feitas a cada um de nós, mas como é natural, era necessário que cada um soubesse todas as respostas, pois não tínhamos idéia de quais perguntas nos seriam feitas.

Respondemos às suas perguntas em ordem, sem uma falha, e fomos depois levados de volta à Sala de Preparação para esperar enquanto os membros da Loja votavam sobre a questão de conceder-nos ou não o grau.

Depois de pouco tempo, o Diácono Junior entrou na Sala de Preparação e disse-nos que havíamos sido todos aceitos e receberíamos o Grau de Aprendiz. Ficamos satisfeitos, embora sem muita surpresa, e imediatamente mandaram-nos tirar as roupas a fim de prepararmo-nos para a iniciação para o Grau (segundo) Companheiro. Despimo-nos e recebemos blusas e calças de pijama, muito semelhantes àquelas que eu lembrava de ter usado na iniciação do Grau de Aprendiz e, novamente, uma sandália. Desta vez, porém, disseram-nos para colocar a sandália no pé esquerdo, deixando o direito nu. A perna direita das calças foi enrolada acima do joelho e o

braço direito ficou fora da blusa, deixando nu o lado direito do dorso.

Estávamos prontos, mas desta vez eu não seria o primeiro; o homem que falhara e fora forçado a repetir o exame foi levado para o Salão da Loja e iniciado em primeiro lugar.

Quando o primeiro homem terminou a iniciação, colocou novamente as roupas e sentou-se no Salão da Loja para observar o resto de nós; era a minha vez.

Fui vendado da mesma forma de antes, mas quando amarraram a corda em mim, ela não foi colocada em volta do pescoço e sim enrolada duas vezes em torno do braço direito. O Padrinho levou-me até à porta interna e disse que batesse três vezes. Depois de uma pequena demora, ouvi três batidas em resposta do outro lado da porta. O Padrinho abriu a porta o suficiente para permitir a comunicação e perguntaram (foi o Diácono Senior, como no primeiro grau): "Quem está aí?"

O Padrinho, que me segurava replicou: "Um irmão regularmente iniciado como Aprendiz e que deseja agora receber luz adicional na Maçonaria passando para o grau Companheiro. "

O Diácono Senior perguntou-me então: "Este é um ato de sua livre e espontânea vontade?" e eu respondi: "Sim."

Desta vez as coisas não eram tão estranhas e novas; de fato, pude antecipar algumas delas antes de acontecerem. Eu estava muito mais descontraído. O Diácono Senior perguntou ao Padrinho se eu me encontrava devida e verdadeiramente preparado e se tinha boas qualificações.

O Padrinho respondeu ambas as perguntas com uma afirmativa.

O Diácono Senior perguntou ao Padrinho se eu tivera boas notas no grau precedente, e ele respondeu que sim. O Diácono Senior perguntou então "por qual outro direito ou benefício" eu esperava obter admissão. O Padrinho respondeu: "Pelo benefício do Passe."

Perguntaram ao Padrinho se eu tinha o passe e ele respondeu que eu não o tinha, mas que ele o daria a mim.

A porta foi aberta apenas o suficiente para o Padrinho sussurrar a senha ao Diácono Senior, que disse por sua vez: "Que ele espere até que o Venerável Mestre seja informado do

seu pedido e dê a sua resposta."

A porta foi fechada. Depois de um curto espaço de tempo ela abriu-se e o Diácono Senior disse bem à minha frente que era desejo do Venerável Mestre que eu entrasse na Loja dos Companheiros e fosse recebido "na forma devida e antiga." Essa parte pareceu-me muito familiar.

O Diácono Senior falou depois para mim: "Meu irmão, é da vontade do Venerável Mestre que você seja recebido nesta Loja mediante o toque do ângulo de um esquadro do lado direito do seu peito nu, o que ensinará a você que o esquadro da virtude deve ser uma regra e guia da sua conduta em todos os seus atos futuros para com a humanidade e muito especialmente com um irmão maçom."

Enquanto dizia isso, ele apertou a ponta do esquadro em meu peito nu; foi desconfortável, mas não tão penoso quanto as pontas do compasso pressionadas contra mim na primeira iniciação. A seguir ele tomou-me firmemente pelo braço direito e começou a guiar-me em volta da sala. É embaraçoso andar num lugar estranho sem ver, mesmo quando alguém nos guia. Você sempre pensa que vai bater em alguma coisa.

Fiz então uma volta ao redor do Salão da Loja e, quando passamos por certos lugares, eu ouvi batidas, duas de cada vez. Parecíamos estar dando outra volta e desta vez paramos (no lugar do Diretor Junior) e ouvi três batidas. As mesmas perguntas e respostas trocadas à porta foram repetidas.

A seguir o Diretor Junior perguntou: "Ele tem a senha?"

O Diácono Senior respondeu: "Não, eu a darei a ele."

Depois de receber ordem para prosseguir e dar a senha, o Diácono Senior fez isso, dizendo "Chibolete". O Diretor Junior replicou: "Certo. Pode passar."

Começamos a nos movimentar novamente e paramos como antes (desta vez foi no lugar do Diretor Senior). As mesmas perguntas e respostas foram trocadas e o Diretor Senior ordenou que eu fosse conduzido ao Venerável Mestre no Leste para receber instruções finais. Andamos então até o lugar do Mestre. Ali as mesmas perguntas foram feitas e as mesmas respostas dadas. (A semelhança com o ritual de iniciação do Grau de Aprendiz era aparente para mim, mesmo naquela época). O Venerável Mestre ordenou então que eu

voltasse ao Diretor Senior no Oeste, que me instruiria sobre a maneira apropriada para aproximar-me do Leste. Voltamos então até o Diretor Senior e ele disse que o Diácono Senior deveria dar-me as instruções adequadas.

A idéia de que essa era uma viagem inútil passou pela minha mente quando o Diácono Senior fez-me dar uma volta olhando para o Leste. Disse-me para começar com o pé esquerdo como um Aprendiz, depois dar um passo com o pé direito, levando o calcanhar do pé esquerdo até ao peito do pé direito, formando o ângulo de um quadrado oblongo (a Cruz Tau).

Esta tinha sido justamente a maneira como eu fizera na primeira iniciação, exceto que o passo extra resultou em inverter a Cruz Tau feita com os meus pés. Depois disso, como antes, o Diácono Senior disse de repente e em voz alta em meu ouvido, "FIQUE ERETO!" Desta vez eu já esperava isso e não fiquei surpreso como anteriormente, mas, mesmo assim, aquilo teve um efeito estranho sobre mim que não compreendi.

A seguir o Venerável Mestre começou a falar bem à minha frente. Ele disse que nosso conhecimento como maçons é progressivo e nossa obrigação é também progressiva. Mas ele assegurou-me, da mesma maneira que tinha sido assegurado na iniciação do Grau de Aprendiz, que nada em meu juramento ou obrigação iria entrar em conflito com os meus deveres para com o meu Deus, meu próximo ou comigo mesmo, afirmando que iria simplesmente fazer com que eu me ligasse mais de perto com os irmãos da Loja.

Ele então perguntou-me, se com aquela afirmação, eu estava disposto a prosseguir, e eu disse "Sim". O Mestre ordenou ao Diácono Senior que me colocasse na "forma devida" no altar para tornar-me um Companheiro.

O Diácono Senior disse-me: "Avance! Ajoelhe-se no joelho direito nu, com o esquerdo formando um quadrado, com o corpo ereto, a mão direita pousando na Bíblia Sagrada, no esquadro e no compasso, o cotovelo esquerdo formando um ângulo reto, apoiado pelo esquadro." Ele ajudou-me a ficar nessa posição e depois avisou o Mestre: "O candidato está na forma devida, Venerável Mestre." Ouviram-se três

batidas de um martelo, alguns arrastar de pés, e o Mestre falou: "Você vai dizer o seu nome e repetir após mim: Eu, James D. Shaw, de minha livre e espontânea vontade, na presença do Deus Todo-poderoso e desta Venerável Loja, por este meio e sobre isto prometo e juro solene e sinceramente." Confirmei o juramento que havia feito como Aprendiz e jurei não revelar qualquer dos segredos de um Companheiro Maçom para um Aprendiz ou para qualquer "pessoa profana"[5]. Prometi obedecer as leis, regras e regulamentos de uma Loja Companheiro e corresponder ao grau. A seguir jurei não enganar ou defraudar, conscientemente, uma Loja Companheiro ou um irmão desse grau.[6] A tudo isso jurei, "obrigando-me sob o risco de sofrer um castigo não inferior a ter o peito esquerdo aberto, o coração arrancado e lançado às feras e aves de rapina", caso consciente ou deliberadamente violasse o juramento.

O Venerável Mestre disse a seguir: "Como penhor da sua sinceridade, beije a Bíblia Sagrada à sua frente." Como já fizera na primeira iniciação, inclinei-me e beijei a Bíblia. Isso deu-me uma sensação estranha.

O Mestre afirmou então ao Diácono Senior que, como eu estava ligado à Loja por um juramento que não podia ser quebrado (um laço muito mais forte que qualquer corda) ele devia remover a corda do meu braço. Tão logo ela foi removida, o Mestre perguntou o que eu mais desejava. Instigado pelo Diácono Senior, eu repliquei: "Mais luz" (a essa altura eu sabia mais quanto a não pedir água para beber).

O Mestre respondeu: "Em vista de mais luz ser o seu desejo, irá recebê-la." Como no primeiro grau, os irmãos desceram e enfileiraram-se de cada lado e, enquanto eles e o Mestre batiam palmas, a venda foi retirada de meus olhos. O Mestre chamou minha atenção para o fato de que desta vez uma ponta do compasso estava escondida sob o esquadro, o que deveria ensinar-me que mais segredos ainda estavam ocultos aos meus olhos. Ele então aproximou-se do altar e demonstrou qual a guarda-devida e o sinal de um Companheiro Maçom. A guarda-devida consistia do braço direito estendido, pouco abaixo do peito, com a palma da mão para baixo, e o braço esquerdo levantado para formar um ângulo reto,

como eu levantara o meu ao fazer o juramento. O sinal era dado levantando a mão direita até o lado esquerdo do peito e puxando-a rapidamente através do peito, como se rasgando-o com garras, deixando depois cair a mão para o lado, tudo num só movimento.

O Mestre estendeu depois a mão direita para mim "em sinal de amor fraternal e confiança" e demonstrou o aperto da senha apertando as mãos e apertando o polegar entre o primeiro e o segundo dedos, onde eles se juntam à mão. Ele deu-me a palavra, o nome da senha, "CHIBOLETE".

A seguir veio o "verdadeiro aperto", que é dado colocando o polegar no primeiro nó do segundo dedo, a fim de que cada um possa cravar a unha do polegar no nó do dedo do outro. O nome dado foi "JACHIN", dito da seguinte maneira: Ao dar o aperto você diz: "O que é isto?" A resposta é: "Um aperto." Depois: "Um aperto de que?" A resposta é: "O aperto de um companheiro maçom." Pergunta: "Ele tem um nome?" Resposta: "Tem." A seguir você diz: "Diga." Resposta: "Vou soletrá-lo ou dividi-lo." Então você diz: "Divida e comece." Resposta: "Não, você começa." Você diz novamente, "Você começa." A resposta: "Ja." Minha resposta: "Chin." Ele responde então: "Jachin; certo irmão, cumprimento você." Tudo era muito complicado, mas eu não podia fazer nada além de aceitar. Em seguida, o Mestre pegou um avental e colocou-o em mim com comentários apropriados sobre a sua importância. O Diretor Senior enfiou o canto inferior esquerdo sob a parte superior. Eu fui então escoltado pelo Diácono Senior até o lugar do Venerável Mestre no Leste que apresentou e explicou o significado das "ferramentas de um companheiro maçom": o prumo, o esquadro, e o nível, aplicando-o a princípios de virtude e moralidade

Ele falou a seguir: "Apresento-lhe também três jóias preciosas; seus nomes são Fé, Esperança e Caridade. Elas nos ensinam a ter fé no Grande Arquiteto do Universo, esperança na imortalidade e caridade para com toda a humanidade, especialmente com um irmão maçom."

Ele então ordenou ao Diácono Senior que me conduzisse "para fora do Salão da Loja" e para "revesti-lo do que fora despido" (em linguagem comum, levar-me de volta à Sala de

Preparação e fazer com que vestisse as minhas roupas).

Minha iniciação "Companheiro" estava quase terminada e eu me sentia muito bem a respeito.

Quando voltei a me vestir, fui readmitido no Salão da Loja e sentei-me. Foi-me dito que nossos antepassados, os antigos irmãos maçons, trabalharam no Templo do Rei Salomão e muitos outros edifícios, prédios maçônicos, catedrais e outros.

O Diácono Senior descreveu as duas colunas (ou pilares) do templo, dizendo que o nome da coluna esquerda é Boaz, e o da direita é Jachin. Ele entrou também em detalhes consideráveis ao descrever o sentido simbólico das decorações sobre elas.

O Mestre disse então que eu fora admitido à "Câmara do Meio" do Templo do Rei Salomão para a explicação da letra "G" (em inglês "Deus" começa com "G" - *God*). Ele disse que essa letra indica "Divindade", diante da qual todos devemos nos prostrar em reverência, para cultuar e adorar. Disse ainda que ela significa também "Geometria", por meio da qual "podemos acompanhar a Natureza através de suas várias sinuosidades até seus recessos mais ocultos". Disse ainda que, mediante a geometria, podemos compreender melhor a perfeição da Natureza e a "bondade do Grande Artífice do Universo."

Com esta breve palestra sobre a letra "G" minha iniciação terminou e observei o último candidato sendo iniciado. Como aconteceu quando fui iniciado no Grau de Aprendiz, o fato de observar o outro homem não só ajudou-me a compreender tudo melhor, como também ajudou-me a ter um bom começo na memorização de tudo para meu próximo exame no grau. Eu estava de volta ao caminho maçônico e ganhando velocidade.

---

[1] O período de tempo exato exigido para isto varia de acordo com a rapidez com que o candidato pode memorizar o material requerido, mas é geralmente completo em 4 ou 6 semanas.

[2] A Maçonaria Básica consiste dos três primeiros graus: Aprendiz, Companheiro Maçon e Mestre Maçom. Esses graus constituem os fundamentos de toda a Maçonaria e são conferidos e conduzidos na loja da cidade natal. A loja é conhecida como "Loja Azul", e os três primeiros graus chamados de "Graus Azuis", por causa da importância do céu azul e seu exército celestial de estrelas e planetas. A astrologia é extremamente importante para a maçonaria, e é também importante para ela que os pagãos da antigüidade adoravam nos lugares altos (altos dos montes) "sob a abóbada estrelada do céu."

[3] A Maçonaria Norte-Americana (Loja Azul e Rito Escocês) está dividida em duas jurisdições. A Jurisdição do Norte inclui 15 Estados do Norte e Nordeste; a Jurisdição do Sul, muito maior, inclui os outros 35 Estados, mais todos os territórios e domínios.

[4] Esta votação é feita com bolas brancas e pretas, que vão sendo colocadas numa caixa. A bola branca significa um voto "sim", e a preta um "não". Se houver uma única bola preta na caixa, o candidato não é aceito para o grau. Toda a votação é feita enquanto a Loja está em sessão no grau de Mestre Maçom (terceiro), e só os maçoms do terceiro grau (Mestre) podem tomar parte.

[5] Todos os não-maçons são, segundo a lei maçônica e a tradição, pessoas "profanas". Isto inclui a mulher, os filhos, a mãe e o pai do maçom, a não ser que ele seja também maçon. A palavra "profano" é derivada do termo latino "profanis", significando "antes, ou fora do templo"; portanto, não sagrado, impuro, degradado e indigno. Algo a ser evitado, pois contaminaria os que são santos e puros. Se você não for maçom, é isto o que você significa para o mundo maçônico. Veja, neste aspecto, 1 Timóteo 1.9-11 para o sentido bíblico de "profano".

[6] Note que não há promessa de não enganar nem fraudar os "profanos". Isso parece ser aceito pela moral maçônica. Veja o Apêndice C, "Moralidade Maçônica".

Capítulo 5

MESTRE MAÇOM

Durante as duas semanas que se seguiram, nós três assistimos as sessões de treinamento na Loja, três vezes por semana. Mais uma vez pareceu fácil e natural para mim aprender o material para o grau secreto. Eu estava satisfeito por ter obtido já os dois primeiros graus e sentia-me ansioso para continuar o trabalho e tornar-me um Mestre Maçom. Eu gostava cada vez mais do crescente sentimento de aceitação que meu compromisso com a Loja me dava; aqueles homens estavam gastando o seu tempo e energia comigo, e o meu progresso no Ofício e o sentimento de *pertencer* faziam-me bem — algo que eu desejara durante longo tempo e não alcançara.

Ao final de duas semanas (que passaram rapidamente) reunimo-nos na Loja para nosso exame no Grau Companheiro e iniciação no Grau de Mestre Maçom. Mais uma vez esperamos na Sala de Preparação em nossos trajes de rua enquanto o Venerável Mestre abria a loja para o Grau de Mestre Maçom e depois a "fechava" para o Grau Companheiro, a fim de proceder ao exame.

O Diácono Senior escoltou-nos até o Salão da Loja e colocou-nos, como antes, na frente do altar e do Venerável Mestre. Nosso instrutor, que era agora nosso examinador, ficou (como antes) de pé à nossa frente com as costas para o altar. Eu senti uma estranha mistura de apreensão e confiança alegre - como um atleta bem treinado no início de uma corrida. Estava pronto.

O examinador interrogou-nos, um de cada vez, e todos demos as respostas corretas; embora nenhum de nós fosse inquirido sobre todas as perguntas, eu poderia tê-las respondido todas. Fomos então levados de volta à Sala de Prepara-

ção para aguardar a votação dos membros.

Eles não levaram muito tempo para votar e o Diácono Junior entrou na sala, anunciando que todos havíamos sido aceitos. Não houve bolas pretas na urna; "a urna estava limpa." Éramos Companheiro-Mançons.

Imediatamente recebi ordens para tirar as roupas e preparar-me para a iniciação no grau de Mestre Maçom. Os outros seriam iniciados nas semanas seguintes; eu devia ser iniciado sozinho. Coloquei as calças de pijama como antes, mas desta vez as duas pernas estavam enroladas acima dos joelhos, e os dois pés foram deixados nus. Não me deram a camisa para vestir e fiquei nu da cintura para cima. A corda foi enrolada três vezes em volta da minha cintura e vendaram-me os olhos. Não enxergava nada, nem um raio de luz.

As mesmas perguntas anteriores foram feitas e respondidas à porta; fui conduzido através dela e para dentro do Salão da Loja. O Diácono Senior disse: "Irmão James, você é recebido nesta Loja de Mestre Maçom sobre as pontas do compasso se estendendo do lado direito do seu peito para o esquerdo, e isso deve ensiná-lo que, assim como as partes mais vitais do homem estão contidas entre os dois lados do peito, da mesma forma os princípios mais valiosos da maçonaria se acham contidos entre os dois pontos extremos do compasso, os quais são virtude, moralidade e amor fraternal." As pontas do compasso eram agudas e eu as senti enquanto ele ensinava os seus pontos.

Depois de ter sido recebido à porta, fui levado até ao Venerável Mestre que perguntou a senha. O Diácono Senior, num sussurro, comunicou-a para mim: "Tubal-Caim". Fui depois conduzido pelo Diácono Senior ao redor da sala como antes, parando no lugar do Diretor Junior, que enviou-me ao Diretor Senior, e este ordenou que eu fosse colocado no altar na forma devida para receber a obrigação. Fui levado para o altar e fiquei à espera.

O Mestre falou diretamente diante de mim, assegurando novamente que não havia nada no juramento que entrasse em conflito com meus outros deveres e compromissos e, mais uma vez, eu não tinha meios de avaliar se suas palavras poderiam não ser verdadeiras.

Perguntou-me como antes, se estava disposto a prosseguir com o juramento e eu repliquei "Sim", ao que ele ordenou ao Diácono Senior que colocasse-me na "forma devida" no altar, para ser feito um Mestre Maçom.

JURAMENTO DO MESTRE MAÇOM

O Diácono Senior colocou-me em posição, ajoelhado desta vez sobre os dois joelhos desnudos, corpo ereto, pernas formando um esquadro, as duas mãos apoiadas no esquadro e no compasso sobre a Bíblia.

Depois de ser-lhe dito que eu estava "na forma devida" para receber a obrigação, o Venerável Mestre fez-me repetir após ele,em algumas palavras de cada vez, o juramento de obrigação: "Eu, James D. Shaw, de minha livre e espontânea vontade, na presença do Deus Todo-poderoso e desta Venerável Loja, por meio disto e sobre isto prometo e juro solenemente, que irei sempre saudar, sempre ocultar e jamais revelar, qualquer segredo das artes, das partes ou pontos secretos do grau de Mestre Maçom a qualquer pessoa ou pessoas, exceto a um irmão verdadeiro e legítimo deste grau e nem a ele ou eles, até que seja provada sua identidade e por meio de rigorosos exame eu o tenha ou os tenha achado devidamente dignos de receber tal informação. Prometo e juro ainda que me conformarei e obedecerei todas as leis, regras e regulamentos do grau de Mestre Maçom, e da Loja da qual daqui por diante torno-me membro; que irei sempre manter e sustentar a constituição, leis e editos da Grande Loja sob a qual a mesma irá trabalhar, até onde cheguem ao meu conhecimento. Além do mais, irei guardar os segredos de um Mestre Maçom digno, tão invioláveis, como se fossem meus, quando comunicados e recebidos por mim nessa conformidade. Irei igualmente ajudar e assistir todos os irmãos, Mestres Maçons dignos, suas viúvas e órfãos, ao saber da sua situação, na medida em que suas necessidades possam exigir e minha capacidade permitir, sem incorrer em danos materiais e pessoais. Não irei também ajudar nem presenciar a iniciação, a aprovação e o levantar de uma mulher, de um velho senil, de

um jovem em sua menoridade, ou de um louco, sabendo da sua situação. Prometo e juro além disso que não visitarei uma loja maçônica clandestina, nem conversarei com um maçom clandestino, ou com alguém que tiver sido expulso ou suspenso, enquanto estiver sob essa sentença, conhecendo a sua situação.

"Prometo e juro igualmente que não irei enganar, ofender ou defraudar uma loja de Mestres Maçons ou um irmão deste grau, deliberadamente, mas darei a eles o aviso devido e oportuno para que possam repelir qualquer perigo que se aproxime. Prometo e juro ainda que não violarei a castidade da mulher de um Mestre Maçom, sua mãe, irmã, ou filha, sabendo quem são.[1] Prometo e juro também que não direi a Grande Palavra Maçônica de qualquer outra maneira além daquela em que a recebi, que será nos cinco pontos da comunhão e em voz baixa. Prometo e juro também que não farei o Grande Sinal de Aflição exceto no caso do perigo iminente de minha vida correr algum risco, ou dentro de uma loja maçônica legalmente constituída. Quando forem ditas as palavras e dado o sinal, me apressarei a socorrer quem pedir ajuda, se houver maior possibilidade de salvar a sua vida do que de perder a minha.

"A tudo isto, prometo e juro sinceramente com a decisão firme e resoluta de manter e pôr em prática essas coisas, sem o menor equívoco, reserva mental ou qualquer evasão pessoal, ficando preso ao juramento sob um castigo não menor do que ter meu corpo cortado em dois, minhas entranhas removidas e queimadas até às cinzas, sendo estas espalhadas aos quatro ventos do céu, para que não haja mais lembrança entre os homens e os maçons, de alguém tão vil quanto eu viria a ser, se algum dia deliberada ou premeditamente violasse ou transgredisse esta obrigação e compromisso solene de Mestre Maçom. Que Deus me ajude e me mantenha firme."

Como acontecera com os juramentos de obrigação dos dois primeiros graus, eu não tinha idéia do que iria jurar até que estivesse ouvindo e repetindo cada linha. Se fosse possível ouvir ou ler o juramento antecipadamente, talvez não conseguisse repeti-lo. Mesmo enquanto o fazia como estava fazendo, poder-se-ia esperar que a natureza de algumas partes

dele fizesse-me hesitar; mas eu não pensava realmente na natureza do juramento. Pensava no Tio Irvin e em como eu ia ser agora um homem bom e bem-sucedido como eu supunha que ele era. Se minha mãe estivesse viva, ela ficaria contente.

MAS, HAVIA MAIS

Depois de concluído o juramento, o Mestre desceu até ao altar, e mandou que o Diácono Senior tirasse a corda da minha cintura, desde que eu estava agora amarrado pela minha obrigação para com a Loja. A seguir perguntou-me o que eu mais desejava; orientado, eu repliquei "Mais luz." Ele respondeu que, desde que era esse o meu desejo, ele seria concedido. Quando a venda foi subitamente retirada, os irmãos (reunidos como antes) bateram palmas em uníssono e meus olhos foram novamente ofuscados pela luz repentina e brilhante. Embora isto já tivesse acontecido comigo duas vezes, tratava-se de algo ainda surpreendente e perturbador. Era como se uma suceptibilidade ou medo tivesse sido plantado em mim da primeira vez e permanecesse.

O Mestre ensinou-me então o sinal, que era feito deixando a mão esquerda cair para o lado, levando a mão direita para a esquerda da cintura, com a palma para baixo, e depois fazendo-a passar rapidamente por toda a cintura como se estivesse cortando o corpo em dois com o polegar, deixando em seguida a mão direita cair para o lado.

Aprendi a fazer a guarda-devida estendendo as mãos, com as palmas para baixo, como haviam sido colocadas sobre o esquadro e compasso ao fazer o juramento. O aperto da senha me foi mostrado, segurando a mão da maneira normal (aperto de mãos), mas comprimindo o polegar entre a segunda e terceira juntas dos dedos onde eles encontram a mão do outro. O nome da senha me foi dado: "Tubal-Caim".

Pensando que estava prestes a terminar com a iniciação para Mestre Maçom, eu me esforçava tanto para ouvir o Venerável Mestre quanto percebia uma sensação crescente de alívio. Eu conseguira, pensei, e tinha sido tão fácil!

Recebi um avental e o Diretor Senior ajudou-me a colocá-

lo como um Mestre Maçom, com o "peitilho" pendurado na frente. Fui então levado de volta à sala de preparação, onde tirei as calças da iniciação, colocando novamente as roupas de rua e mantendo o avental.

O emblema de um prumo, a "jóia" do Diretor Junior, foi colocada em meu pescoço. Estava agora vestido como um Mestre Maçom. Olhei para mim mesmo o melhor que pude e fiquei pensando: "Ótimo! Sou um Mestre Maçom finalmente!"

Foi um momento emocionante. Sentia-me eufórico, mas a minha sensação recente de ter chegado ao fim não durou muito. Disseram-me que devia voltar ao Salão da Loja para novas instruções.

UMA DECEPÇÃO INESPERADA

De volta ao Salão da Loja, ainda muito alegre e orgulhoso por ser um Mestre Maçom, sentindo a excitação da novidade de usar o avental de Mestre Maçom e com o emblema do prumo no pescoço, fui levado a tomar posição diante do Venerável Mestre.

Disse-me ele: "Você foi ensinado a usar o seu avental como um Mestre Maçom e está fazendo isso no momento. Isto significaria que é um Mestre Maçom, qualificado para viajar e trabalhar como tal. Além do mais, observo que você é portador da medalha do cargo, a Jóia do Diretor Junior, um dos principais membros da Loja. Esta marca de distinção deve agradá-lo muito e sem dúvida você se considera agora um Mestre Maçom, não é?"

De repente a euforia me abandonou e o medo tomou seu lugar. Alguma coisa inesperada estava acontecendo. Eu tive medo de dizer "sim" e portanto fiquei calado. O Diácono Senior respondeu então por mim: "Ele é dessa opinião, Venerável Mestre." O Mestre falou a seguir: "É meu dever comunicar-lhe que você *não é ainda* um Mestre Maçom, e também não sei se virá a sê-lo *algum dia*. A estrada que deve palmilhar a fim de provar a si mesmo, é um caminho longo e difícil, no qual vidas se perderam e você pode perder a sua."

Isso acabou com qualquer dúvida sobre a minha inicia-

ção ter terminado; eu agora *sabia* que não terminara. Não era ainda um Mestre Maçom e o que ele dissera sobre perder a vida soava ameaçador. Com aquele medo estranho em meu íntimo, fui levado para o altar e recebi ordens para ajoelhar-me e orar por mim mesmo, em silêncio ou em voz alta. Eu não sabia como orar, ficando então à espera, ajoelhado, silencioso, e com a cabeça inclinada.

VIVENDO A LENDA

Depois de ajoelhar e esperar em silêncio, parecendo orar, foi-me dito para remover o que tivesse nos bolsos, tirar o relógio, e colocar tudo sobre o altar. A venda foi posta novamente sobre os meus olhos e passei a não enxergar mais nada.

O Diácono Senior falou então: "Meu irmão, até aqui você representou um candidato em busca de MAIS LUZ; agora irá representar outra pessoa, um personagem igual ao nosso Grão Mestre Hiram Abiff,[2] Grão Mestre e arquiteto do Templo do Rei Salomão. Era costume daquele homem importante e bondoso, ao meio-dia, quando os operários eram chamados para descansarem um pouco do trabalho, entrar no Santo dos Santos para oferecer sua adoração à Divindade e traçar seus planos sobre a sua mesa de trabalho."

Enquanto dizia essas coisas, ele andava ao mesmo tempo comigo ao redor da sala. Conduzido daquele jeito, sem enxergar nada, aos tropeções, era difícil para mim tentar ouvir e compreender o que estava sendo dito.

Ele continuou: "Ele passou então, pelo Portão do Sul, para falar aos operários, como você fará agora."

Depois de ter dado mais alguns passos, fui abordado por um irmão representando um personagem chamado Jubela (era na verdade o Diretor Júnior). Ele falou comigo como se eu fosse realmente Hiram Abiff, agarrando-me pela lapela. Disse que eu prometera revelar a palavra secreta de um Mestre Maçom quando o Templo fosse concluído, e como o templo estava quase pronto, exigiu de mim que lhe dissesse a palavra secreta naquela mesma hora. Enquanto falava duramente comigo, ele me sacudia e me fazia passar maus bocados.

O Diácono Senior, falando por mim, disse: "Artesão, esta não é a hora nem o lugar. Espere até que o Templo esteja terminado e saberá então os segredos de um Mestre Maçom."

Jubela usou então de maior violência, exigindo a palavra secreta imediatamente! Falando outra vez por mim, o Diácono Senior disse: "Artesão, não posso e não vou dizê-la". Jubela, como resposta, aplicou um golpe em minha garganta com um calibrador. A pancada doeu, pegando-me de surpresa; fui obrigado a caminhar um pouco mais depressa, sendo detido e agarrado por um segundo "rufião" de nome Jubelo. Este *realmente* me sacudiu enquanto andávamos, dizendo: "Grão Mestre Hiram Abiff, os artesãos estão esperando ansiosamente para saber os segredos do Mestre Maçom. Não vemos qualquer razão para termos de esperar ainda mais. Portanto, *exijo* agora os segredos do Mestre Maçom!"

Falando outra vez por mim, o Diácono Senior replicou: "Artesão, por que tanta violência? Quando terminar a construção do Templo saberá as palavras secretas; não posso, nem quero dá-las a você agora."

Jubelo ficou ainda mais furioso, exigindo novamente as palavras, quando o Diácono Senior respondeu por mim, "Não posso dá-las, nem elas podem ser dadas senão na presença de três pessoas: Salomão rei de Israel, Hirão rei de Tiro, e eu mesmo."

Jubelo, mostrando-se mais violento ainda, lembrou-me que não havia ninguém ali para ajudar-me e ameaçou matar-me se não lhe dissesse a palavra.

O Diácono Senior respondeu por mim: "Pode tirar a minha vida, mas minha integridade, *nunca*!"

Jubelo deu um forte golpe em meu peito com o esquadro. Senti dor, mas fui imediatamente puxado para trás; fizeram-me dar mais alguns passos, sendo depois agarrado e sacudido pela terceira vez. Aquilo tudo era muito real, embora algumas partes não passassem de representação. Eu estava sendo arrastado, empurrado, pessoas que não podia ver gritavam comigo e golpeavam-me. Tinha grande dificuldade em manter o equilíbrio (eu teria caído muitas vezes se os "rufiões" não me agarrassem pelo casaco) e a violência era ainda mais chocante porque eu não sabia quando ela viria.

O terceiro "rufião", Jubelum, disse enquanto me sacudia que me vira falando com Jubela e Jubelo e que eu conseguira escapar, mas que dele eu *jamais* escaparia. Afirmou que faria o que estava dizendo e que tinha na mão "um instrumento de morte, dizendo ainda que se eu não lhe desse imediatamente os segredos do Mestre Maçom, ele me mataria.

Falando novamente por mim, o Diácono Senior respondeu da mesma forma como já respondera a Jubela e Jubelo. Jubelum gritou então: "Pela última vez, Grão Mestre Hiram, dê-me a palavra secreta ou lhe tirarei a vida."

Eu, naturalmente não sabia, mas quando Jubelum preparou-se para aplicar o golpe mortal, vários dos irmãos colocaram-se em posição atrás de mim, segurando uma lona grande esticada, para apanhar-me quando eu caísse.

Jubelum gritou a seguir: "Se não vai me dar a palavra secreta do Mestre Maçom, então... MORRA!"

Ao gritar "MORRA", ele golpeou-me bem no meio da testa com uma marreta! Eu vi estrelas... eram brilhantes e coloridas; caí de costas na lona, inconsciente.

Não fiquei muito tempo desacordado e voltei a mim, com a cabeça ainda aturdida e doendo, com os três "rufiões" à minha volta, falando sobre a situação e o que fazer com o corpo. Eles concordaram em esconder meu corpo "no lixo do Templo" até à meia-noite, quando se encontrariam e decidi riam o que fazer. Carregaram-me com a lona até certa distância e cobriram-me de "lixo", que consistiam de cadeiras e outros objetos do Salão da Loja. Tudo estava silencioso e ouvi então um sino tocar doze badaladas. Os rufiões voltaram. Jubela disse: "Está na hora."

Jubelo afirmou: "Este é o lugar", e Jubelum por sua vez declarou: "Aqui está o corpo. Ajudem-me a levá-lo para o oeste do templo, até o cume de um morro onde cavei uma sepultura, a seis pés para o leste e para o oeste e seis pés perpendiculares, na qual nós o sepultaremos."

Eles removeram as cadeiras e outros "lixos" do Templo de cima de mim, levaram-me na lona para o lado oeste do Salão do Templo, colocando-me entre as posições do Mestre e do Diretor Senior, com os pés para o leste. Desceram-me aos poucos até o chão, parando três vezes, para dar-me a impres-

são de que estavam-me colocando numa cova.

Depois de me "sepultarem", Jubelum disse: "Vou colocar este ramo de acácia na parte superior da sepultura, para que o lugar seja reconhecido quando necessário. E agora vamos fugir do país através de Jope. Vamos pegar um navio que nos leve a um porto no estrangeiro."

Os "rufiões" representaram então uma cena na qual falavam com um capitão de navio e pediam uma passagem em seu barco que partiria no dia seguinte. Avisados de que não poderiam embarcar sem um passe do rei Salomão, eles decidiram fugir e esconderem-se nas montanhas.

Enquanto isso, o Venerável Mestre, fazendo o papel do rei Salomão, percebeu grande agitação por parte dos irmãos que representavam os artesãos do Templo. Salomão perguntou a razão do barulho e disseram-lhe que o Grão Mestre Hiram Abiff estava desaparecido e ninguém conseguia encontrá-lo.

O rei Salomão ordenou que fosse feita uma busca e os irmãos se puseram então a falar entre si, dizendo coisas como: "Você o viu?" "Não, desde o meio-dia de ontem" e, "Onde está o nosso Grão Mestre?"

O rei Salomão ordenou que continuassem a busca com um grupo indo para o oeste, outro para leste, um para o norte e outro para o sul. Nessa hora ouviram-se três batidas fortes na porta e quando "o alarme foi atendido" havia 12 "companheiros artesãos" que confessaram ao rei que eles e três outros haviam conspirado para forçar Hiram a revelar a palavra secreta. Os 12 disseram que não conseguiram prosseguir com o seu plano maldoso, "tendo refletido com horror sobre a atrocidade do crime", mas informaram que os outros três haviam ido até o fim.

O rei enviou então os 12, três em cada direção, para procurarem Jubela, Jubelo e Jubelum. Um grupo de três falou com o capitão do navio e, caminhando na direção apontada por ele, seguiram a trilha dos assassinos e encontraram o túmulo novo, marcado com o ramo de acácia. Ao cavar, "descobriram" o meu corpo.

Ao trazerem o relatório a Salomão, foram mandados de volta para identificarem o corpo e, caso fosse de Hiram, levantá-lo com o aperto de mão do Aprendiz.

À medida em que a peça continuava, eles voltaram ao "túmulo"e viram que eu era de fato Hiram,[4] mas, não puderam "levantar-me" porque o corpo estava em decomposição, e "a carne deixara o corpo." Eles comunicaram o problema a Salomão, que os enviou de volta para levantar o corpo com o aperto de mão do Companheiro. Quando "a pele escorregou", eles comunicaram o fracasso a Salomão.

Então o Mestre, no papel de rei Salomão, veio até mim e tomou a minha mão com o aperto de Mestre Maçom, "o aperto forte da pata do leão"[5] e com a outra mão por trás das minhas costas, ajudou-me a sentar. Eu estava completamente recuperado a essa altura, mas ainda dolorido e um pouco bambo por causa do esforço e por ficar deitado quieto por tanto tempo enquanto a última parte da peça era encenada.

O Mestre explicou que embora a palavra secreta do Mestre Maçom se perdesse quando Hiram foi morto, a primeira palavra dita por ele ao levantar-se dos mortos substituiria a "palavra perdida". Ele colocou então seu pé direito ao lado do meu, peito do pé contra peito do pé, seu joelho contra o meu, seu peito contra o meu e sua boca próxima à minha orelha direita. Com a mão colocada nas costas dele, estávamos "nos cinco pontos da amizade: pé com pé, joelho com joelho, peito com peito, mão nas costas e boca na orelha." Ele sussurrou ao meu ouvido a Grande Palavra Maçônica, "Mah-Hah-Bone", e avisou-me que ela jamais deveria ser dada a quem quer que fosse senão a outro Mestre Maçom e só "nos cinco pontos da amizade", como ele a dera a mim e jamais acima de um sussurro, sob pena de morte.

Fui depois instruído pelo Venerável Mestre a dar o "Grande Sinal de Aflição". Este sinal é dado levantando as mãos acima da cabeça e olhando para o alto, abaixando-as depois em súplica, e deixando-as finalmente cair para os lados. As palavras que acompanham o sinal são: "Ó, Senhor meu Deus, não há socorro para o filho da viúva?"

Ele explicou-me que eu jamais deveria fazer esse sinal, a não ser em caso da mais extrema aflição e que ele é o segredo maçônico mais importante. Lembraram-me da parte da minha obrigação relativa à minha responsabilidade no caso de outro Mestre Maçom vir a fazer este sinal para mim, e com isto

minha iniciação como Mestre Maçom finalmente terminou.

Depois de terminada a instrução sentaram-me e seguiu-se uma longa e complicada palestra sobre o significado dos símbolos do Mestre Maçom e dos seus grandes encargos. Quando o Mestre fechou a Loja os irmãos reuniram-se ao meu redor cumprimentando-me e foram para casa.

Bonnie estava à minha espera e compartilhamos juntos o sentimento de realização. Ela estava satisfeita e orgulhosa de mim. Foi realmente um momento esplêndido de alegria. Se apenas minha mãe pudesse saber: eu tinha um bom emprego, uma mulher maravilhosa e finalmente alcançara o Tio Irvin. Era um Mestre Maçom.

---

[1] É digno de nota, ao considerar a moral maçônica, que o Mestre Maçom jure não praticar intercurso sexual com a esposa, mãe, filha ou irmã de outro Mestre Maçom, "por serem quem são"; no entanto, isto é aparentemente correto com a mulher, mãe, filha ou irmã de qualquer outro indivíduo e até com a de um Mestre Maçom, caso ele não saiba do relacionamento maçônico. Veja o Apêndice C, "Moralidade Maçônica".

[2] Para o propósito e significado desta encenação da lenda de Hiram Abiff, veja o Apêndice D, "A Lenda de Hiram Abiff".

[3] O homem que personificou Jubelum não deveria ter golpeado tão fortemente o candidato, mas eu perdi de fato os sentidos. Esse homem que me atacou era um agente funerário e, mais tarde, rimos muito da sua tentativa de arranjar negócios na Loja enquanto fazia o papel de Jubelum.

[4] Na peça, a jóia do Diretor Júnior (que ainda estava em meu pescoço) desempenha um papel significativo na identificação do candidato como Hiram pelo grupo de busca.

[5] O Aperto do Mestre, ou o "Forte Aperto da Pata do Leão", não foi explicado para mim, mas eu o sentira e, observando outras iniciações pude compreendê-lo. Mais tarde tive ocasião de usá-lo como uma senha do Mestre Maçom, um meio alternativo de reconhecimento para o primeiro aperto explicado pelo Mestre naquela noite. Este aperto se faz, pegando a mão da outra pessoa da maneira normal, exceto que o polegar e o dedo mínimo ficam escondidos nas bordas da mão, pouco abaixo do polegar, com as pontas dos três dedos do meio cravadas na parte de dentro do punho do outro. Como Venerável Mestre, mais tarde eu fiz uso dele com naturalidade ao "levantar o candidato."

Capítulo 6

SUBINDO MAIS

Antes mesmo de terminar o grau de Mestre Maçom eu havia notado e decidido algo, duas coisas que iriam influenciar o resto da minha vida. Notei que muitos maçons não somente se contentavam em parar no Terceiro Grau, como também iam freqüentemente à Loja, mas depois de cerca de 45 minutos, dormiam e permaneciam dormindo durante toda a reunião. Isto ofendia-me. Decidi então, que não queria ser desse tipo de maçom — *jamais*!

Eu estava determinado a aprender e crescer, a prosseguir subindo na fraternidade, a subir a "montanha maçônica". Nesse começo da minha carreira como maçom, eu não sabia que um terreno mais alto devia ser alcançado, mas sabia que não queria ir à Loja e dormir como faziam aqueles homens. O que quer que houvesse para ser obtido, eu queria obter. Eu ia subir mais alto!

DE CANDIDATO A INSTRUTOR

Um mês depois de minha chegada ao Terceiro Grau havia um novo grupo de candidatos para os Graus Azuis. Eu continuava sendo um "candidato de cortesia" (Bonnie e eu esperávamos voltar a Indianápolis dentro em breve), e sentia-me grato à Loja por ter-me feito passar pelo Segundo e Terceiro Graus.

Nunca fui tímido sobre coisas desse tipo, o que levou-me a dizer ao Venerável Mestre: "Senhor, sou grato a esta Loja e ao senhor. Acho também que lhe devo algo pelo que fez por mim. Se quiser indicar-me, terei prazer em ser o Instrutor desse novo grupo de candidatos."

Ele pensou um pouco enquanto me olhava, dizendo depois que o cargo era meu. Eu mal podia acreditar. Acabara de ser promovido a membro da classe mais recente, e era agora o Instrutor! Agradeci ao Mestre e prometi fazer o meu melhor. Não via a hora de dar início ao meu trabalho.

Na semana seguinte eles foram iniciados no grau de Aprendiz e receberam a sua primeira obrigação. Na outra semana arranjei para encontrar-me com eles para as instruções necessárias e um mês mais tarde estavam prontos para o exame. Todos foram aprovados e "passaram" para o Grau Companheiro. Na semana seguinte comecei a ensinar-lhes o trabalho de memorização para esse grau. No final daquele mês estavam prontos para o exame no Grau Companheiro e todos passaram novamente com facilidade.

Eles estavam motivados e eu ensinara bem. Depois disso a cada semana, um era promovido para o grau de Mestre-Maçom e eu tive a satisfação de saber que fizera a classe inteira passar pelos três Graus Azuis. Eu não era agora apenas um Mestre Maçom; era um *fabricante* de Mestres Maçons. Sentia-me otimamente bem!

POR QUE IR EMBORA?

A essa altura eu começara a trabalhar para o governo e tinha um excelente emprego. Bonnie estava bem estabelecida em seu emprego e gostava dele. Fora aceito na Loja e tinha uma sensação real de *pertencer*. Quanto mais eu pensava e falava a respeito, tanto menos razão víamos para voltar a Indianápolis. Não tínhamos pressa em deixar a Flórida, e tudo o que havíamos encontrado ali durante o inverno e a primavera; e agora ao considerarmos a situação, nos perguntamos: "Por que não continuar aqui? Por que ir embora?"

Tomamos assim uma decisão: nos instalarmos e permanecermos ali definitivamente. A Flórida seria o nosso lar. Eu não seria mais um "candidato de cortesia" ou um visitante na Loja; ela seria a *minha* Loja. Eu *pertenceria* realmente ao lugar. Tomada a decisão, começamos a nos instalar como "permanentes".

Roy e sua família mudaram-se para a costa oeste da Flórida. Sentimos falta deles, mas isso não representava tanto agora. Estávamos fazendo novos amigos na Loja.

PROMOÇÕES

Não muito depois disso, foram realizadas eleições em nossa Loja e um novo Venerável Mestre foi eleito. Eu já descobrira haver uma progressão normal entre os cargos na Loja, a partir do mais inferior (Padrinho Júnior) até o mais alto (Venerável Mestre). Desde que cada cargo tem uma posição (ou "cadeira") no Salão da Loja, esta progressão na Loja Azul é freqüentemente chamada de "subir pelas cadeiras". As posições de Padrinho Júnior e Senior, e Diácono Júnior e Senior são por indicação, e a seleção é feita pelo Venerável Mestre. Os três cargos superiores de Diretor Júnior, Senior e Venerável Mestre, são por eleição. Mas a situação normal é que, uma vez eleito Diretor Júnior, o indivíduo "subirá". Ele pode esperar subir para Diretor Senior no ano seguinte e para a cadeira de Venerável Mestre no outro ano. A não ser que haja algum impedimento inesperado, essas eleições são virtualmente automáticas.

Tão logo tive a oportunidade, fui ver o recém-eleito Venerável Mestre e disse-lhe que não queria ser um "maçom comum". Disse que não queria ser como os irmãos que dormiam durante as reuniões e pedi que considerasse minha indicação para uma cadeira (um cargo) na Loja. Devo ter dado uma impressão positiva a ele, pois nomeou-me Diácono Senior, o cargo mais alto na Loja, dado por indicação. Eu havia ultrapassado os três cargos inferiores e tinha conseguido avançar bastante em minha subida pelas cadeiras.

ALÉM DA LOJA AZUL

A Loja Azul é o coração da Maçonaria e o Terceiro Grau é o coração da Loja Azul. Se o indivíduo não é um Mestre Maçom bem aceito na Loja Azul, não pode "continuar" até ao

Rito de York ou ao Rito Escocês e muito menos daí para "o alto da montanha maçônica." Tendo uma vez avançado no Rito de York ou no Rito Escocês, ele não pode permanecer nesses corpos (o Santuário) se não continuar sendo bem aceito na Loja Azul. Esta é a estrutura geral e a Loja Azul é o seu fundamento.

Eu permanecera na Loja Azul cerca de quatro meses, levara um grupo de candidatos através dos três graus, e era Diácono Senior aprendendo, crescendo e sentindo-me bem a respeito de tudo. Certo dia comecei a conversar com um irmão que era dono de um depósito de madeira.

"Pensei que tivesse entrado para a Loja Maçônica." disse ele.

Respondi que entrara e era muito ativo.

Ele falou algo sobre o Rito Escocês e admirou-se de não me ter visto lá.

Eu não sabia do que ele estava falando, mas senti que era algo que me interessava.

Ele disse: "Jim, você tem de entrar no Rito Escocês, porque não vai saber realmente o que é a maçonaria até que faça isso. O Rito Escocês e seus 29 graus irão realmente abrir os seus olhos." Disse também que se eu quisesse, ele faria uma petição para dar início ao processo.

Respondi que parecia ótimo e pedi que fosse em frente. Embora estivesse ansioso para começar, fiquei sabendo que não podia entrar no Rito Escocês antes de ser um Mestre Maçom por seis meses. Ele fez a petição enquanto eu esperava. Continuei meu trabalho na Loja Azul; era o homem mais entusiasmado e zeloso que eles tinham.

DOIS CAMINHOS PARA ESCOLHER

Como disse antes, a Loja Azul com seus três graus é o coração e o fundamento da Maçonaria. É neste ponto que a maioria dos maçons pára. A sua loja local continua sendo tudo que jamais saberão a respeito da maçonaria. Todavia, para aqueles que não desejam permanecer nesse nível, para os que desejam "subir mais" existem duas opções, dois

caminhos a seguir: o Rito Escocês e o Rito de York.

O Rito Escocês inclui 29 graus além da Loja Azul, culminando no 32º. O Rito de York tem o equivalente aos 29 graus do Rito Escocês e o avanço por esse caminho culmina no grau de "Cavaleiro Templário." Além disso, o Santuário Shrine ("Ordem Árabe Antiga, Nobres do Santuário Místico") fica à disposição dos maçons do 32º e dos Cavaleiros Templários que quiserem participar.

Dedicados ao serviço da comunidade e às diversõs, os "Shriners" são considerados os "festeiros" da maçonaria e são bem conhecidos pelos seus hospitais para crianças defeituosas, pela participação alegre nas paradas, e pelas suas festas e convenções barulhentas e desordeiras.

Embora na época eu não estivesse completamente a par dessas opções e como tudo se combina, meu caminho estava determinado. Eu ia entrar para o Rito Escocês.

O RITO ESCOCÊS

Quanto mais meu amigo falava do Rito Escocês, mais eu ficava entusiasmado. No Rito Escocês as iniciações são conduzidas e os graus conferidos durante encontros chamados "Reuniões", geralmente realizados duas vezes por ano, no outono e na primavera.

Além das iniciações para os graus, é feito também o reconhecimento dos irmãos que morreram desde a Reunião anterior. Elas são, neste sentido, memoriais para os irmãos que se foram. Eu mal podia esperar pela Reunião do Outono. Quando estava chegando o dia, recebi ordens para apresentar-me ao Secretário do Rito Escocês para instruções. Cheguei cedo e fiquei esperando minha vez de ser chamado.

O Secretário cumprimentou-me e explicou a natureza e estrutura do Rito Escocês. Explicou que os 29 graus são divididos em quatro grupos chamados de "Quatro Corpos" do Rito e que cada um desses corpos é como uma loja separada dentro do sistema. Explicou também que a Reunião iria durar quatro domingos e que eu poderia fazer os 29 graus numa única Reunião, ou ir até ao 14º grau nessa Reunião, e depois

continuar até ao 32º Grau na primavera. Disse que alguns indivíduos não podiam fazer todos os graus numa só Reunião por causa do custo.[1] Informou que o primeiro dos quatro "corpos" do Rito Escocês é chamado de "Loja da Perfeição" e é onde as reuniões de negócios são realizadas nas noites de reunião. O segundo corpo, disse ele, é o "Capítulo da Rosa Cruz", o terceiro é o "Conselho de Kadosh", e o quarto é "O Consistório".

Tudo pareceu-me maravilhoso e perguntei ao Secretário se podia pagar pelos 29 graus naquele mesmo momento! Ele deu-me o preço e eu fiz o cheque. Disse-me então para comparecer no domingo seguinte (o primeiro dia da Reunião do Outono), informando que nos reuniríamos das nove da manhã às seis da tarde todos os domingos durante os quatro domingos seguintes para receber instruções, e no quarto domingo eu seria promovido a Maçom do 32º Grau.

Perguntei se teria que memorizar todas as senhas, sinais e apertos de mão e depois passar nos exames como tínhamos feito na Loja Azul; ele caiu na gargalhada!

Acabou por dizer: "Está brincando? Você levaria um *ano* inteiro de domingos para fazer isso! Venha aqui no domingo e vai descobrir."

Na manhã do primeiro domingo da Reunião de Outono cheguei pontualmente e, no momento em que os outros chegaram, fomos levados a uma ampla sala de aula. Havia cerca de 250 pessoas e nossa classe recebeu o nome de "Classe do Bicentenário de George Washington" (cada classe recebe um nome, ou título que retém enquanto houver membros vivos da mesma).

Nosso instrutor era um advogado, um homem de cerca de sessenta anos. Sua idade e conhecimento o faziam parecer "enorme" para mim e impressionado ouvi cuidadosamente tudo o que disse. Ele tinha também senso de humor, o que o tornava ainda mais eficiente. Eu estava totalmente receptivo.

Tivemos uma "cerimônia de abertura", que deu à nossa classe identidade e posição oficiais e a seguir tiramos uma foto todos juntos. Foi também necessário eleger monitores para a classe, mas eu não me apresentei para nenhum desses cargos pois estava apenas interessado no trabalho para obter o

grau (as lições de religião e moralidade). Eu queria *aprender.*

PROGRESSO ATRAVÉS DOS GRAUS

Terminadas todas as preliminares, fomos levados ao auditório. Parecia um teatro muito grande e amplo, com um palco bem equipado, luzes sofisticadas e assentos especiais. Recebemos ordem para sentar e começou a apresentação do Quarto Grau.

O Quarto Grau era apresentado como uma peça teatral, com um candidato escolhido dentre a classe para representar a todos nós enquanto participava. A apresentação continuou até a hora de fazer o juramento no final. Foi-nos dito para levantar, colocar as mãos sobre o coração e repetir o juramento[2] de obrigação com o candidato representativo no palco. Depois de terminarmos o juramento recebemos o sinal desse grau,[3] e o Quarto Grau foi completado. Quando um grau é dado desta forma ele é "exemplificado".

Quando um grau não é apresentado como uma peça, mas simplesmente explicado, ele é "comunicado". Esse é o caso do Quinto Grau. De volta à sala de aula, o Mestre do Grau explicou o conteúdo e significado do grau, administrou o juramento e deu-nos o sinal.

Nós éramos agora Maçons do Quinto Grau e preparados para o Sexto Grau. Progredimos assim através dos graus. Os graus menos importantes, cerca de um terço do total de 29, eram "comunicados" deste modo. É também verdade que alguns graus simplesmente "comunicados" em uma Reunião serão "exemplificados" na Reunião seguinte. Os graus dos Quatro Corpos (os quatro graus cujos nomes identificam os Quatro Corpos), porém, são sempre apresentados por completo e não apenas "comunicados". Naquele domingo completamos do Quarto ao Nono Grau e eu fui para casa sentindo-me satisfeito com tudo.

Eu estava tão interessado no trabalho dos graus que mal podia esperar pelo domingo seguinte. As "velhas religiões" (as religiões misteriosas do Egito, Grécia, Pérsia, etc.) foram ensinadas. E como eu jamais tivera uma religião, mas ouvira

apenas referências de passagem sobre as principais, fiquei fascinado.

Muita coisa também foi dita sobre os filósofos e ocultistas antigos e senti que estava realmente crescendo em conhecimento. A cada semana eu contava aos meus irmãos maçons na Loja Azul como tudo era esplêndido e quanto eles estavam perdendo por não participarem do Rito Escocês. Mas isto nem sempre era bem aceito; alguns ficavam realmente ofendidos e outros magoados, pois não tinham recursos para entrar no Rito. Embora meu zelo não tivesse diminuído em nada, procurei dali por diante ser mais cuidadoso com a minha conversa entusiamada.

No segundo domingo completamos o 14º grau, o Grau do Elu Perfeito, geralmente considerado como marcando a metade do Rito Escocês. Ao chegar a este ponto o indivíduo recebe o anel do 14º Grau. Esse aro achatado de ouro contendo a letra hebraica "YOD" é o anel maçônico oficial.

Muitos tipos de anéis com símbolos maçônicos podem ser comprados e usados; com a exceção do anel do 33º Grau; este anel é o único oficial. É patente e propriedade do Supremo Conselho do 33º, sendo obtido apenas mediante o recebimento do 14º grau. Em nosso caso os anéis não tinham chegado e tivemos de esperar para recebê-los no último domingo.

UNGIDO SACERDOTE E PROFETA

O último domingo da Reunião chegou finalmente e passamos para o 32º Grau. Depois de completar o trabalho do grau, encerrando com a palestra para o 32º Grau, ficamos de pé e fomos levados para a frente. Um por um, fomos ungidos com óleo. Quando o homem colocou a mão sobre a minha cabeça e aplicou o óleo, ele disse-me: "Eu te unjo Sacerdote e Profeta, e Príncipe Sublime do Segredo Real."

Esta parte era definitivamente uma experiência nova para mim e não entendi de modo nenhum o que significava ser sacerdote e profeta, mas era impressionante e gostei do som e da solenidade em tudo. Para mim, a situação era imponente e irreal.

Cada um de nós recebeu de presente, além do anel do Rito Escocês, uma cópia do livro de Albert Pike, "Morals and Dogma" ("Moral e Dogma").[4] Fomos informados que tratava-se do livro fonte para a maçonaria e seu significado. Foi-nos dito também que ele nunca deveria sair de nossas mãos e que deveríamos tomar providências para que, após a nossa morte, fosse devolvido ao Rito Escocês. Ficou claro que o livro em questão não era apenas uma fonte terrivelmente importante, mas ao que parecia, era quase sagrado.

Tudo tinha sido imensamente interessante e, de certa forma, o tempo passara depressa demais. Senti que havia aprendido muito, mas senti também que ainda havia muito a aprender.

"Talvez no futuro eu possa *trabalhar* nesses graus"— pensei — então poderei *realmente* aprender a respeito das religiões."

Era apenas cinco da tarde quando terminamos e, depois de nos cumprimentarmos mutuamente, apressei-me a voltar para casa e relatar a Bonnie tudo o que acontecera (pelo menos as partes que podia contar a ela). No caminho de casa eu ia pensando: "Se minha mãe tivesse vivido para ver este dia—ela ficaria realmente orgulhosa."

---

[1] Há um preço a ser pago, em dólares, para todos os graus maçônicos "ganhos", desde o de Aprendiz até ao 32º Grau. Os valores do dólar mudam com o tempo e os preços variam de lugar para lugar, mas o custo total para ir até ao 32º grau pode ser bem grande, milhares de dólares hoje.

[2] Havia um juramento de sangue, de obrigação para cada grau, como na Loja Azul. Ao contrário da Loja Azul, porém, desde que não havia memorização e desde que não eram escritos, os candidatos geralmente não lembram nada dos juramentos que fizeram.

[3] Em todos os anos de maçonaria que se seguiram, jamais pediram-me para fazer este sinal.

[4] Albert Pike (1809-1891) é praticamente a figura mais preeminente da Maçonaria Norte Americana. Seus muitos títulos incluíam os seguintes: Grão Comandante Soberano do Supremo Conselho do Trigésimo Segundo Grau (Conselho Sede do Mundo) e Supremo Pontífice da Maçonaria Universal. Erudito, estudioso das línguas antigas e filósofo ocultista, ele reescreveu completamente os graus do Rito Escocês para a sua presente

forma. Este trabalho é explicado em seu livro "Morals and Dogma of the Ancient and Accepted Scottish Rite of Freemasonry" ("Moralidade e Dogmas do Antigo e Aceito Rito Escocês da Maçonaria"). Sua posição na maçonaria era, e é hoje, sem paralelos não só nos Estados Unidos, como também no mundo inteiro.

Capítulo 7

ESTENDENDO AS ATIVIDADES

Na segunda-feira depois da minha iniciação no 32º Grau fui cumprimentado por vários de meus superiores no trabalho, que eu nem pensara que tivessem estado lá. A extensão da Maçonaria e sua influência era bem maior do que eu suspeitara. Compreendendo que havia tantos homens como aqueles, aparentemente em toda parte, integrantes da confraria maçônica, e que eles sabiam quem eu era e o que estava fazendo, era tanto reconfortante como também vagamente perturbador. Mas a sensação era em sua maior parte confortadora. Estava vendo que a família maçônica da qual eu era um membro dedicado estendia-se por quase todas as direções da vida, coisa que eu não havia suspeitado.

DE REPENTE UMA PROMOÇÃO

Pouco tempo depois, o diretor do departamento onde eu trabalhava chamou-me e pediu que eu fizesse um teste para uma posição mais alta que estava se abrindo. Eu achava que não tinha absolutamente qualificações para esse cargo e disse-lhe isso. Mas ele sorriu animadoramente, dizendo que considerava-me qualificado e insistiu que eu não deixasse de fazer o teste. Eu estava tão convencido que não tinha qualificações para o emprego que quase deixei de comparecer, mas, resolvi finalmente ir por causa da insistência dele.

Esperando encontrar uma sala cheia de homens competindo por um cargo tão importante, fiquei surpreso ao encontrar apenas mais dois outros para fazerem o teste comigo. Recebi o material para a prova e ordens para colocá-lo de

cabeça para baixo na mesa até a hora de começar o exame. Quando disseram-nos para começar examinei o teste e fiquei *espantado* com a simplicidade das perguntas. Pensei:

"Será só isso? Que bom que o chefe insistiu que eu viesse!"

Terminei o teste rapidamente, com toda facilidade. Os outros dois homens continuaram lutando com o deles e estavam ainda trabalhando quando o examinador mandou que parassem. Disseram-nos para deixar os papéis de cabeça para baixo na mesa e irmos embora, pois o tempo estava esgotado. Ele informou que seríamos notificados mais tarde sobre como tínhamos ido na prova. Fui embora pensando como o teste fora fácil e perguntando-me porque os outros dois pareciam ter tido tanta dificuldade com ele.

Segui diretamente para o escritório, onde o diretor estava esperando-me. Ele encontrou-me na porta, estendeu a mão e disse: "Parabéns, Jim, você conseguiu a promoção! Foi o único a dar todas as respostas. Vai ser logo chamado para fazer um curso de treinamento e depois pode começar em seu novo cargo."

Ele apertou novamente a minha mão e voltou para o escritório. Sentia-me alegre, mas um pouco perplexo. Não conseguia compreender como tudo fora tão fácil e como ele ficara sabendo tão depressa da minha aprovação! A tinta nem tinha secado ainda em minha prova!

Com perguntas desse tipo ainda murmurando em minha mente, mas na maior parte apenas entusiasmado e feliz, apressei-me a voltar para casa no fim do dia para contar a Bonnie. Ela ficou naturalmente deliciada. Em vista do bom emprego dela, somado à minha promoção, decidimos mudar do apartamento duplex e comprar nossa própria casa. Estávamos progredindo!

MAS O TIO IRVIN NÃO GOSTOU

Telefonei ao Tio Irvin para dar-lhe as boas notícias sobre minha entrada no Rito Escocês. Pensei que iria ficar contente e orgulhoso, mas nada disso aconteceu. Ele pareceu ressentir-se, invejoso por eu ser um maçom do 32º Grau.

Disse-me que jamais permitiram-lhe entrar no Rito e explicou: "Embora eu fosse Mestre da minha Loja, não pude entrar porque havia um homem no Rito Escocês que não gostava de mim. Ele disse que se eu tentasse entrar colocaria uma bola preta na caixa."

Fiquei surpreso e perguntei, "O que aconteceu com a fraternidade maçônica?"

O Tio Irvin não respondeu à minha pergunta e eu não disse a ele que esse irmão maçom mentira. Enquanto um homem for Mestre Maçom, tendo uma boa posição na sua Loja Azul, *ninguém pode* colocar uma bola preta e mantê-lo fora do Rito Escocês.

A RESSURREIÇÃO DE MIKE E A POLÍTICA "NINGUÉM PÕE AS MÃOS EM MIM"

Mike trabalhava comigo no mesmo turno. Ele era escocês, com um sotaque esplêndido, um coração caloroso e um gênio meio irascível. Não era muito alto, mas tinha um ar sólido e forte como o de um touro. Ele foi ferido quando trabalhava como bombeiro em New York e, depois de muito tempo no hospital, aposentara-se do Corpo de Bombeiros. Viera para a Flórida, encontrara trabalho no serviço público da nossa grande cidade, fora designado para o meu departamento, e tornamo-nos amigos. Mike sabia que eu era maçom (eu falava disso a ele de tempos em tempos) e certo dia disse-me que também queria ser maçom. Fiquei contente e perguntei se gostaria de pertencer à minha Loja. Ele respondeu que isso era exatamente o que queria; fiz então uma petição e arranjei outro homem (que trabalhava conosco) para assinar comigo. Mike foi devidamente investigado, aprovado, e logo estava pronto para receber os graus.

Como eu era agora Diácono Senior, era eu quem conduzia os candidatos através das iniciações. Fiquei satisfeito em guiar meu amigo durante todos os passos. Como Mike era o único homem a ser iniciado na ocasião, as coisas correram depressa e suavemente. Tudo andou bem até a última parte do Terceiro Grau.

Antes de começarmos naquela noite final da iniciação de Mike na Loja Azul, falei com os três homens que deviam representar os "três rufiões" Jubela, Jubelo e Jubelum. Pedi que fossem delicados com Mike e expliquei a razão. Eles compreenderam e disseram que seriam gentis com ele.

Tudo correu bem até que chegamos à parte em que eu estava guiando Mike, como Hiram Abiff, para o "Portão do Sul" onde se encontraria com Jubela, o primeiro "rufião". Como sempre é feito, Jubela agarrou-o e sacudiu-o um pouco. Foi delicado em comparação com o que o candidato geralmente sofre, mas Mike não suportou — era demais — e ele *explodiu*! Empurrou Jubela, retirou a venda, berrou como um touro zangado e levantou Jubela do chão. Com um movimento poderoso, Mike atirou-o através do Salão da Loja. Jubela bateu nos azulejos brancos e pretos e escorregou pelo assoalho, deitado de costas, rolando vagarosamente chegando até o altar, que o deteve. Não estava muito machucado, mas ficou ali apoiado no altar, imóvel.

Mike tinha assumido uma posição de boxeador, com os pés afastados, os braços poderosos prontos para agir, e gritou: "Ninguém põe as mãos em mim." A princípio não se ouviu um som no Salão da Loja, exceto o feito por Mike. Ele ficou ali, passeando o olhar vagarosamente em redor do recinto, fitando furioso os irmãos reunidos, e continuou a urrar: "Ninguém põe as mãos em mim!"

De repente a Loja ficou tumultuada. Alguns dos irmãos choravam de rir, outros gritavam excitadamente entre si e outros ainda ficaram em silêncio perplexo. Mike continuava de pé, desafiando a todos, e continuando a gritar: "Ninguém põe as mãos em mim!" Esta cena no Salão sagrado era sem precedentes, insólita, *inconcebível*!

Muitos dos irmãos ficaram olhando para o Venerável Mestre, esperando que ele fizesse alguma coisa; mas ele não estava pronto para fazer "alguma coisa" com Mike, mais do que o rufião Jubela, que continuava deitado quieto junto ao altar. O Mestre só ficou sentado ali, inerte como uma estátua com a sua cartola negra, olhando direto para a frente.

Tentei acalmar Mike, mas não consegui. Fui então consultar o Venerável Mestre. Tentei explicar e disse que se

pudesse levar Mike à Sala de Preparação, achava que poderia acalmá-lo e estaríamos prontos para prosseguir. Ele concordou com a cabeça e continuou sentado, como se estivesse atordoado, sem se mover.

Voltei até Mike, que continuava girando de um lado para o outro no centro daquela súbita tormenta, e falei novamente com ele. Ele concordou em ir comigo. Fechamos a porta do Salão da Loja por trás de nós. Na Sala de Preparação, Mike começou a relaxar um pouco. Disse-lhe que lamentava o acontecido e que tentaria arranjar as coisas de modo a prosseguirmos com a sua iniciação. Ele disse apenas: "Está bem, Jim—mas *ninguém* põe as mãos em mim."

Deixei Mike na Sala de Preparação e voltei para consultar outra vez o Venerável Mestre, dizendo-lhe que seria melhor deixar de lado Jubelo e Jubelum e apenas fazer Mike deitar na lona e fazer com que eles o sepultassem. O Mestre olhou para mim de modo estranho e perguntou: "Para sempre?"

Desde que o Mestre só disse isso, fiquei certo que a minha solução tinha sido aceita, voltando então para a Sala de Preparação. Expliquei a Mike toda a cena e o que iria acontecer. Disse-lhe que se deixasse que nós fizéssemos o resto, gentilmente, tudo acabaria logo e ele seria um Mestre Maçom. Ele concordou, mas repetiu firmemente a advertência: "Ninguém põe as mãos em mim."

Voltamos então ao Salão da Loja, fizemos com que se deitasse na lona e completamos a sua iniciação, embora consideravelmente modificada. Mike não conseguiu que aquela noite fosse esquecida e durante muitos anos anedotas foram contadas sobre Mike e a política do "Não Ponha as Mãos em Mim!"

EU ME TORNO UM MESTRE DOS GRAUS

O Mestre do 25º Grau no Rito Escocês mudou-se para a Califórnia. Fui nomeado para substituí-lo. Recebi dele o livro de graus e, embora não fosse exigido de mim, memorizei o grau inteiro (o ritual e a lição a ser ensinada ou representada nesse grau). Ele devia ser exemplificado (representado

inteiramente como uma peça teatral) na Reunião seguinte. Eu estava decidido a fazer as coisas, melhor do que elas jamais foram feitas.

Mike e eu continuamos a ser amigos, ficando ainda mais íntimos. Com o meu encorajamento, ele logo entrou para o Rito Escocês comigo; desde que era um Rito "Escocês" eu achava que devíamos ter pelo menos um escocês participando dele. Como nessa altura eu era Mestre do 25º Grau, nomeei Mike orador. Com seu forte sotaque escocês, ele parecia a escolha perfeita. Dei a ele a parte que devia representar e fiz com que a memorizasse. Quando lhe disse que teria de usar uma barba artificial, ele decidiu deixar crescer a sua.

Quando chegou o dia da Reunião estávamos prontos. Tudo saiu perfeito. O Secretário ficou tão satisfeito com a maneira como exemplificamos o grau, que agradeceu e cumprimentou todo mundo, fazendo todo o trabalho árduo e os ensaios valerem a pena. Nós não tínhamos feito apenas o "trivial", mas fizemos melhor do que qualquer um podia lembrar-se de ter sido feito antes.

ENCHENDO O VAZIO

Como havia dito ao Venerável Mestre recém-admitido, quando lhe pedi para considerar-me para uma "Cadeira" na Loja Azul, eu não tinha intenção de ficar inativo. Fazendo um retrospecto, não tenho realmente certeza porque estava tão ansioso para chegar aos postos mais altos tão cedo. Estou certo de que não era apenas ambição orgulhosa, ou desejo de ser reconhecido. Era algo muito mais válido e substancial, alguma necessidade bem no fundo do meu ser.

Tendo crescido sem treinamento religioso, sem qualquer filiação à igreja, e sem identidade espiritual, eu não tinha realmente um conceito do significado da vida. Não tinha filosofia ou qualquer visão básica da existência, da morte e da eternidade. Sem compreender a princípio, este vazio em minha vida eu estava enchendo-me com o que aprendia e fazia na maçonaria.

Desde o começo eu tinha ficado perturbado com o fato de

tantos membros irem à Loja e apenas ficarem sentados ali. Quando o Mestre batia o martelo, eles ficavam de pé; quando batia de novo, eles sentavam. Quando ele dizia algo que exigia votação, eles respondiam "Assim seja", e quando a reunião findava eles levantavam e iam para casa. Alguns tinham que ser acordados e avisados de que estava na hora de sair. Muitos já eram membros há anos, e sempre sentavam na mesma cadeira. Eu estava decidido a não ser também um "esquentador de cadeira"; queria trabalhar e aprender tudo que pudesse. Queria crescer, e era exatamente isso que estava fazendo, finalmente.

UM CAPELÃO APRENDE A ORAR

No Rito Escocês fiquei conhecendo o agente funerário que me havia golpeado com o martelo quando fui iniciado no Terceiro Grau. Ele deveria ser o novo Venerável Mestre da Loja da Perfeição (um dos Quatro Corpos e aquela em que todas as reuniões de negócios são realizadas).

Eu não o via há algum tempo; quando nos encontramos novamente contei-lhe sobre a minha nomeação para Diácono Senior na Loja Azul. Disse-lhe que gostaria de ser um oficial na Loja da Perfeição se tivesse lugar para mim, e ele respondeu que iria lembrar-se disso.

Compreendo que isto poderia parecer um pouco forçado, mas na verdade não era. Não é nada fácil para os novos Mestres conseguirem voluntários para os cargos, e eles geralmente apreciam tal boa vontade.

Como acontece em todos os estágios da vida, a maioria quer a "honra" de pertencer, mas não quer o trabalho. Eu não sabia o que esperar dele, mas quando assumiu o cargo nomeou-me Capelão.

Finalmente estava encontrando uma posição para mim; era oficial tanto na Loja Azul como no Rito Escocês. Mas havia um problema bem grande: como Capelão eu tinha que orar e não sabia como. Eu nunca mais fui à igreja desde a época em que minha avó me levara e não entendia nada de oração. Ouvira as orações do ritual na Loja, mas não conseguia

lembrar nenhuma delas. Perguntei ao Venerável Mestre sobre a oração e ele tranqüilizou-me um pouco. Disse que iria dar-me dois cartões com as orações de abertura e encerramento impressas nele e que eu poderia simplesmente lê-las em voz alta. Mas disse também que eu deveria "fazer orações" nos banquetes e nas reuniões da Guarda do Rito Escocês. Eu tinha então que ter uma idéia sobre como orar e quais as orações a serem usadas. Não havia fuga possível. Tinha que aprender a orar.

Havia um novo homem na classe a ser iniciada, na Loja Azul, que fora pastor da Igreja Metodista vizinha ao Salão da Loja. Fui procurá-lo e disse-lhe que era o novo Capelão na Loja da Perfeição e precisava saber alguma coisa sobre a oração. Ele prometeu ajudar-me e no dia seguinte encontrei na caixa do correio um livro chamado "As Orações de John Wesley."

Estudei o livro e depois escrevi várias das orações registradas, como Wesley as escrevera. Achei que eram muito boas e senti que estava finalmente preparado para meu novo cargo. Sempre que fosse solicitado a orar, podia apenas ler uma daquelas orações em voz alta. Eu estava pronto, ou pelo menos foi isso que pensei.

Na reunião seguinte da Guarda do Rito Escocês (para a abertura da iniciação de uma nova classe na Reunião) fiz a oração enquanto a Guarda de 25 homens mantinha-se de pé. Era uma das orações de John Wesley que eu tirara do livro.

Pensei que a oração era de primeira classe e senti-me bem a respeito dela; mas quando a cerimônia de abertura terminou, o Comandante da Guarda chamou-me de lado e repreendeu-me severamente, dizendo: "Você manteve meus homens em posição de sentido durante cinco minutos inteiros!" Chamou-me também de "fanático religioso" e disse que já era bastante mau ter mantido os homens de pé durante cinco minutos, para ainda terminar a oração com as palavras "no nome santo de Cristo." Por causa *disso*, disse ele, eu ia ser *denunciado*! Fiquei magoado com a censura dele, especialmente porque eu trabalhara tanto para fazer tudo certo e não tinha idéia de ter feito alguma coisa errada.

Respondi que, já que estava sendo tão rude comigo não me importava com o que pudesse pensar, que não sabia nada

sobre as suas orações de 30 segundos, e que a partir de então podia orar ele mesmo!

Enquanto afastava-me, ia pensando: "Que irmão esse, falar comigo desse jeito! Pelo menos ele podia ter deixado de taxar-me de "fanático religioso", desde que nem sei o que é orar exceto pelas orações nos cartões e no livro."

Pouco depois disso fui chamado pelo Secretário do Rito Escocês para falar sobre a minha performance insatisfatória. Ele mostrou-se amável, mas disse que *jamais* deveria encerrar uma oração com as palavras "em nome de Jesus" ou "em nome de Cristo", e acrescentou: "Torne as suas orações *universais*."

Fiquei pensando sobre todo aquele espalhafato sobre uma oração, especialmente uma tirada de um livro que um pregador me emprestara; mas apenas agradeci a ele e fui embora.

NA ESTRELA DO ORIENTE

Bonnie me apoiara e encorajara no trabalho da Loja desde o início. Como já contei, ela tinha sido membro inativo da Ordem da Estrela do Oriente quando nos casamos, embora eu não soubesse disso na época. Depois de minha promoção e, à medida em que me tornava mais ativo na Loja Azul e no Rito Escocês, Bonnie disse-me certa noite que pretendia começar a ir à Estrela do Oriente e achava que seria bom se eu também fosse.

Concordei. Entreguei meu pedido de admissão, sendo logo aprovado e iniciado. Muitas pessoas pensam que "A Estrela" é só para mulheres, mas não é.

A Ordem da Estrela do Oriente foi concebida por um homem, homens a organizaram, homens escreveram os seus rituais, e nenhuma reunião pode ser realizada sem que pelo menos três homens estejam presentes. Os homens, poder-se-ia dizer com exatidão, controlam a Ordem da Estrela do Oriente, à distância.

A vida social era agradável e havia agora uma reunião por semana que Bonnie e eu podíamos freqüentar juntos.

Embora eu pudesse tornar-me um oficial na Estrela do Oriente, não desejava isso. Eu já tinha muitos afazeres na Loja Azul e no Rito Escocês e sentia-me feliz em ir com Bonnie às reuniões e às funções sociais da entidade.

O ALCORÃO, O BARRETE E O DIVERTIMENTO: TORNANDO—ME UM "SHRINER"

O Tabernáculo ("Shrine", Ordem Arábica Antiga, Nobres do Santuário Místico) é a mais notável de todas as formas da Maçonaria e a mais distante dos princípios e tradições maçônicos básicos. Muitos que nada sabem a respeito da maçonaria em geral, que talvez nem sequer reconhecem a palavra "maçom" exceto por pensar que trata-se de alguma espécie de pedreiro, têm pelo menos uma vaga idéia dos "Shriners".

À menção da palavra "Shriner" a maioria pensará em homens de chapéus vermelhos com borlas, talvez em trajes coloridos, desfilando, fazendo palhaçadas ou fazendo algum tipo de serviço público.

Se souberem um pouco mais que isso, pensarão neles como homens que fazem grandes convenções e bebem bastante. A maioria do público em geral passará a vida sem saber da existência do Rito Escocês ou do Rito de York; os graus desses Corpos e títulos como Príncipe Competente, Mestre do Segredo Real ou Cavaleiro Templar não terão significado para eles.

Talvez nunca tenham ouvido falar da Loja Azul e do grau de Mestre Maçom mas, terão provavelmente ouvido falar dos Shriners e terão algum conhecimento do que eles fazem. O Tabernáculo, o "Exército dos Artistas da Maçonaria", mantém um perfil *muito* destacado.

Eu já tinha ouvido falar do Tabernáculo há muito tempo, quando possuía apenas um vago conhecimento do resto da Maçonaria. Desde minha entrada na Loja, fiquei pensando em tornar-me um Shriner algum dia. Parece-me que isto acontece com a maioria dos maçons quando eles passam dos Graus Azuis.

Por esta razão, uma das práticas deles deixava-me perplexo: depois de cada Reunião do Rito Escocês, os Shriners

apareciam, recrutando os novos maçons do 32º Grau para o Santuário e isso parecia desnecessário. Foi o que aconteceu comigo. Logo depois de receber o 32º Grau eles começaram a rodear-me, pedindo que me juntasse a eles. No meu caso estavam perdendo tempo, pois já decidira há muito que faria isso.

É necessário ser um Maçom do 32º Grau por seis meses antes de poder juntar-se aos Shriners. Ao contrário do meu modo de ser, não me apressei quando passaram-se os seis meses. Eu estava completamente envolvido com a Loja Azul e já era oficial no Rito Escocês. Eu talvez também pressentisse que o trabalho no Tabernáculo não era tão sério quanto na Loja Azul e no Rito. Eu queria *aprender* - sobre religiões e sobre o significado da vida - e tinha muito a aprender onde estava. Não entrei então no Tabernáculo depois da Reunião da Primavera quando tornei-me elegível.

Eu era capelão do Rito Escocês e Mestre dos Graus. Na Loja Azul era Diácono Senior e preparava-me para ser Diretor Júnior, a apenas duas cadeiras de distância do cargo de Venerável Mestre. Estava muito ocupado com toda essa responsabilidade.

No outono seguinte, porém, depois da Reunião achei que estava na hora de entrar no Tabernáculo. Mike havia entrado no Rito Escocês na Reunião da Primavera e podia ser também eleito. Fomos juntos ao Tabernáculo. Eu sabia que as iniciações no Tabernáculo ficavam realmente barulhentas e comecei a imaginar o que poderia acontecer se colocassem as mãos com violência sobre Mike. A iniciação foi realizada no Coliseu, diante de uma grande multidão que compareceu para ver as brincadeiras. Uma das primeiras coisas a serem feitas era identificar os homens com problemas de saúde que pudessem correr risco na iniciação.

Havia médicos para interrogar e examinar os candidatos; os considerados como apresentando risco eram separados; colocavam uma fita branca no pulso deles e ficavam então simplesmente sentados enquanto os outros candidatos passavam pela parte turbulenta do programa. Desta forma, por causa de seu antigo problema com as costas, Mike foi poupado e o Tabernáculo perdeu uma demonstração da "política Ninguém Põe as Mãos em Mim."

Começamos a iniciação cerca do meio-dia naquele sábado. Depois do exame médico veio a "confusão", que é uma brincadeira bem infantil. Parte dela era não só infantil, mas também praticamente vulgar. Em dado momento éramos colocados em uma grande caixa de arame, e um dos Shriners subia em cima dela. Ele mostrava um pênis de borracha muito convincente, ligado a um saco de água escondido por dentro da roupa, e molhava todos nós dentro da caixa sob os gritos deliciados dos espectadores.

Depois da "confusão", chegava a parte séria, o ritual, a hora de fazer o juramento. Aceitamos a obrigação, novamente com terríveis e sangrentas conseqüências se revelássemos quaisquer dos "segredos" (uma forma de mutilação que prometemos aceitar era ter "o globo ocular furado no centro com uma lâmina de três folhas"). Sobre o Alcorão no altar, selamos nosso juramento solene em nome de "Alá, deus dos árabes, muçulmanos e maometanos, o deus de nossos pais."

Eu já tinha feito tantos juramentos de sangue (um para cada grau) que dei pouca atenção , exceto por notar que este, como o resto do ritual, mostrava um cenário desértico, árabes e Alá, o deus maometano. Fiquei desapontado e um pouco ofendido com a natureza infantil e vulgar da iniciação, mas não realmente surpreso, pois afinal de contas, este era o Tabernáculo; e "divertimento" era a marca dos Shriners.

A iniciação terminou às 4 da tarde, para que todos pudéssemos ficar prontos para o grande banquete de celebração naquela noite. Com mais uma iniciação terminada, fui para casa compartilhar o momento com Bonnie e preparar-me para a celebração. Devia ser uma festa do tipo TSPB ("traga sua própria bebida"). Mike ia conosco e estávamos ansiosos para usar nosso barrete novo em folha. Gostamos da festa que durou até as duas da manhã. Éramos finalmente Shriners e tudo parecia ótimo.

Não havia trabalho a ser feito para o grau no Shrine, pois não existe realmente um grau e portanto, não parecia que eu ia aprender muita coisa ali. Todavia, agradava-me a idéia de fazer parte de todos os serviços de benevolência comunitários deles. Estava orgulhoso do meu barrete vermelho novo, com acabamento e borla dourados.

Não me parecia que minha vida pudesse ficar mais cheia, exceto por uma coisa: eu sentia ainda um vazio espiritual; continuava em busca de uma religião.

---

[1] Numa loja bem organizada, Jesus jamais é mencionado exceto em termos vagos, filosóficos. As orações nunca são feitas em Seu nome, e quando passagens bíblicas são citadas no ritual, todas as referências a Ele são simplesmente omitidas. Por exemplo, 2 Tessalonicenses 3.6 é usado no ritual, mas não da maneira como se encontra na Bíblia; as palavras "em nome do Senhor Jesus Cristo" são completamente omitidas. Da mesma forma, o ritual inclui 1 Pedro 2.5, mas com as palavras "de Jesus Cristo" omitidas. Albert Mackey, a autoridade maçônica mais importante depois de Albert Pike, chama esta mudança das escrituras de "uma modificação leve mas necessária" (Masonic Ritualist, pg. 272).

[2] Todo Shriner, ajoelhado diante do Alcorão, faz este juramento em nome de Alá e reconhece esse deus pagão da vingança como seu deus ("o deus de nossos pais"). Durante o ritual, ele reconhece o islamismo, o inimigo de sangue declarado do cristianismo, como o verdadeiro caminho. ("Quem busca o Islã sinceramente busca a verdadeira direção.") Como o coração de Deus deve sofrer ao ouvir essas palavras dos lábios dos Seus próprios filhos, especialmente os líderes da Sua igreja!

Capítulo 8

FINALMENTE UMA RELIGIÃO

Enquanto continuava progredindo "através das cadeiras", de cargo em cargo na Loja Azul, também continuei a trabalhar cada vez mais nos graus do Rito Escocês. À medida em que continuava a estudar nos rituais dos graus e palestras, desenvolvi uma compreensão cada vez mais clara das crenças religiosas e aproximei-me sempre mais de uma crença religiosa pessoal.

"A LOJA BASTA COMO RELIGIÃO"

No correr dos anos devo ter ouvido centenas de homens dizerem: "Não preciso de ir à igreja - a Loja basta como religião para mim." Um grande número deles jamais vai à igreja, exceto com a Loja uma vez por ano para ouvir a exaltação da maçonaria. Eles confiam na filiação à Loja e na sua própria "vida virtuosa" para assegurar-lhes aceitação na "Loja Celestial lá em cima."

Num certo sentido concordei com esses homens, pois cria que as igrejas e sinagogas só sabiam e ensinavam remanescentes imperfeitos e perversões das "religiões antigas", as velhas religiões misteriosas do Oriente. Mas não concordava com eles em outro aspecto: eu não me satisfazia em basear minha vida sobre algo assim tão vago. Continuaria a buscar até que tivesse uma crença religiosa específica, fundamental. E não chegara ainda a esse ponto.

OS DEZ MANDAMENTOS

Ainda motivado em minha busca de compreensão religiosa, fiquei contente quando pediram-me para tornar-me Mestre do 18º Grau. Neste grau, o Grau da Rosa Cruz, li que "As cerimônias deste grau são interpretadas por cada indivíduo de acordo com a sua própria fé, pois de nenhuma outra forma a maçonaria poderia reter o seu caráter universal."

O livro do grau continuava a dizer que o simbolismo do grau vem do "ankh", símbolo egípcio para a vida, que tem sua origem na Divindade (Deus), significando que os deuses egípcios eram pelo menos comparáveis ao Deus cristão. Ele dizia também que "Em todas as religiões existe uma base de verdade; em todas há moralidade pura."

Quando li essas palavras achei que soavam maravilhosas. Não parei para pensar que este endosso de "todas as religiões" incluía todas as formas cruéis do paganismo com suas mutilações e sacrifícios humanos, vodu, feitiçaria (freqüentemente chamada de "Velha Religião") e todas as formas de satanismo. O livro do grau associava tudo isto ao dizer que a maçonaria tem a missão de reunir "homens de todas as religiões" sob o estandarte maçônico e ao redor do altar maçônico.

O grau também descreve os Dez Mandamentos, que achei particularmente interessantes. Certo dia, ao apresentar esta parte do ritual, tive uma intuição muito importante.

UM PENSAMENTO PERTURBADOR

Na Reunião seguinte este Grau da Rosa Cruz foi exemplificado. Eu preparara bem a minha equipe para a representação. Estava contente com tudo - não só com a "verdade" que julgava estar expressando, mas também com a maneira eficiente como estávamos apresentando o ritual. Um dos candidatos na classe de iniciantes era o prefeito de nossa grande cidade, um homem muito importante e, de certo modo, meu chefe. Como sempre, um dos membros da classe foi escolhido para participar representando os demais, e

obviamente, escolhemos Sua Excelência, o prefeito.

No final do juramento ao fazê-lo ajoelhar-se no altar, eu tinha na mão o Livro da Lei e ele estava jurando guardar os Dez Mandamentos. Enquanto eu lia cada um deles no livro, ele repetia minhas palavras e prometia cumpri-los. Quando estava perto da metade dos Dez Mandamentos ocorreu-me a idéia: "Você não pode fazer o que está prometendo. Eu o conheço, conheço alguma coisa da sua vida, e sei que você não pode cumprir esses Mandamentos. Na verdade, acho que não conheço *ninguém que possa*."

Não obstante, o prefeito conclui todo juramento terrível, com o "Assim seja." Esta interessante contradição permaneceu comigo, voltando aos meus pensamentos de tempos em tempos. A grande maioria dos homens, porém, fazem o juramento apenas repetindo-o, passando por ele para prontamente relegá-lo ao esquecimento.

EU ME TORNO VENERÁVEL MESTRE

Quando chegou a minha vez de ser eleito Venerável Mestre da Loja Azul, tive que parar de aceitar novas responsabilidades no Rito Escocês.

Eu já estava trabalhando em quatro graus, além da minha participação na Estrela do Oriente e no Tabernáculo. Servir como Venerável Mestre ocupa a maior parte do "tempo extra" que a pessoa tem, pois os deveres são exigentes. Obviamente, tive a plena colaboração de meus superiores no cargo, pois eram maçons e estavam satisfeitos com o meu desempenho. Deram-me licença para comparecer aos funerais maçônicos e outras atividades extraordinárias, e isto jamais constituiu problema.

UM TESTEMUNHO INTERESSANTE

Na noite após minha instalação como Mestre tivemos um jantar especial para o Mestre que estava despedindo-se. Foi muito agradável, realizado em um salão de festas particular

num grande hotel completo com bar. Durante a reunião pedimos ao Mestre que compartilhasse conosco a história de como entrara na Maçonaria e seu progresso nela. Ele já bebera bastante e foi muito franco ao dar o seu "testemunho" como maçom.

Rimos quando contou-nos que quando pediu para ser admitido ficou surpreso pelo fato do Comitê de Investigação tê-lo aceito como membro. Ele disse: "Mal podia acreditar que estivessem dizendo-me que fora aprovado, pois estava tão bêbado quando chegaram que não pude sequer levantar-me. Minha mulher teve que fazê-los entrar, pois mesmo que eu pudesse pôr-me de pé não ia correr o risco de andar pela sala e cair."

Ri com todos os outros a princípio, mas depois fiquei perturbado com a evidente contradição. Um dos princípios básicos da Maçonaria é a *sobriedade*. Todavia, o ex-Mestre foi aceito como membro quando estava tão bêbado que não podia ficar de pé e andar. Este pensamento perturbador, como o que tivera sobre os Dez Mandamentos, ficou comigo.

UMA TEORIA ESTRANHA E INTERESSANTE

Nós fazíamos almoços regulares no Clube Acácia, somente para maçons. Geralmente bebíamos um trago no bar e depois nos dirigíamos para o salão do clube onde almoçávamos. Depois do almoço havia quase sempre um orador.

Um desses oradores era um pastor metodista, maçom dedicado e estudioso dos Mistérios Antigos. Ele tinha uma teoria estranha e interessante sobre como a maçonaria tinha sido fundada por Ninrode durante a construção da Torre de Babel. É claro que eu não conhecia nada da Bíblia e portanto aceitei tudo que ele disse como sendo verdade.

Agora que estudei as Escrituras sei que elas não ensinam isso absolutamente. Todavia, tendo desde então aprendido muito sobre as origens escuras e sombrias da maçonaria, compreendo que o estranho pregador talvez não estivesse tão longe da verdade.

EU QUERIA COMPREENDER

Meu ano como Venerável Mestre da Loja Azul foi uma experiência agradável. Gostava do trabalho nas reuniões semanais e de levar as classes através dos três primeiros graus. Era também agradável ser tratado com todo respeito e chamado "Venerável" e "Mestre".

Em vista do cargo exigir tanto do meu tempo e energia, meus pensamentos mais uma vez concentravam-se realmente na Loja Azul (em vez de nos graus do rito Escocês e no trabalho no Tabernáculo). Eu havia questionado as coisas quase desde a minha admissão na maçonaria, não por ser cético, mas por desejar tanto aprender e compreender. Não ficava satisfeito só em sentar durante as sessões, dizer o que tinha a dizer e seguir adiante. Eu queria *aprender*. A maçonaria estava dando significado à minha vida e eu queria *saber* tudo que se relacionasse com ela.

O QUE É UM "COWAN"?

Lembro-me de uma pergunta que me ocorreu durante uma das primeiras palestras que ouvi. Era sobre as origens maçônicas e o preletor disse que o nome "Loja Azul" vinha de "nossos irmãos antigos que encontravam-se à noite nos altos dos montes e nos vales baixos, reunidos sob a abóbada do firmamento", o céu azul. A palestra prosseguiu e o orador disse que os irmãos da antigüidade colocavam guardas para "impedir a entrada de 'cowans' e de intrometidos."

Minha mente se fixou no termo "cowan", pois jamais o ouvira antes. Depois da reunião perguntei ao encarregado da Loja responsável por guardar a porta e impedir a entrada de "cowans" ou outras pessoas "profanas" no salão, o que era um "cowan". Desde que lhe cumpria mantê-los distantes, supus que ele soubesse quem eram.

Ele pareceu perplexo e depois disse: "Penso que é um vagabundo imprestável." Perguntei a seguir a uma meia dúzia de outros (inclusive todos os líderes) e ninguém pôde dizer-me o que era um "cowan".

Muitos anos mais tarde fiquei sabendo que *cowan*, é um termo inglês antigo para o pedreiro inexperiente que não sabia trabalhar com pedras e que na Idade Média costumava ficar espionando nas reuniões das associações de construtores, tentando aprender seus segredos.

Este tipo de indagação tornou-se um padrão em minha vida de maçom, que às vezes trouxe-me problemas, mas também tornou-me um maçom melhor informado do que a maioria. Se alguém me perguntasse, quando era Venerável Mestre, o significado de "cowan", eu poderia ter respondido, mas ninguém jamais perguntou.

O DIRETOR JÚNIOR DEIXA A LOJA

Certo dia, enquanto eu era Venerável Mestre, o Diretor Júnior fez-me perguntas sobre a Bíblia. Ele ressaltou que no ritual dizemos que a Bíblia é "uma regra e guia de fé e prática" e que ela ensina que o Deus cristão é o único Deus verdadeiro e que Jesus é o único meio de salvação.

Entretanto, ele lembrou-me que ensinamos na Loja que todas as religiões são válidas. e mostrando-me que há uma contradição nesse ponto, pediu-me explicações. E, uma vez que eu não pude dar as explicações solicitadas, deixou a Loja e renunciou à maçonaria. Pensei que fora uma atitude um pouco extremada, mas jamais esqueci a pergunta. Esse homem tinha sido um maçom dedicado e um excelente obreiro na Loja, faltando apenas duas cadeiras para tornar-se Venerável Mestre. Ele deixou tudo por Jesus e pela Bíblia.

MAIS PERGUNTAS SEM RESPOSTAS

No final do meu ano como Venerável Mestre, voltei ao trabalho no Rito Escocês com toda a minha energia. Estudei mais os graus, estudei as referências no manual "Moral e Dogma" e em outras fontes, e continuei a fazer perguntas. Como antes, minhas perguntas continuaram a encontrar um silêncio irritado ou conselhos do tipo: "Deixe de fazer pergun-

tas que não têm respostas e siga apenas o Ritual." Fiz tantas perguntas que o Secretário marcou finalmente uma reunião especial dos líderes para tratar do "problema" que eu estava criando.

Quando eles disseram que minhas perguntas não tinham respostas e que eu devia ficar satisfeito em seguir apenas os livros, fui franco com eles. Disse àquele grupo de líderes que acreditava que as respostas *estavam* lá, mas ninguém se *preocupava* em encontrá-las.

Eu queria saber, por exemplo, porque éramos chamados de Rito "Escocês", quando os graus e o sistema eram originários da França. "Por que não chamá-lo Rito Francês?" perguntei. Não obtive novamente resposta e a conferência terminou com as palavras: "Siga o Ritual e deixe de querer introduzir as suas próprias opiniões no sistema. O nome é Escocês e não importa o que alguém mais possa dizer."

Apesar das conclusões da reunião especial, vários dos líderes abordaram-me mais tarde e perguntaram como eu havia aprendido essas coisas tão perturbadoras. Compartilhei de bom grado com eles minhas fontes maçônicas irrefutáveis e eles pareceram compreender tudo. Mas isso não mudou coisa alguma. O interesse deles era apenas superficial e temporário. Não tinham qualquer desejo real de conhecer a verdade.

Eu comecei a compreender que havia duas classes de maçons: uma que apenas ficava sentada nas reuniões e a outra que fazia o trabalho, mas simplesmente seguindo o Ritual, decorando e lendo o mesmo sem contudo, entendê-lo.

Eu não me enquadrava realmente em nenhuma dessas categorias, mas continuava cego para a Bíblia e à sua mensagem. Continuei então fazendo perguntas. Continuei buscando as respostas nos graus e outros escritos das autoridades maçônicas.

CAVALEIRO COMANDANTE DA CORTE DE HONRA

Apesar de estar "fazendo onda" com todas as minhas indagações e busca de entendimento, continuei a fazer verda-

deiro progresso no Rito e a acumular honras e reconhecimento. Existe uma honraria específica, além do 32º Grau, chamada "Cavaleiro Comandante da Corte de Honra" (C.C.C.H.). Esse título vitalício inclui um gorro vermelho especial com o emblema C.C.C.H. Foi um dia feliz aquele em que notificaram-me que fora escolhido (pelos representantes do 33º Grau) para receber essa elevada honraria.

Era necessário que eu viajasse para uma cidade distante para receber o C.C.C.H.. Desde que Bonnie estava trabalhando, ela não pôde acompanhar-me, e Mike disse então que iria comigo. Tiramos licença de nossos empregos para fazer a viagem (nossos superiores ficaram satisfeitos com tudo), embora não fosse necessária a ida de Mike. Tomamos o trem para o Conclave e a viagem foi agradável. Eu estava entusiasmado e Mike se sentia satisfeito por minha causa.

A bebida corria solta no Conclave e isso me aborreceu. "Por que temos *sempre* de beber tanto?" perguntei a mim mesmo, mas não tinha uma resposta. Eu gostava de beber um pouco e o fazia com regularidade. O que me incomodava era a grande quantidade de bebida que rolava, além de constar que ela desempenhava um papel muito importante na vida maçônica. Recebi a Honraria e aproveitamos o banquete depois da cerimônia. Na manhã seguinte houve uma reunião no Salão da Loja e uma palestra foi feita pelo Grão Mestre da Grande Loja da Flórida, um maçom muito proeminente. Senti-me honrado com tudo aquilo.

Naquela tarde Mike e eu tomamos o trem de volta para casa. Ao refletir sobre tudo, ele declarou que esperava tornar-se um C.C.C.H. algum dia e eu concordei plenamente. Bonnie ficou contente ao ver-me; estava orgulhosa com a honra que eu recebera e achava que eu parecia distinto com o meu novo gorro vermelho, tão chique.

FINALMENTE UMA CRENÇA RELIGIOSA

Era novamente hora de nos prepararmos para a Reunião e havia muito a ser feito pois eu estava agora trabalhando em quatro graus ao mesmo tempo. Enquanto estudava cada vez

mais, percebi com crescente clareza que a maçonaria ensina que qualquer coisa na qual o indivíduo acredite sincera e conscientemente é verdade, e que todas as religiões são igualmente válidas. Assim sendo, Jesus Cristo fica reduzido ao nível de outros "exemplares", tais como Buda, Maomé, Confúcio, Pitágoras e Emannuel Swedenborg.

Albert Mackey escreveu (no Ritualista Maçônico): "Desse modo, a base (esquema para a vida) do judeu é o Antigo Testamento, dos maometanos o Alcorão; as Escrituras Veda do Hinduísmo e os escritos de Baha-ullah são tão bons quanto a Palavra do Deus dos cristãos, pois o fato é que religião alguma jamais chega aos pés dos ensinos puros da Maçonaria."

Albert Mackey, esse eminente líder e filósofo maçônico que acreditava que todas as religiões humanas têm o mesmo valor, embora inferiores aos "ensinos puros da maçonaria", também cria na reencarnação. De fato, Mackey acreditava que em uma de suas vidas anteriores na terra ele fora Jacques DeMolay, o cruzado medieval queimado na estaca na França por ter traído e vitimado peregrinos na Terra Santa.[1]

UMA GRAVE CONTRADIÇÃO

É claro que surgem imediatamente problemas aqui, pois esses sistemas religiosos que são "todos corretos" e "igualmente válidos" afirmam ser o *único* válido e correto. Torna-se então óbvio que todos não podem estar "certos" ou ter a mesma validade. Mas a minha mente não estava preparada para perceber esta grave contradição. Aceitei a idéia de que não importa realmente no que você acredite desde que seja sincero. Para apoiar e manter unido este sortimento inconsistente de crenças contraditórias, havia a teoria da reencarnação.

Quando Mike e eu acabamos o trabalho do grau em ainda outra Reunião, discutimos a palestra que ele dera no 25º Grau e a que eu dera no 32º. Nenhum de nós havia estudado a Bíblia. Ninguém nos dera um testemunho claro sobre Jesus como o Redentor e decidimos então que iríamos encontrar a

verdade sobre a religião nos graus. Mike fora católico na Escócia, mas deixou tudo isso para trás quando chegou à América. dizendo: "Não quero mais nada com o cristianismo."

ABRAÇAMOS A REENCARNAÇÃO

Com o material dos graus e outros escritos maçônicos como nossa fonte, decidimos finalmente que a verdade estava na reencarnação e que se procurássemos ter uma vida boa agora, fôssemos bons para nossos irmãos maçons, ajudássemos os doentes e fizéssemos boas obras em geral, quando morrêssemos iríamos entrar na vida futura num plano mais alto - como se atravessássemos uma porta. Todavia, se não tentássemos viver retamente e fazer o bem nesta vida, poderíamos então esperar entrar por essa porta numa forma de vida inferior, talvez como um bárbaro na Idade Média, ou um pobre coitado vivendo na ignorância e pobreza no Extremo Oriente.

Lembramos, consequentemente, a exemplificação do 31^{0} Grau. Neste grau o candidato, como um homem típico que acabou de morrer, está defendendo a sua vida diante dos deuses e deusas do Egito. O candidato fala sobre as suas boas obras na vida que acabou de findar e de sua esperança de uma encarnação melhor na próxima. Enquanto o candidato conta cada obra que fez, uma das divindades egípcias deixa cair uma pedra no prato de uma balança. Quando a última pedra é atirada no prato pelo deus Anubis (um homem com cabeça de carneiro), a balança se inclina e Osiris e Ísis, que estão presidindo, dizem: "Pesado na balança e achado em falta." O candidato ouve então quando a Alma de Cheres, símbolo da imortalidade, é trazida diante da Câmara dos Mortos e ele aprende que deve melhorar na sua próxima vida a fim de avançar no ciclo da reeencarnação.

UM DUPLO COMPROMISSO

Decidimos assim adotar a doutrina da reencarnação e

tomamos um duplo compromisso. Comprometemo-nos a aceitar o conceito como uma crença religiosa. Comprometemo-nos também mutuamente a fazer o melhor que pudéssemos nesta vida de modo a continuarmos juntos num plano superior na próxima. Examinamos toda a evidência à nossa disposição, tomamos uma decisão e depois um compromisso sincero de tentar viver de acordo com ela.

Mike e eu pensávamos que aceitando a reencarnação e fazendo o melhor que estivesse ao nosso alcance, de alguma forma iríamos algum dia nos encontrar juntos naquela "Grande Loja no Céu."

Bonnie não concordava realmente conosco a respeito da reencarnação, mas não disse grande coisa a respeito. Ela parecia saber algo, lá no fundo, que nós não sabíamos. Mas não se opôs à nossa decisão e compromisso, e assim prosseguimos.

Finalmente, eu tinha uma religião própria! Tinha a religião da Maçonaria (a Religião Egípcia Misteriosa de Ísis e Osíris) com sua doutrina subjacente da reencarnação concordando que a Loja era realmente uma "religião suficientemente boa para mim."

---

[1] A Ordem De Molay, organização maçônica para rapazes jovens demais para entrarem na Loja, foi assim chamada em homenagem a Jaques DeMolay, conhecido na tradição maçônica como herói.

Capítulo 9

A TEMPESTADE SE ACUMULA

Por ter finalmente uma religião própria, entrei num período de quatro anos satisfatórios. Foi uma época de trabalho firme, determinado e criativo, um período estável de progresso. Em meu trabalho no Rito Escocês especialmente, esses foram anos de realizações. Mas juntamente com a satisfação do trabalho e o aprendizado, surgiram algumas decepções e certa desilusão.

DESILUSÃO NO TABERNÁCULO

Logo depois que tornei-me C.C.C.H., falei com o Ilustre Potentado do Tabernáculo (Chefe do Tabernáculo) sobre a possibilidade de "subir" para o cargo de Ilustre Potentado. Eu estava trabalhando no Tabernáculo na medida em que as minhas possibilidades no Rito Escocês e na Loja Azul permitiam. De fato, eu era um dos obreiros mais esforçados em nosso Tabernáculo. Eu me tornara um daqueles poucos membros dedicados de quem o Potentado dependia para manter as coisas em ordem. Ao que parece, toda organização tem pessoas assim, as que fazem a maior parte do trabalho.

VOCÊ NÃO TEM QUALIFICAÇÕES

Quando disse a ele que estava interessado em tornar-me "Ilustre Potentado" algum dia (este cargo, como o do Venerável Mestre na Loja Azul é mantido por apenas um ano), pensei

que ele ficaria alegre, que me encorajaria a fazer isso.

Mas, pelo contrário, ele olhou para mim e disse: "Jim, não espere tornar-se Ilustre Potentado no Tabernáculo. O cargo exige alguém com mais dinheiro e uma casa melhor do que a sua. Este ofício exige visitas a Potentados e outras pessoas importantes e você não poderia fazer isso adequadamente. É melhor esquecer."

Isto realmente tomou-me de surpresa e magoou meus sentimentos. Mais uma vez, vi um contraste agudo entre a seriedade e profundidade da Loja Azul e do Rito Escocês com a superficialidade das ênfases sociais e públicas do Tabernáculo.

JOGO DE FUTEBOL ALL-STAR

Outra decepção esperava por mim, enquanto continuava a trabalhar duro no Tabernáculo. Fui nomeado para um cargo exigente e responsável em conexão com o Jogo de Futebol "All-Star" que patrocinamos a fim de conseguir mais dinheiro para construir e operar nossos centros e hospitais para crianças. Eu era responsável por alojar, alimentar e entreter os técnicos, jogadores e outros elementos envolvidos em tudo que se referia ao jogo.

Fiquei entristecido e desiludido com a enorme quantidade de dinheiro gasta nas acomodações e entretenimento de todas essas pessoas, em lugar de ser empregada nos hospitais propriamente ditos. Isso atingiu-me em cheio, mas logo descobri que não podia fazer nada. Fiz então apenas o meu trabalho e consolei-me com o dinheiro que realmente foi encaminhado para a construção e operação dos hospitais. Não consegui, porém, esquecer o assunto que continuou a perturbar-me.

MESTRE DE TODOS OS CORPOS DO RITO ESCOCÊS

Prossegui em meu trabalho diligente nos graus do Rito Escocês, aprendendo cada vez mais sobre a "Velha Religião"

que se tornara minha, e crendo que estava crescendo espiritualmente. Durante os quatro anos seguintes continuei a trabalhar em outros graus, a levantar ondas ocasionais fazendo perguntas (que na sua maioria não obtinham respostas) e a acumular reconhecimento e honras.

A essa altura eu tornara-me sucessivamente Mestre dos quatro Corpos do Rito Escocês e servia como tal com sucesso e satisfação. Tornara-me, sem buscar sê-lo, o homem geralmente considerado líder proeminente do Rito-aquele que mais provavelmente "chegaria a ser alguém."

Exceto pelas minhas indagações e busca de conhecimento e compreensão, eu mantinha uma relação harmoniosa e amigável com todos no sistema. Eu era um pouco "rigoroso" em minha insistência de ver o trabalho terminado, mantinha uma atitude séria a respeito dele e exigia excelência por parte dos que trabalhavam comigo. Tudo era feito de modo positivo, exceto por alguns preguiçosos que eu não podia tolerar, mas os resultados eram consistentemente bons.

Ao tornar-me Mestre dos quatro Corpos, eu alcançara algo raras vezes conseguido. Fazia-me bem pensar em quanto aprendera durante o processo e sentia-me realizado, tanto no sentido de trabalhos bem feitos como no crescimento na religião. Minhas raízes haviam-se aprofundado nas "Religiões Misteriosas Antigas"; confiava na reencarnação e em minhas boas obras que me levariam eventualmente para aquela "Loja Celestial no Céu." Também estava crescendo rapidamente em termos de responsabilidade e realizações na Loja. Sentia-me contente com tudo e achava que dificilmente poderia haver algo melhor. Logo, porém, iria descobrir mais.

BOAS E MÁS NOTÍCIAS

A Reunião do Outono foi difícil mas boa, com uma grande classe de candidatos iniciados. No final da Reunião disseram-me que eu estava sendo considerado para o 33º Grau.

O 33º Grau! Era bom demais para ser verdade! Eu era C.C.C.H. e Pós Mestre de todos os Corpos do Rito Escocês e isso já era um grande sucesso e honra para alguém que fora

um menino abandonado. O pensamento de receber também o 33º Grau fazia minha cabeça girar.

O 33º Grau não pode ser comprado ou ganho. De fato, ele não pode ser sequer buscado, pois pedir ou tentar alcançá-lo significa desqualificação automática e permanente para receber a honra.

O Supremo Conselho do 33º Grau, sediado em Washington, D.C., na Casa do Templo, é quem faz a escolha. Exceto por um posto no próprio Supremo Conselho, esta honra é o fim da linha - não há outra maior. E não era só isso; eu fora um C.C.C.H. durante somente quatro anos. Ninguém pode ser considerado para o 33º Grau até que tenha sido um C.C.C.H. por quatro anos. Eu estava então sendo *considerado* no prazo mínimo!

Fui informado que dentro de seis meses notificariam-me se eu iria receber realmente o 33º Grau. Fiquei pensando que mesmo que não fosse escolhido, já seria uma grande honra ter sido considerado!

Juntamente com estas boas notícias praticamente incríveis, comecei a notar um problema em meu trabalho e dificuldades cada vez maiores. Em meu emprego na Alfândega eu precisava enxergar os nomes e números dos navios e barcos à distância. Em breve isto se tornou um problema. Por mais que tentasse não conseguia ler os nomes e números claramente de onde me achava, como sempre o fizera.

Pensando que apenas precisava de óculos para resolver o caso, fui consultar um oftalmologista. Ele examinou-me e disse que tinha más notícias para mim. Não podia ajudar-me, prescrevendo óculos para miopia. Na verdade não podia ajudar-me de forma alguma; informou-me que eu tinha catarata progressiva no olho esquerdo e que devia consultar um especialista.

UM MÉDICO COM NOTÍCIAS BOAS E SIMPLES

Fui para casa e contei a Bonnie o acontecido. Ela disse que conhecia um bom oftalmologista bem recomendável. Esse médico tratara de uma senhora sua conhecida e ela tinha

certeza de que seria bom se eu fosse vê-lo. Este conselho de Bonnie foi talvez o ponto crítico mais importante de minha vida, eu não sabia disso no momento. Ao fazer simplesmente o que parecia a coisa lógica e sem a menor idéia da importância da minha iniciativa, telefonei para o consultório dele e marquei uma consulta.

UM DIAGNÓSTICO CORAJOSO

Quando chegou o dia fui para o consultório do médico. Chegou a minha vez e entrei na sala de exames para esperar até que minhas pupilas se dilatassem. O médico entrou, falou brevemente comigo e começou a examinar meus olhos. Ele completou o exame em pouco tempo e depois passou a dar-me um diagnóstico ousado e surpreendente.

Aquele homem pareceu traspassar-me com os olhos durante alguns momentos e depois disse: "Sr. Shaw, é verdade. O senhor tem uma catarata em desenvolvimento no olho esquerdo, e há outra começando também no direito. Mas embora a sua visão física seja má, esse não é o seu verdadeiro problema. O seu problema está na sua visão espiritual."

Fiquei ali sentado, sentindo um estranho impacto emocional, perguntando-me o que ele queria dizer com aquilo.

Antes que pudesse fazer perguntas, ele falou de novo com a mesma simplicidade poderosa e perguntou: "Sr. Shaw, o senhor é salvo?"

Desta vez respondi e perguntei: "Salvo do que?"

Ele disse: "O senhor já recebeu o Senhor Jesus Cristo como seu Salvador e fez dEle o Senhor da sua vida?"

A essa altura eu já estava recuperando minha capacidade de manter tal conversa e, com um orgulho religioso se formando em mim, disse a ele: "Senhor, sei mais de religião do que o senhor, na verdade sei mais de religião do que a maioria das pessoas *jamais* saberá!"

Ele não ficou impressionado nem surpreso com a minha orgulhosa declaração. Sem tirar os olhos de mim ou mudar sua expressão, ele perguntou-me: "Mas o que sabe sobre *salvação*?"

De repente não tive mais argumentos para continuar a conversa. Senti que estava enfrentando algo muito poderoso e falei baixinho, "Vou pensar e lhe digo depois" e saí o mais rapidamente possível.

"ELE É UM FANÁTICO RELIGIOSO"

Deixei o consultório do médico e fui ver meu chefe. Sabia que meu problema nos olhos era grave e pensei que talvez tivesse também outro problema diferente - que não conseguia ainda entender.

Pedi duas semanas de licença a meu chefe. Ele disse: "Claro, Jim" e eu fui então para casa telefonar para meu irmão em Indianápolis. Ele era também maçom e eu achava que poderia dar-me algum conselho.

Contei-lhe o que acontecera, o que o médico tinha dito, e ele rapidamente deu-me a sua opinião:

"Esse homem é um fanático religioso", disse. "Tome o próximo avião para cá e vou encontrá-lo no aeroporto. Você vai consultar o meu oftalmologista." O próximo avião saiu às nove da manhã do outro dia e eu estava nele.

"VOLTE PARA CASA E FAÇA O QUE ELE MANDAR"

Quando cheguei em Indianápolis meu meio-irmão estava esperando-me. Disse-me que marcara uma consulta com o seu médico para o dia seguinte e levou-me para sua casa para descansar e esperar. No dia seguinte o médico examinou-me e perguntou onde eu morava. Contei-lhe onde vivia e o que o outro médico dissera sobre os meus olhos (não mencionei o que ele tinha dito sobre a minha visão *espiritual*).

Ele replicou: "Vou verificar o nome desse homem em nosso Registro."

Quando voltou ao consultório ele disse-me: "Sr. Shaw, o senhor tem as melhores facilidades médicas ao seu dispôr na Flórida, e o médico que o examinou ali é um dos melhores. Meu conselho é que volte direto para casa e *faça o que ele mandar.*"

Meu irmão não ficou nada satisfeito. Eu estava sentindo uma estranha combinação de medo e expectativa ansiosa. "Mas - *o que* - fiquei imaginando, aquele médico estranho e profundo na Flórida me mandaria fazer?"

MAIOR CONHECIMENTO E CRESCENTE DESCONFORTO

De volta à casa, marquei outra consulta e fui ao médico. Havia uma complicação inesperada: eu tinha uma infecção nas pálpebras. Ele disse que não poderia operar pelo menos durante seis semanas. Voltei então a trabalhar e fui uma vez por semana ao consultório para tratamento da infecção. Cada vez que eu ia ao médico para exame e tratamento, ele falava-me do plano de salvação de Deus e da necessidade que eu tinha de ter Jesus como meu redentor pessoal. Ele falava-me do Senhor e citava versos das Escrituras.

EXAMINANDO AS ESCRITURAS

Sua maneira de falar não me ofendia mais. Os versículos bíblicos que citava pareciam penetrar diretamente até o mais fundo do meu ser. Algum deles pareciam explodir lá dentro, mexendo com coisas que eu não podia descrever nem entender. Decidi procurar os versículos que ele mencionava e lê-los por mim mesmo. Quanto mais pensava no assunto mais queria pôr em prática a idéia.

Eu não tinha uma Bíblia, exceto aquela grande na mesa de café. Bonnie a comprara quando casamos e disse que seria a nossa "Bíblia da família." Ela ficara ali todos aqueles anos sem que ninguém a lesse. Finalmente foi aberta e comecei a procurar os versículos que o médico mencionava e a lê-los no seu contexto. Eles pareciam ter um som agradável à medida que os lia. Eu voltava e lia alguns deles repetidas vezes.

Com o passar das semanas,acontecia-me de acordar no meio da noite pensando sobre um dos versículos; levantava-me e ia lê-lo na Bíblia grande da sala. As Escrituras

definitivamente falavam comigo das necessidades profundas em meu íntimo. Quanto mais eu lia, mais a Bíblia continuava falando comigo, cheia de significados. Aqueles versículos bíblicos eram diferentes de tudo que já lera antes. Eles pareciam *vivos*.

Um verdadeiro conflito começou a surgir em meu interior, à medida em que as Escrituras colidiam com os ensinos das autoridades e dos filósofos maçons. Eu podia sentir as nuvens dando voltas em minha mente, vagamente perturbado, mas não tentava compreender o que acontecia. Continuei a ler a Bíblia grande na sala de casa, a ouvir o médico enquanto testemunhava para mim, e a fazer o trabalho da Loja da melhor forma possível.

AS ESCRITURAS ERAM TÃO SIMPLES!

Não tentei tomar qualquer decisão ou entender as coisas. Mas notei algo que ficava cada vez mais claro. Além da "vida" estranha que eu sentia nas Escrituras, notei como a sua mensagem era *simples* quando comparada com a complexidade dos escritos maçônicos.

O CONFLITO ENTRA EM FOCO

Fiz a operação no olho esquerdo e ela foi bem sucedida. Com os óculos novos eu podia ver bem com aquele olho e depois de duas semanas voltei a trabalhar. A operação no olho direito ficou marcada para dali a seis meses. Assim como o foco da minha visão estava mais claro depois da cirurgia, o conflito entre os ensinos da Bíblia e os maçônicos também começavam a elucidar-se. Eu percebia isso em termos gerais, mas as coisas ficaram especificamente esclarecidas quando fiz a Palestra do 32º Grau na Coroação seguinte.

UM DOS DOIS ESTAVA ERRADO

Eu tinha sido substituto por algum tempo do juiz que fazia

a Palestra do 32º Grau antes de começar a fazê-la eu mesmo. Eu a ouvira ou pronunciara muitas vezes e a conhecia muito bem. A Reunião estava próxima e Mike e eu começamos os preparativos. Estudei com afinco o meu trabalho - a Palestra do 32º Grau - com cuidado especial. Enquanto estudava a preleção e quando a pronunciei à nova classe de maçons do 32º Grau, vi que havia ali uma grande diferença. Vi pela primeira vez como a leitura da Bíblia diferia daquele resumo dos ensinos maçônicos que os homens haviam completado até aquele grau culminante. Havia uma diferença ali e eu via claramente que ela não podia ser reconciliada.

Ou as "Antigas Religiões" e os ensinos maçônicos estão certos e a Bíblia errada, ou a Bíblia está certa e as "Antigas Religiões" e os ensinos maçônicos estão errados. Os dois não podiam estar certos. A coisa era muito simples, como eu podia perceber agora claramente.

EM CURSO DE COLISÃO COM UMA ESCOLHA

Com este conflito fundamental enfocado agora em minha mente, vi as implicações de tudo a longo prazo. A maçonaria ensinava a salvação por obras, dependendo da "vida virtuosa" da pessoa para remir o indivíduo. A Bíblia ensina a salvação pela graça, dependendo da vida perfeita de Jesus e sua morte expiatória por nós. A maçonaria ensina que Jesus não é maior que os outros "exemplos" da história (tais como Maomé, Buda, Aristóteles ou Joseph Smith), e não era divino nem inspirado. A Bíblia ensina que Jesus é o Filho de Deus, que Ele sempre existiu, e que nenhum homem pode ser reconciliado com Deus Pai exceto através dEle.[1] Uma escolha deveria ser feita aqui - eu vi isto claramente - e estava em curso de colisão com essa escolha.

BUSCANDO O CONSELHO DE OUTROS

Ao descortinar o conflito, e a escolha que esse conflito exigia, comecei a buscar discretamente o conselho de outros.

Falei com Bonnie e Mike a respeito, e com alguns outros amigos íntimos. Fui até procurar o pregador metodista que me emprestara o livro de orações de John Wesley quando de minha nomeação para Capelão da Loja da Perfeição. Ele não ajudou muito. Não era um maçom zeloso e ia poucas vezes às reuniões da Loja, mas não tinha qualquer intenção de sair da mesma. Não queria arranjar problemas para si mesmo! Ninguém parecia compreender tão claramente quanto eu. Bonnie chegou perto, mas nenhum deles viu o conflito - e a escolha que ele exigia - provavelmente por não terem lido as passagens bíblicas que eu lera.

O IRROMPER DA LUZ

Durante uma de minhas consultas regulares ao médico, depois da operação do olho esquerdo, eu estava sentado em uma de suas salas de exame esperando que viesse ver-me. Quase sempre fico lendo quando tenho de esperar, por mais curto que seja o tempo de espera. Olhei então à minha volta procurando o que havia para ler até que ele chegasse. Não havia nada na sala, exceto uma Bíblia.

Peguei a Bíblia e abri no Evangelho de João, começando a ler novamente alguns dos versículos que já lera tantas vezes nos capítulos um, três e quatro. A seguir, passando para o capítulo seis, passei a ler versos que ainda não tinha lido.

Meus olhos pareciam mover-se rapidamente pelas palavras de Jesus: "Eu sou o pão da vida; o que vem a Mim, jamais terá fome, e o que crê em Mim, jamais terá sede... o que vem a Mim, de modo nenhum o lançarei fora... De fato a vontade de Meu Pai é que todo homem que vir o Filho e nele crer, tenha a vida eterna; e Eu o ressuscitarei no último dia."

"DOUTOR, ISTO É MESMO VERDADE?"

Meus olhos contemplaram então o v.47: "Em verdade, em verdade vos digo: Quem crê em Mim tem a vida eterna, e Eu o ressuscitarei no último dia."

Apesar de todos os versículos e passagens das Escrituras que eu já lera, e por razões só provavelmente conhecidas de Deus, este verso penetrou em mim e encheu meu coração. Fiquei atônito com a simplicidade do que dizia e com o impacto que causara em mim. Trombetas soando em minha cabeça não poderiam ter chamado mais efetivamente a minha atenção para aquele verso simples, ou mostrado mais claramente a sua importância para mim. Ele estava agindo poderosamente tanto em meu coração como em meu entendimento.

"Será que é mesmo verdade?" imaginei, "que *tudo* pode ser assim tão *simples*? Isto poderia ser mesmo *verdade*?"

Sem pensar sobre a questão de educação ou prioridades num grande consultório médico, eu chamei em voz alta: "Doutor, escute!"

Quando depois de alguns segundos ele olhou para dentro da sala onde eu estava, apontei para o versículo e perguntei: "Isto é mesmo verdade?"

Ele olhou a página, leu o verso indicado pelo meu dedo e disse: "Claro, Jim, é claro que é verdade."

DESTA VEZ ERA REAL

Quando ficamos expostos à religião e filosofia maçônicas, com toda a sua confusão, dúvidas e incoerência, por tanto tempo quanto eu ficara, é difícil crer na simples verdade quando finalmente confrontamos com ela - até mesmo a verdade viva da Bíblia.

Depois de ficar realmente convencido da verdade da "Velha Religião" e da doutrina da reencarnação, depois de crer e ensinar a outros que Jesus não é divino nem único, não é de maneira nenhuma simples nem fácil aceitar a verdade de que Ele *é* divino *e* único.

Embora o médico viesse citando as Escrituras para mim durante quase seis meses, e eu as estivesse estudando por minha conta, sentia muita confusão a respeito de tudo.

O poder sobrenatural das palavras de Deus entretanto, estava fazendo o seu trabalho dentro em mim e a simples

verdade deste versículo irrompeu subitamente através da desordem dos conceitos enredados em minha mente.

A luz da Verdade subitamente surgiu por entre a névoa da confusão e da dúvida.

Era VERDADE! Era realmente simples e era VERDADE! Eu havia dito antes ao médico que cria nos versículos mencionados por ele, mas não estava sendo sincero. Grande parte do tempo fiquei fazendo jogos mentais com ele. Agora eu cria - cria realmente! Desta vez não estava brincando; desta vez era *real*.

ALGO MUDOU EM MEU ÍNTIMO

Ao compreender que a mensagem simples de João 6.47 era verdadeira, um poder sombrio dentro de mim foi destruído, uma porta abriu-se em meu coração e a luz entrou radiante. Tive uma sensação maravilhosa de felicidade e tristeza - uma torrente de emoções confusas redemoinhando em meu íntimo.

Não tentei interpretar o que estava sentindo, mas era definitivamente um avanço da verdade. Eu *sabia* que era verdade e nunca mais fui o mesmo. Algo mudou dentro de mim, algo que abriu os meus olhos para a verdade e o erro, e a mudança foi permanente. Eu iria ver as coisas de modo diverso a partir daquele dia.

UMA OPERAÇÃO, UMA ORAÇÃO E UM FURACÃO

Chegou a hora de fazer a segunda operação, que deveria remover a catarata do meu olho direito, e voltei ao hospital confiante que tudo correria bem como na primeira. Não estava absolutamente preocupado. Quando a operação acabou e voltei ao meu quarto, alguém entrou e pegou minha mão.

Eu não podia enxergar, pois meus olhos estavam enfaixados. Quando perguntei quem era, ele respondeu que era o pastor do médico, dizendo ainda: "Sr. Shaw, estou saindo

da sala de cirurgia. O médico sempre ora pelos seus pacientes, e nós dois oramos pelo senhor antes e depois da operação."

Suas palavras penetraram fundo e emocionaram-me bastante. Pelo que podia lembrar-me nunca antes alguém orara realmente por mim, *nunca*, e o significado dessas palavras abalou-me.

Quando pude falar novamente, disse a ele: "Senhor, assim que eu puder sair do hospital e esteja restabelecido, vou à sua igreja."

Ele apertou minha mão e foi embora, deixando-me sozinho para pensar em tudo aquilo. Foi uma experiência esmagadora, mas definitivamente boa.

Antes de meu completo restabelecimento o serviço de meteorologia informou que um furacão estava sendo esperado. Os administradores do hospital autorizaram então a todos os pacientes que estivessem em boas condições a irem para casa. Minha recuperação estava sendo melhor do que a esperada. Telefonei então para Bonnie pedindo que viesse buscar-me. Quando íamos para casa, contei a ela que apesar de ter recebido a visita de algumas pessoas da igreja do médico ninguém da Loja fora ver-me. Ela disse-me que avisara os membros da Estrela do Oriente sobre a cirurgia, mas nenhum deles aparecera. O contraste era claro e indiscutível.

O furacão físico que estava aproximando-se era comparável ao furacão espiritual e emocional que crescia dentro em mim, caso este não o excedesse.

---

[1] Veja Apêndice A-"Doutrina Maçônica Versus Doutrina Cristã".

Capítulo 10

PARA A LUZ

O furacão chegou e foi embora sem causar-nos qualquer dano, mas o que estava em meu íntimo continuou a ganhar forças. Do meu ponto de vista, parecia estranho que todos à minha volta estivessem aparentemente calmos. Até mesmo o médico já não falava tanto comigo sobre o Senhor, pois não mais o encontrava regularmente. Bonnie apoiava-me em silêncio, apesar de não falarmos muito a respeito. Mike e meus outros amigos continuavam cuidando de suas vidas. Na superfície tudo parecia normal, mas isso não se aplicava, de modo algum, ao meu coração.

O MAIS ALTO GRAU MAÇÔNICO

A Páscoa estava chegando e numa manhã tranqüila estava em casa recuperando-me da segunda operação quando a campainha tocou. Era uma carta de entrega especial do Conselho Supremo de Washington, avisando-me que fora escolhido para o 33º Grau.

Eu nem podia acreditar! Esta honra é tão alta, que a maioria dos maçons nem sequer sonha em receber. Era demais, quase fora do alcance, além dos limites da realidade. Era irreal pensar que eu fora realmente escolhido. Era uma honra o ser considerado para esse último grau e eu fora realmente *selecionado*, escolhido por aquele pequeno e poderoso grupo, o Conselho Supremo do 33º Grau.

Telefonei a Bonnie para compartilhar com ela as boas notícias. Enquanto conversavamos, surpreendi-me perguntando a ela se achava que devia aceitar.

"Que pergunta estranha," pensei. Mas antes que pudesse

refletir melhor ela respondeu: "Claro que deve aceitar! Você trabalhou tanto tempo e esforçou-se tanto para chegar lá, aceite sim."

Mandei então minha carta de aceitação imediatamente e comecei a fazer planos para a viagem.

FIZ TUDO SOZINHO

Com bastante tempo para refletir, pensei na minha longa subida da montanha da maçonaria em busca de luz. Pensei nas probabilidades da pessoa chegar um dia ao 33º Grau. Compreendi que no meu caso as probabilidades tinham sido ainda menores. Eu fizera tudo somente através de esforço árduo e dedicação. Alguns indivíduos conseguem ser escolhidos por causa da sua riqueza, poder político ou proeminência. Eu não tinha nada disso.

Como no dia em que levei o soldado até o alto do "Monte Shaw" entre o Campo Butner e Raleigh, eu chegara ao topo da montanha maçônica porque estava disposto a fazer o esforço exigido e recusei-me a desistir. Pensando nisso, senti-me especialmente satisfeito com tudo e desejei que minha mãe pudesse saber.

Eu fizera uma boa caminhada desde o dia em que saí pelo portão naquele dia terrível há tantos anos. Andara aquela distância sem ajuda do Tio Irvin. Quem teria pensado que a caminhada solitária, começada há tanto tempo por aquele garoto assustado de 13 anos, o levaria a esse ponto? Eu chegara ao pináculo - fizera o caminho todo até ao alto.

Alguns dos homens mais proeminentes e influentes do mundo estariam sem dúvida lá para participar quando eu recebesse esse último grau - eu, o pequeno Jimmy Shaw, que começara a trabalhar aos cinco anos e lutara sozinho desde os treze. Eles estariam lá para dar o 33º Grau para *mim*. Era na verdade um tanto difícil compreender bem tudo o que acontecera.

TRÊS DIAS NO ALTO DA MONTANHA

A fim de receber o 33º Grau era necessário ir à cidade de Washington, D.C. A iniciação e as funções relativas iriam durar três dias.

Desde que Bonnie não poderia participar de quase nenhuma das coisas que eu estaria fazendo cada dia, ela decidiu ficar. Estávamos ambos excitados enquanto eu fazia os preparativos da viagem. Mas eu não me sentia tão entusiasmado como esperava estar. A coisa não tinha tanto sabor porque, em mim, ela estava misturada com um certo sentimento de culpa. Bem lá no fundo havia uma inquietação crescente, um conflito cada vez maior, produzido pelas palavras que o médico dissera-me e por todas as passagens bíblicas que eu lera. Os preparativos para receber esta "honra final" não pareciam tão emocionantes como poderiam ter sido antes.

A CHEGADA NA CASA DO TEMPLO

Voei para o Aeroporto Nacional de Washington e tomei um táxi para a Casa do Templo na rua Northwest 16. Ao chegar ao Templo fui atendido por uma recepcionista que perguntou-me se eu estava lá para receber o 33º Grau. Fiquei surpreso ao encontrar uma mulher naqueles sagrados recintos maçônicos, mas disse que sim e mostrei-lhe a carta do Conselho Supremo. Ela disse-me então, que para receber o grau eu tinha de fazer uma "doação mínima" de uma grande importância em dinheiro (pelo menos era *uma grande* importância para mim). Isto tomou-me de surpresa, pois não havia qualquer referência a uma "doação mínima" na carta recebida do Conselho. Eu não tinha todo esse dinheiro comigo e deixara o talão de cheques em casa, mas consegui tomar emprestada a quantia de um dos outros homens e dei a ela. Nós, candidatos, estávamos todos infelizes com essa surpresa desagradável e nos queixamos uns com os outros a respeito, mas não estávamos suficientemente infelizes para nos esquecer do grau. Estavamos perto demais do "topo da montanha" para voltar.

O TEMPLO PROPRIAMENTE DITO

A Casa do Templo impressiona. Ela assoma grandiosa, cinzenta e silente do lado leste da Northwest 16th Street, entre as ruas "R" e "S". Na frente havia uma imensa expansão de pavimento de granito, com três níveis de degraus estreitos até chegar à entrada. Duas esfinges de granito ladeiam a entrada - leões com cabeça de mulher. Um deles tem uma cobra enrolada no pescoço e é adornado com o "ankh" (o símbolo egípcio da vida e da divindade).

Adornando o pescoço e o peito do outro está a imagem de uma mulher, simbolizando a fertilidade e a procriação. No pavimento, bem à frente das altas portas de bronze, encontram-se duas espadas egípcias com lâminas curvas, sinuosas e, entre as duas espadas, letras de metal montadas em pedra, dizendo: "Templo do Supremo Conselho do Trigésimo-Terceiro e Último Grau do Aceito e Antigo Rito Escocês."

Sobre as altas portas de bronze, gravada em pedra, está a declaração: "A Maçonaria Constrói Seus Templos no Coração dos Homens e Entre as Nações."[1]

Bem alto na entrada, parcialmente oculta pelas colunas de pedra, encontra-se uma imagem elaborada do deus sol egípcio, tendo por trás o sol radiante e flanqueado por seis grandes serpentes douradas.

No interior tudo é elegância: mármore polido, madeiras exóticas, ouro e estatuária. Há escritórios, uma biblioteca, sala de jantar, cozinha, Sala do Conselho, "Sala do Templo" e um enorme salão de reuniões. Este salão parece-se com um teatro luxuoso, elegantemente mobiliado e decorado.

O teto é azul escuro, com luzes que parecem estrelas. Essas luzes podem até "piscar" como estrelas no firmamento. Há um palco, bem equipado, e tudo é muito bem arranjado. Mas o que mais se nota é a maneira como as paredes são adornadas com serpentes. Há de todos os tipos; algumas muito compridas e grandes. Vários graus do Rito Escocês incluem a representação de serpentes e eu as reconheci entre aquelas que decoravam as paredes.

Tudo era muito impressionante e provocou-me sensações estranhas, como se estivesse ao mesmo tempo num

templo e numa tumba, algo sagrado mas ameaçador. Vi bustos de homens importantes do Rito, inclusive dois de Albert Pike, que está sepultado ali na parede.

ENTREVISTADO PELO SUPREMO CONSELHO

O primeiro dia foi dedicado aos registros, explicações e entrevistas. Fomos chamados a um dos escritórios, um de cada vez, e entrevistados por três membros do Supremo Conselho.

Quando me chamaram, fui introduzido no escritório e fizeram-me sentar. A primeira pergunta foi: "Qual a sua religião?" Pouco tempo antes eu teria respondido: "Creio nos Mistérios Antigos, na 'Velha Religião', e na reencarnação." Todavia, sem pensar sequer em como deveria responder, achei-me dizendo: "Sou cristão".

Então, para minha surpresa e deles, perguntei: "Vocês nasceram de novo?" O encarregado interrompeu-me rapidamente dizendo, "Não estamos aqui para falar disso, mas para fazer perguntas a *você*."

Depois de ser despedido, sentei-me e fiquei pensando. Quando o candidato seguinte saiu, eu indaguei: "Eles perguntaram se você é cristão?" e ele disse: "Sim, perguntaram."

"E o que você respondeu?" perguntei, e ele replicou: "Eu disse: 'de jeito nenhum, e nunca pretendo ser!"

Então ele disse-me uma coisa estranha. "Eles falaram que vou subir mais alto", e saiu por uma porta diferente, parecendo satisfeito.

TORNANDO-ME UM GRANDE SOBERANO INSPETOR GERAL

O segundo dia foi o dia da verdadeira iniciação, realizada no salão de encontros com cara de teatro. Aqueles dentre nós que estavam recebendo o grau tomaram assento e a cerimônia foi "exemplificada" (representada em trajes completos) diante de nós, da mesma forma que havíamos interpretado os

graus menores do Rito Escocês todos esses anos. As partes da exemplificação foram desempenhadas por homens do 33º Grau.

O candidato representativo apresentou-se vestido de calças pretas, descalço, com a cabeça descoberta e enrolado num roupão negro e comprido que fez-me lembrar de uma capa de chuva muito longa. Ele tinha uma corda preta em volta do pescoço, mas não estava vendado. Durante a iniciação, fizeram com que desse uma volta no palco, conduzido por dois homens com espadas, quando o grau foi executado para nós.

Instruções e sinais foram dados. Sobre o altar havia quatro "livros sagrados" (a Bíblia, o Alcorão, o Livro da Lei e as Escrituras Hindus). Em certo ponto o "candidato" recebeu ordem para beijar o livro "da sua religião" e, representando a nós todos, ele inclinou-se e beijou. Lembrei-me da iniciação do Primeiro Grau, quando mandaram-me beijar a Bíblia, e naquele momento o ciclo se completou. Era o beijo final que faria parte da minha vida.

VINHO EM UMA CAVEIRA HUMANA

Quando chegou a hora da obrigação final, todos ficamos de pé e repetimos o juramento com o candidato representativo, administrado pelo Grande Soberano Inspetor Geral. A seguir juramos fidelidade ao Supremo Conselho do 33º Grau, acima de qualquer outro voto de fidelidade, e juramos jamais reconhecer qualquer irmão como membro do Rito Escocês da Maçonaria a não ser que ele também reconhecesse a suprema autoridade do "Supremo Conselho".

Um dos Condutores entregou então ao "candidato" um crânio humano, de cabeça para baixo, contendo vinho.

Com todos os candidatos repetindo após ele, ele selou o juramento: "Que este vinho que agora bebo transforme-se em veneno mortal para mim, como a cicuta bebida por Sócrates, caso venha a violar o juramento, consciente ou voluntariamente."

Ele bebeu então o vinho. Um esqueleto (um dos irmãos

vestido desse jeito — parecia muito convincente) saiu das sombras e lançou os braços sobre o "candidato". A seguir ele (e nós) continuamos o selo da obrigação dizendo: "E que esses braços frios apertem-me para sempre caso consciente ou deliberadamente viole o mesmo".

O Soberano Grande Comandante encerrou a reunião do Supremo Conselho "com o Número Místico", dando golpes com a espada cinco, três, uma e depois duas vezes. Depois da oração final, todos dissemos "amém, amém, amém" e a função terminou.

HOMENS PROEMINENTES TOMARAM PARTE

Havia alguns homens extremamente importantes ali naquele dia, inclusive um rei escandinavo, dois ex-presidentes dos Estados Unidos, um evangelista famoso internacionalmente, dois outros clérigos internacionalmente conhecidos, e um alto funcionário do governo federal, aquele que entregou-me o certificado do 33º Grau. Alguns apareceram apenas por alguns minutos; outros ficaram mais tempo. Todavia, eles não se misturaram muito conosco, exceto com aqueles a quem já conheciam. Embora essas celebridades não fossem extremamente "fraternais", apenas associar-me com eles já me pareceu extraordinário. Aquela foi na verdade a maior reunião de homens proeminentes e influentes de que eu fizera parte.

No terceiro dia houve um banquete para celebrar o fato de nos termos tornado "Grande Inspetor Geral, 33º Grau". O banquete foi um antíclimax, pelo menos para mim, e fiquei ansioso para que terminasse e eu pudesse ir para casa. Era bom ter chegado finalmente ao 33º. Mas não foi tão excitante ou satisfatório como eu julgara que fosse durante todos aqueles anos de maçonaria. Penso que foi devido às mudanças profundas que estavam ocorrendo bem no fundo do meu ser.

Voltei para casa tão logo terminaram as homenagens do 33º Grau e as funções sociais relativas, pois estava na hora da minha nova consulta com o médico. Depois de ter examinado

meus olhos, ele disse que estavam recuperando-se bem, que estava contente com o aspecto deles, e como sempre falou-me sobre o Senhor. Disse a ele que pretendia ir à sua igreja no domingo seguinte e que eu estivera lendo a Bíblia.

Evidentemente satisfeito, ele disse: "Ótimo. Continue estudando e sua visão em breve estará muito melhor." A essa altura eu sabia o que ele estava querendo dizer - falava da minha visão espiritual.

QUINTA-FEIRA SANTA

No Rito Escocês a quinta-feira antes da Páscoa, "Quinta-Feira Santa", é um dia importante. Nesse dia nós sempre realizávamos um serviço especial de Comunhão no Templo do Rito Escocês local. Desta vez eu era Mestre Sábio do Capítulo Rosa Cruz e era minha função presidir a exemplificação (dramatização) da cerimônia. Eu fizera isso muitas vezes e era elogiado pelo meu conhecimento do serviço e por "fazer um bom trabalho."

AGORA AS PALAVRAS FAZIAM SENTIDO

Na noite de quinta-feira nos reunimos no nosso Templo e nos vestimos para a cerimônia. Aquela era sempre uma ocasião muito solene e parecia um tanto imponente, até para aqueles que já haviam participado muitas vezes.

Vestidos com togas longas e negras, marchamos em fila única, mostrando apenas parte do rosto, e tomamos nossos lugares.

Havia algo sepulcral no cenário. O silêncio só era quebrado pelo órgão, tocando em tons plangentes como pano de fundo. Não havia luz, exceto pela pouca claridade que vinha das janelas. Depois da primeira oração (da qual o nome de Jesus Cristo era claramente excluído), fiquei de pé e comecei o serviço.

Como já fizera no passado, eu disse: "Nos reunimos neste dia para comemorar a morte de nosso 'Sábio e Perfeito

Mestre', não como inspirado ou divino, pois não nos cabe decidir isso, mas pelo menos como o maior apóstolo da humanidade."

Quando disse essas palavras que já havia pronunciado tantas vezes antes, tive uma estranha e poderosa experiência. Era como se eu estivesse de pé, à distância, ouvindo a mim mesmo falar, e as palavras ecoassem profundamente em mim, gritando o seu significado. Eram as mesmas palavras que eu já dissera tantas vezes, mas faziam sentido para mim agora. Elas fizeram sentir-me mal, literalmente enfermo, e parei.

O significado do que eu acabara de dizer subiu dentro de mim num crescendo. *Eu acabara de chamar Jesus de "apóstolo da humanidade" que não era inspirado nem divino!* Houve uma pausa silenciosa que pareceu durar muito tempo, enquanto eu lutava com uma sensação sufocante em meu íntimo.

Quando finalmente consegui, continuei o serviço e nos reunimos ao redor de uma mesa comprida do outro lado do salão, em ordem de marcha. A mesa era longa, tinha a forma de cruz e estava coberta com um pano vermelho decorado no centro com rosas.

UMA COMUNHÃO NEGRA

Uma vez reunidos na mesa, levantei (bem alto) o prato com o pão, tomei um pedaço, coloquei a mão sobre o ombro do homem à minha frente, dei-lhe o prato e disse: "Tome, coma e dê aos que têm fome."

Isto continuou até que todos tivessem participado do pão.

Levantei a seguir o cálice de vinho, tomei um gole, e disse: "Tome, beba, e dê aos sedentos."

Isto novamente continuou até que todos tivessem participado do vinho.

Tomei então o pão, andei até a primeira fila de espectadores e servi o homem previamente escolhido para a honra de representar o restante da Loja.

Quando entreguei o pão a ele, disse novamente: "Tome, coma, e dê aos famintos."

Da mesma maneira servi a ele o vinho, dizendo: "Tome, beba e dê aos sedentos", e ele sentou-se.

Depois disto tomamos nossos lugares à mesa em forma de cruz e nos sentamos. O ambiente estava escuro, nossos roupões longos e flutuantes eram completamente negros, nossos rostos quase escondidos nos capuzes, e a disposição geral era de grande tristeza. As orações sem Cristo e os hinos se ajustavam perfeitamente. A única palavra para descrever todo o evento seria "negro". Foi de fato uma Comunhão Negra - uma estranha Missa Negra.

APAGANDO A VELA

Havia um grande Menorah (candelabro judaico com seus sete castiçais) no centro do salão, com sete velas acesas.

De pé outra vez, eu disse: "Este é de fato um dia triste, pois perdemos o nosso Mestre. Talvez não o vejamos mais. Ele está morto! Gritem e chorem, pois ele se foi."

A seguir pedi aos oficiais que apagassem as velas do grande Menorah. Um por um eles ergueram-se, andaram até o centro do salão, apagaram a vela escolhida e deixaram o recinto.

Finalmente, só com a vela central ainda acesa, eu levantei, andei tristemente até o Menorah e apaguei a última vela - a vela que representava a vida de Jesus, nosso "Sábio e Perfeito Mestre". Dramatizamos e comemoramos o apagar da vida de Jesus, **sem mencionar uma vez sequer o nome dEle**, e a cena terminou com o salão em profundo silêncio e trevas. Saí do salão, deixando atrás a escuridão e o silêncio da morte.

Mais uma vez, a única palavra para melhor descrever tudo aquilo seria "negro".

Durante todo o serviço eu estava trêmulo e doente. Nunca me senti tão triste. Eu havia tropeçado nas palavras, mas conseguira chegar ao fim da cerimônia e voltei ao vestiário. Eu ainda não sabia muito a respeito de oração, mas senti que fora sustentado pelo Senhor através de tudo.

A DESPEDIDA FINAL

De volta ao vestiário penduramos nossos roupões pretos, com capuz, colocamos os trajes de rua e preparamo-nos para ir embora. Menos de duas horas havia passado desde que eu chegara. Mas o que acontecera naquele período de tempo mudara minha vida para sempre.

Com o coração ainda doendo, mudei de roupa sem falar com ninguém. Os outros perguntaram-me o que havia de errado. Não pude responder.

Eles lembraram-me que eu havia atuado como Mestre Sábio tantas vezes, que era conhecido pelo meu excelente desempenho, e queriam saber o que acontecera comigo.

Eu estava sufocando com a realização terrível do que havíamos dito e feito, a maneira como blasfemamos contra o Senhor, e a zombaria maldosa que fizemos da Sua morte pura e altruísta. Com o choro subindo em meu íntimo, eu só pude sacudir a cabeça em silêncio e sair.

Mike estava esperando-me na porta, querendo uma carona para casa; perguntou: "O que há, Jim? Você está doente?"

Conseguindo finalmente falar, repliquei baixinho: "Não, Mike, estou apenas farto de *tudo isto*."

"NÃO ESTÁ CERTO"

Fui descendo as amplas escadarias do grande Templo do Rito Escocês, com a compreensão e a convicção crescendo dentro em mim. Ao chegar ao último degrau eu parei. Voltando-me, olhei para o imenso prédio de granito e estudei cuidadosamente as palavras gravadas em pedra no alto da entrada: "RITO ESCOCÊS DA MAÇONARIA ANTIGO E ACEITO."

Algo entrou claramente em foco em meu cérebro e tomei uma decisão. Este ponto crítico da minha vida, que exigira tantos anos para alcançar, passou em segundos. A verdade foi revelada e a escolha feita - uma escolha que faria a diferença entre as trevas e a luz, entre a morte e a vida, e que duraria por toda a eternidade. Olhando para aquelas palavras

sob as quais eu passara tantas vezes, palavras que causaram-me tanto orgulho, falei em voz alta comigo mesmo. Era como se eu fosse o único homem na face da terra quando me ouvi dizer, lenta e deliberadamente: "*Não é antigo, não é escocês, e não é certo*!"

PARA A LUZ

Voltei-me e andei até o estacionamento, sabendo que jamais voltaria. Enquanto caminhava na crescente escuridão daquela noite de primavera, eu estava andando em direção à luz cada vez mais clara do Deus vivo. Enquanto as trevas naturais me cercavam, a luz sobrenatural brotou dentro de mim. A cada passo que dava, era como se o Templo fosse afastando-se da minha pessoa. Sentia-me livre.

"Jamais voltarei", eu pensava a cada passo que dava. "Jamais voltarei, jamais voltarei..."

A decisão tinha sido tomada, a sorte lançada. A partir daquela noite eu serviria ao Deus vivo e verdadeiro e não ao Grande Arquiteto do Universo. Eu iria exaltar a Ele e não a Osíris, Krishna ou Demétrio. Eu buscaria e seguiria Jesus, e não a quimera da "sabedoria oculta."

Eu estava andando, depois de tanto tempo, das trevas para a luz.

---

[1] Esta declaração contradiz o Templo que ela adorna, assim como os milhares de outros templos maçônicos construídos em todo o mundo a um custo total de muitos bilhões de dólares.

Capítulo 11

ANDANDO NA LUZ

Tentei explicar as coisas a Mike naquela noite de quinta-feira. Disse-lhe com calma, mas energicamente, que *jamais* voltaria à Loja. Ele olhou para mim durante alguns segundos, tentando compreender, sem conseguir.

Depois disse: "Está bem, Jim, mas o que você precisa é de um gole. Vamos lá."

"Concordo, Mike", repliquei. "Só quero um." Quando fomos para o bar perto da casa dele, eu disse: "Acho que não vou beber, Mike. Vou tomar uma soda com você."

EM TODO O TEMPO AMA O AMIGO

Depois de nos sentarmos no bar, Mike continuou fazendo perguntas, tentando entender o acontecido. Respondi o melhor que pude. Ele sabia que eu dedicara minha vida à maçonaria e como trabalhara duro lá dentro. Ele havia estado comigo durante anos, trabalhando ao meu lado quando outros não tinham disposição para isso. Desde o seu primeiro momento como candidato a maçom, havíamos estado juntos. Eu o estimulara a entrar, entregara o seu pedido de admissão, fora seu apresentante e, como Diácono Senior, o escoltara nos Graus Azuis quando ele atirou Jubela do outro lado do Salão da Loja e estabeleceu a política "ninguém põe as mãos em mim."

Trabalhamos juntos nos Graus do Rito Escocês tantas vezes, esforçando-nos mais do que todos os outros. Ele até tirara licença para acompanhar-me quando recebi o C.C.C.H. Se alguém na terra sabia quão sinceramente eu amara e servira a maçonaria, e como eu trabalhara duro nela e por ela, esse alguém era Mike.

Ele estava agora perplexo, tentando compreender a razão da minha saída, mas sem conseguir.

Mike não compartilhara da batalha sobrenatural que fora travada em meu íntimo. A verdade das Escrituras que eu aprendera com o testemunho do médico e com meu estudo bíblico era algo de que ele não participara. Ele não podia entender as coisas do Espírito de Deus. Àquela altura, nem eu mesmo compreendia tudo muito bem. Eu só sabia que era real, que era verdade.

Mike, porém, era um amigo, um verdadeiro amigo, e embora não compreendesse essa atitude absurda que eu estava tomando, continuava firme ao meu lado. Como o amigo de Provérbios 17.17, ele me amaria "em todo o tempo" e ia ficar comigo através da adversidade. Os outros, infelizmente, não fariam o mesmo. Mike disse finalmente: "Jim, não entendo a razão para você sair da Loja, mas espero que não se zangue se eu *não* sair."

Assegurei-lhe que *entendia* a sua posição e que nem o fato dele ficar nem qualquer outra coisa me impediria de continuar seu amigo.

TORNANDO AS COISAS OFICIAIS

No dia seguinte fui trabalhar como de costume. Durante a hora do almoço escrevi quatro cartas de demissão: para a Loja Azul, para o Rito Escocês, para a Estrela do Oriente e o Tabernáculo. Fechei, selei, e coloquei as cartas na caixa do correio em frente ao escritório. Jamais poderei esquecer do som da tampa da caixa de coleta quando ela se fechou. Pareceu-me que aquele som forte e rápido havia quebrado um elo e libertara-me. Senti como se aquela batida tivesse aberto as portas de uma nova existência para mim. Todavia, esse não deveria ser o fim da maçonaria em minha vida, de modo algum. As coisas não iam ser assim tão fáceis.

MEU ÚLTIMO FUNERAL MAÇÔNICO

Eu tinha folga no dia seguinte e estava em casa quando

o telefone tocou. Era o Venerável Mestre da Loja Azul, que disse: "Jim, vamos fazer o serviço fúnebre para o George (o Guarda[1] da Loja) esta tarde. Esteja no Salão às treze horas para a Loja da Tristeza (o funeral maçônico sempe começa e termina no Salão da Loja).

Antes que pudesse responder, ele desligou. Eu só pusera minhas cartas de demissão na caixa do correio antes do meio-dia na véspera. Todavia, de alguma forma, eles *já sabiam*! "Como poderiam saber?" me perguntei. Era evidente que não me deixariam sair com tanta facilidade.

Eu não tinha qualquer intenção de ir ao funeral e jamais me ocorreu que viessem buscar-me. Mas foi exatamente o que fizeram. Cerca de uma hora depois do telefonema, eles chegaram à minha casa e o Venerável Mestre bateu na porta.

"Jim, pensei que você estaria na Loja da Tristeza. Está pronto?" disse-me ele.

Olhei para ele por alguns momentos e falei: "Não vou."

"JIM, SERÁ MELHOR VOCÊ IR"

"O QUE ESTÁ QUERENDO DIZER COM NÃO VOU?" ele explodiu zangado. "É CLARO QUE VAI!" A seguir, mais tranqüilo, disse: "Vamos".

Não me movi, replicando, "Acabei de entregar minha demissão."[2]

Ele não se mostrou absolutamente surpreso, mas respondeu: "Jim, você deve estar louco! Você serviu tanto tempo à Loja, serviu como Venerável Mestre, e recebeu tantas honrarias, como pode fazer isso?"

A tensão era muito grande e nesse ponto Bonnie disse: "Jim, é melhor você ir."

A essa altura eu já começara a imaginar se eles estavam planejando levar-me e dispor de mim, ou talvez manter-me prisioneiro até que tivesse "recuperado a sanidade". Mas não disse mais nada, despedi-me de Bonnie com um beijo e saí pela porta. Parei junto ao carro. Só vestia uma calça e camisa. No funeral maçônico é necessário que os participantes usem paletó e gravata. Sem uma palavra, o Mestre abriu o porta-

malas, tirou um paletó e uma gravata e os estendeu para mim. Ele havia pensado nisso também.

"Pegue," disse ele. "Sei que você acha que não terá de tomar parte no funeral porque não está apropriadamente vestido, mas trouxe essas roupas para você. Vista."

Eu as vesti, ele fez-me entrar no carro e fomos embora. Na funerária houve um serviço breve conduzido pela igreja do homem morto. Embora tomássemos parte nela, notei como assemelhava-se ao serviço maçônico. Poderia ter sido tirada dos rituais maçônicos. Não houve qualquer menção de Jesus. O homem era um cientista cristão.

MINHA ÚLTIMA ORAÇÃO MAÇÔNICA

Saímos então da funerária e acompanhamos o caixão até ao cemitério. No serviço junto ao túmulo fui o "Portador das Grandes Luzes." Eu carregava uma bandeja de madeira, presa ao pescoço por uma tira, onde estavam o Livro da Lei (Escrituras do Antigo Testamento), o Esquadro e o Compasso, as "Grandes Luzes" da maçonaria.

O Mestre, que era Sacerdote, ficou na cabeceira da sepultura. Eu fiquei nos pés e os outros alinharam-se dos dois lados dela. O Mestre falou tudo que era necessário até a hora da oração. Chegou então a minha vez. Eu colocara o cartão de oração "oficial" sobre a bandeja à minha frente. Olhei para o cartão, decidi não segui-lo, e depois fiz a minha própria oração que terminou "em o nome de Jesus Cristo, nosso Salvador."

Eu havia caminhado uma grande distância desde o dia em que fora nomeado Capelão na Loja da Perfeição e não sabia como orar; mais uma coisa completara o ciclo. A oração naturalmente ofendeu muito o Mestre e os outros maçons que encontravam-se ali, mas por causa da situação nada podia ser comentado comigo naquele momento.

"AI DE MIM, MEU IRMÃO"

Todos tínhamos um ramo de acácia que jogamos, cada um por sua vez, sobre o túmulo e dissemos: "Ai de mim, meu irmão."

Deixei o meu ramo de acácia cair sobre a sepultura, disse "Ai de mim, meu irmão", e foi como se eu estivesse olhando para além do túmulo, para uma eternidade de trevas.

Disse então: "George, gostaria que você tivesse conhecido Jesus como seu Salvador pessoal mas, ai de mim meu irmão, não pode ser. Agora é tarde demais."

"ACHO BOM QUE VÁ EMBORA"

Voltamos para o carro e nos dirigimos para o Salão da Loja onde completamos o serviço, fechando a Loja da Tristeza. Preparava-me para sair quando o Diretor Senior aproximou-se querendo saber o que tinha acontecido comigo para fazer-me pensar em deixar a Loja.

Contei-lhe com a maior simplicidade possível que tinha sido salvo, que eu pertencia agora ao Senhor Jesus Cristo e não podia mais pertencer à Loja Maçônica, nem a qualquer outra loja que O negasse como Senhor.

Ele imediatamente ficou zangado e gritou: "ACHO BOM QUE VÁ EMBORA!"

A seguir insistiu que eu fosse até ao escritório do Secretário e falasse com ele.

UMA VEZ MAÇOM SEMPRE MAÇOM

O Secretário acabara de receber a minha carta.

"Jim", disse ele, "mal posso acreditar que queira sair da Loja depois de todos esses anos e depois do grande esforço que fez e das honras recebidas. Não consigo acreditar." Eu sabia que ele não podia compreender, mas tentei explicar que o Espírito Santo agora habitava em mim e que Ele ficaria entristecido se eu voltasse ao Salão da Loja.

Pelo menos o Secretário não se mostrou hostil e fui então embora. É claro que, aos olhos da maçonaria, eu jamais iria deixá-los - não realmente. As obrigações (juramento) são consideradas inquebráveis.

Na verdade, a "demissão", o formulário maçônico para a

retirada da Loja, é considerado apenas como um documento que mantém você em boa posição até o dia da sua volta. Eles não o consideram como uma demissão final. Do ponto de vista maçônico, a única maneira de alguém deixar de ser maçom é morrer (e isso, por causa da crença geral na reencarnação e do conceito maçônico do céu, não é também o fim aos olhos deles).

Depois de chegar em casa, telefonei a Mike no trabalho e contei-lhe tudo que acontecera. Ele disse que gostaria de ter ido ao serviço para o Guarda, pois tinha sido um homem correto. Além disso não falou mais nada. Mike estava refletindo muito.

COMEÇANDO UMA NOVA VIDA

Jesus encontrava-se agora em meu coração e tudo estava mudando. Eu via agora as coisas sob uma luz diferente, coisas que jamais vira antes. O Espírito de Deus estava finalmente vivendo em meu espírito humano. Uma vida verdadeiramente nova tinha começado.

Havia ainda muito para aprender, uma porção de lixo em minha mente que precisava ser jogado fora, mas eu estava a caminho. Estava aprendendo a andar na luz e a Luz do Mundo era meu constante companheiro e guia. Que maravilha!

Bonnie e eu começamos a ir regularmente à igreja do médico. Depois de uma vida inteira fora da igreja, uma vida repleta de religião pagã e filosofia ocultista, poderia parecer estranho começar a freqüentar a igreja de modo regular. Deveria ter sido um choque cultural, emocional e espiritual para nós - especialmente *naquela* igreja (onde o evangelho era claramente pregado e Jesus exaltado), mas parecia-me natural estar ali. Eu pertencia àquele meio.

ENTRANDO NUMA NOVA VIDA

Começamos também a assistir aulas noturnas no Instituto Bíblico associado com a igreja. Aquela foi uma experiência

totalmente positiva. Desde o começo, tudo que aprendemos foi uma bênção - tão positiva, como tão "certa" - que quisemos aprender mais. O que aprendíamos não só era interessante, mas era como entrar em uma nova vida. Havíamos finalmente encontrado a verdadeira fonte da verdade. Estávamos absorvendo o máximo que podíamos.

APRENDENDO A LEVAR ALGUÉM AO SENHOR

Depois de algumas semanas de aulas na faculdade bíblica eu havia aprendido o suficiente para entender que não sabia muita coisa. Mais importante ainda, eu não sabia como levar alguém ao Senhor - isto é, como ajudar alguém a ter uma relação pessoal com Ele, como acontecera comigo.

Exceto pelo testemunho que o médico me dera e as Escrituras que compartilhara, minha salvação tinha sido uma coisa entre mim e Deus. Eu não estava sequer certo de como ou quando isso tinha acontecido. Comecei a aprender que havia meios eficazes de testemunhar, de abordar as pessoas com as Boas Novas, e que é importante saber mostrar-lhes na Bíblia a base dos nossos ensinamentos.

Compreendi tambem a importância de saber como levar realmente alguém ao Senhor e percebi que não tinha idéia de como fazer isso.

Pedi então a um dos professores da faculdade, um homem que havia sido missionário em Cuba, que me ensinasse.

Ele disse-me que existem muitos meios de evangelizar, ensinou-me o seu método e depois deu-me alguns folhetos que escrevera. Ele aconselhou-me a memorizar versículos da Escritura (tais como João 1.12; João 3.3; João 3.16; Romanos 3.23; Romanos 6.23; Romanos 5.8 e Romanos 10.9,10,13) e os esboços básicos dos folhetos. Segui as suas instruções e em breve estava pronto.

GANHANDO MIKE

As férias estavam chegando e pedi a Mike para tirar as

suas junto com as minhas. Disse-lhe que a casa precisava de pintura e, como tínhamos feito isso no passado, eu esperava que ele ajudasse-me de novo. Ele concordou, nossas férias foram marcadas para o mesmo período de tempo, e quando chegou o dia fomos trabalhar. Trabalhávamos durante duas horas e depois fazíamos uma pausa para tomar café na mesa da cozinha.

Eu tinha feito planos para testemunhar para Mike durante o projeto de pintura e, na primeira pausa, no primeiro dia, comecei.

"Mike, já se preocupou com o que vai acontecer com você quando morrer?"

Ele disse: "Preocupo-me às vezes, mas você e eu decidimos crer na reencarnação. Como católico, fui também ensinado a crer no purgatório, um lugar onde posso passar um tempo pagando os meus pecados."

Eu respondi: "Mike, eu estava errado sobre a reencarnação. A Bíblia diz (em Hebreus 9.27) que "aos homens está ordenado morrerem uma só vez e, depois disto, o juízo." Se a reencarnação for verdade, a morte de Jesus não teve sentido porque nós iríamos eventualmente salvar-nos. E, quanto ao purgatório, não existe qualquer passagem bíblica para essa idéia, nem mesmo nas Bíblias católicas."

Percebi que naquele momento Mike não queria ouvir mais nada e deixei então o assunto morrer, embora também percebesse que ele estava pensando em tudo que eu dissera. Ficou muito quieto, quando numa ocasião comum estaria rindo e brincando.

"TIVE UMA VIDA MUITO PECAMINOSA"

Na pausa seguinte, perguntei a Mike se gostaria de ir para o céu quando morresse.

Ele disse: "Pensei a respeito e é claro que gostaria, mas tive uma vida muito pecaminosa. Acredito que a Loja Maçônica ajudou-me; tenho agora um objetivo e as coisas são muito mais regulares. Não conheço tanto a Bíblia quanto você, mas se quiser falar sobre ela eu vou ouvir."

Eu lhe falei então: "Mike, estou fazendo a você a pergunta mais importante da sua vida - a sua alegria e paz por toda a eternidade dependem da sua resposta. Você está disposto a receber o Senhor Jesus Cristo como seu Salvador pessoal?"

Sem esperar a resposta dele, prossegui: "Você diz que teve uma vida pecaminosa, mas se estiver disposto a confessar os seus pecados a Ele e receber Jesus como seu Salvador e Senhor, todos os seus pecados serão perdoados e esquecidos, lavados com o sangue dEle, e a sua vida terá um novo começo. Não há outro meio de obter tudo isso; Jesus disse: "ninguém vem ao Pai senão por mim." Ele disse também: "Importa-vos nascer de novo."

Mike abaixou a cabeça e disse baixinho: "Não sei como nascer de novo."

Repliquei: "Mike, está disposto a tentar se eu mostrar-lhe o que deve fazer?" Com a cabeça ainda baixa, como se já estivesse orando, ele respondeu, "Sim".

TUDO ACONTECEU EM MINUTOS

Nós nos ajoelhamos ali na cozinha e oramos. Eu orei primeiro por ele e depois o guiei numa oração simples, pedindo a Jesus que o perdoasse, salvasse e entrasse no seu coração para viver nele. Tudo aconteceu em minutos - algo que duraria por toda a eternidade.

Mike e eu não teríamos mais de trabalhar e ficar imaginando, tentando ser suficientemente bons para ganhar a "Loja Celestial lá em cima." Estaríamos agora juntos, na presença do nosso maravilhoso Salvador, por toda a eternidade. Mike era um filho de Deus.

Eu lhe disse para levantar-se. Ele olhou para mim, com os olhos cheios de lágrimas, e tentou agradecer-me. Mas eu disse que agradecesse Aquele que morrera por ele. Dei-lhe então algumas instruções bem simples sobre como ler a Bíblia e orar, e perguntei-lhe: "Mike, você é salvo?" e ele respondeu muito positivamente, "Sim, *sou*!"

Voltamos a trabalhar, tínhamos quase terminado quando Bonnie chegou e jantamos todos juntos.

Quando eu orei pela comida, Bonnie disse, "Amém" e depois Mike repetiu um grande "AMÉM!" Ele estava aprendendo depressa.

Mais tarde ele perguntou-me. "Jim, não posso mais fumar cachimbo?"

Respondi: "Não é bem assim, Mike - deixe que o Senhor fale com você sobre isso, mas à medida que aprender a ficar próximo dEle, não se surpreenda se Ele mudar os seus sentimentos sobre uma porção de coisas."

Não pedi a Mike que saísse da Loja; ele mesmo, imediatamente desistiu de todos os graus em que estava trabalhando. Abandonou o Tabernáculo e raras vezes comparecia à Loja Azul.

Em vista de tantos companheiros perguntarem-lhe por que continuava falando comigo depois que eu deixara a Loja, ele em breve desistiu completamente do Rito Escocês. Para todos os propósitos práticos, estava fora de tudo, embora eu não tivesse dito nada sobre isso a ele.

REJEITADO PELOS IRMÃOS

A mudança em nossa vida social depois de minha demissão da Loja foi imediata e completa. Bonnie e eu fomos cortados. Durante todos aqueles anos havíamos estado ocupadíssimos com as várias funções sociais e a maioria delas era agradável. De repente, fomos abandonados pelos amigos. Era como se tivéssemos pegado lepra.

Nós não só nos ocupávamos com as festas, banquetes e recepções associados com as Lojas, como também gozávamos de ocasiões gostosas nas casas uns dos outros. Eu jamais gostei tanto de ser maçom como naquelas festas informais nas casas. Certa vez recebemos em nossa casa cerca de 20 convidados ao mesmo tempo, com música e tudo, e ninguém jamais saiu aborrecido. Encontrávamos tantas pessoas amáveis nessas festas que raramente íamos a qualquer lugar da cidade sem encontrar com algum conhecido.

Agora, nenhum deles falava conosco quando acontecia nos encontrarmos por acaso, com a única exceção de Mike.

Ele ficou ao nosso lado desde o começo e foi a hostilidade com que o resto nos tratava que apressou a sua decisão de deixar a Loja. Nunca tive um amigo melhor, nem mais teimoso, que Mike.

Agora estávamos, porém, fazendo novos amigos na igreja e nas aulas da faculdade bíblica. As funções sociais das quais começamos a participar com nossos novos amigos eram muito mais saudáveis do que as que freqüentávamos antes.

PERSEGUIÇÃO NO TRABALHO TRAZ BÊNÇÃOS

No meu emprego, fui imediatamente transferido para a turma da noite. Não houve tentativa de ocultar o fato de que isso se devia à minha saída da Loja.

No começo fiquei magoado. Mas o Senhor rapidamente mostrou-me que era uma bênção. Como aconteceu com José na antigüidade, O Senhor usou para o bem a intenção de me causarem o mal. Agora eu podia matricular-me no programa diurno da faculdade bíblica. Em vista do trabalho não ser tão pesado à noite, eu podia estudar no emprego e continuar fazendo bem minhas tarefas.

AS ÚLTIMAS PALAVRAS DO TIO IRVIN

Minha meia-irmã em Indianápolis telefonou-me certo dia para contar-me que o Tio Irvin estava muito doente; ela achava que eu devia ir vê-lo. Voltamos para Indianápolis e fomos até a casa dele.

O Tio Irvin parecia realmente enfermo, como se não fosse viver muito tempo.

Eu queria que ele pudesse ficar com o Senhor quando morresse, mas não tive oportunidade de falar com ele sobre a sua salvação. Ele já sabia de minha saída da Loja e não estava disposto a ouvir as minhas justificações. Ele já estava contrariado quando cheguei e imediatamente começou o ataque.

Muito zangado, ele gritou para mim: "Você não PENSA?

Não compreende que a Maçonaria é A MESMA COISA que JESUS CRISTO?"

Não dei qualquer resposta. Ele também não esperava que eu respondesse, nem queria ouvir-me. Com esta última decepção da filosofia maçônica expressa em algumas palavras zangadas soando em nossos ouvidos, fomos embora. Nunca mais vi o Tio Irvin.

Ele morreu dentro de algumas semanas.

O PASSADO É O PRÓLOGO

Voltei para casa com o coração pesado por causa do Tio Irvin e fui trabalhar. Eu tinha meu emprego e meus estudos na faculdade bíblica para dar conta. Havia muito a aprender e eu tinha pressa de conhecer tudo.

Como nos meus dias de exército durante a Segunda Guerra Mundial, eu era muito mais velho que os outros estudantes. Isso não me preocupou em nada. Na verdade, sob alguns aspectos era uma vantagem, pois eu tinha bastante experiência da vida e da morte que eles não tinham.

Muitos deles, por exemplo, eram tímidos e receavam falar diante de um grupo. Isto não era problema para mim. Meus vários anos como líder da Loja forneceram-me um excelente treinamento como orador. Quando comecei a ministrar regularmente em uma das clínicas de repouso, dois ou três deles iam comigo. Eles ajudavam-me com a música. Eu os ajudava a vencer o medo de falar em público. Meus anos de maçonaria foram realmente úteis neste sentido.

TANTOS HOMENS COMO EU

Houve ocasiões em que eu pensava em todos aqueles anos durante os quais eu andara nas trevas e perguntava-me o que poderia ter feito se usasse todo esse tempo para o Senhor. Senti, porém, que de alguma forma ele não fora completamente desperdiçado. Como prometido em Romanos 8.28, Deus podia fazer com que tudo colaborasse para o

bem. Ele podia converter aqueles anos "perdidos" em algo útil. Se não fizeram qualquer outra coisa, aqueles anos na maçonaria haviam-me preparado pelo menos para transmitir a verdade a outros maçons, a verdade simples que pode libertá-los.

"Há tantos homens como eu ali"- pensei - "tantos Mikes, tantos Tio Irvin, enganados e sendo destruídos por uma fraude mortal. Alguns deles talvez me dêem atenção."

NO FINAL DE UMA LONGA NOITE

Certa manhã, muito cedo, quando uma longa noite dava lugar à luz crescente de um dia novo e brilhante, fiquei de pé no dique, pensando. Fiz um retrospecto de todos aqueles anos que pareciam ter sido perdidos e tentei olhar para os anos que ainda tinha à minha frente. Pensei na distância que havia percorrido, buscando a verdade, buscando a luz, só para ser levado cada vez mais para as trevas por homens bem-intencionados. Pensei em minha mãe - parecendo tão indefesa quando mandou-me embora de casa e para fora de sua vida, sem nada para me dar senão a pobre herança de um conselho para que eu tentasse ser como o Tio Irvin.

Pensei em todos os homens a quem transmitira essa herança mortal; e pensei na longanimidade de Deus enquanto acompanhava-me através dos anos com o Seu amor.

"Talvez" - pensei eu - "talvez tudo isto tenha sido uma preparação para servi-Lo. Talvez, com o Seu Espírito para guiar-me e fortalecer-me, poderei tirar alguns desses homens do engano fatal da maçonaria e levá-los para a verdade e a luz de Jesus."

Um navio estava saindo, diminuindo cada vez mais de tamanho enquanto seguia as luzes do canal em direção ao mar aberto.

"Talvez fosse esse o Seu plano" - refleti - "quem sabe o Senhor pode usar-me para ajudá-los a encontrar o caminho. Talvez eu possa guiar alguns desses homens vazios, verdadeiras vítimas, tirando-os da escuridão pagã da Loja e levando-os para a Luz!"

Com a esperança aumentando em meu coração, com as respostas começando a brotar em minha mente, e com uma visão formando-se em meu espírito, tomei o caminho de volta para o escritório. O trabalho esperava-me

---

"Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará nas trevas, pelo contrário terá a luz da vida." **Jesus de Nazaré** João 8.12

---

[1] O "Guarda" é o funcionário da Loja responsável por impedir que qualquer "pessoa profana" (não-maçom) entre no Salão da Loja. Ele usa geralmente uma espada e guarda a porta durante as reuniões.

[2] Uma "demissão" é o formulário maçônico para os afastamentos (tornar-se inativo) da Loja.

NOS ANOS SEGUINTES

Jim e Bonnie freqüentavam juntos as aulas da faculdade bíblica e Jim continuou seu trabalho na Alfândega. Pouco depois de ter saído da Loja, Jim sofreu descolamento de uma das retinas. Uma cirurgia a laser restaurou sua visão, mas deixou-o com sérios problemas visuais que forçaram a sua aposentadoria, depois que uma queda grave acontecida no emprego causou dano adicional e permanente a um de seus olhos.

Dois anos depois de ter nascido de novo, Mike começou a ter cada vez mais dores e problemas nas costas, no lugar que machucara ao apagar um incêndio em Nova Iorque muitos anos antes. Ele também começou a perder peso rapidamente e seu - antes poderoso - corpo tornou-se cada vez mais fraco.

Os médicos descobriram que ele tinha câncer na espinha. Mike morreu no mesmo hospital onde Jim operara os olhos. Durante a sua última hospitalização, uma das suas antigas namoradas foi visitá-lo. Ela perguntou a Jim onde ficava a igreja católica mais próxima e disse que gostaria de acender ali uma vela para Mike.

"Ele não precisa que acendam uma vela a seu favor" - disse Jim - "Mike tem agora Jesus no coração e seus pecados foram perdoados."

Com voz cansada, mas alegre, Mike falou: "Isso é verdade."

Essa foi a última vez que Jim o viu vivo. Em menos de dois dias Mike morreu.

Dois anos depois de aposentar-se da Alfândega, Jim formou-se na faculdade bíblica. Desde sua formatura ele tem pregado, escrito muitos folhetos e panfletos e gravado inúmeras fitas-cassete para ensinar a Bíblia; está dedicando o resto

da sua vida para alcançar outros maçons com as boas novas de Jesus; envia suas fitas, folhetos e livros para todas as regiões nos Estados Unidos e para países estrangeiros. Ele mantém correspondência constante com todos os que o procuram pedindo informações. Jim e Bonnie continuam morando na Flórida, viajando com a mensagem da verdade e da libertação, à medida em que se abrem as portas para esse ministério.

Jim pode ser contatado escrevendo-se para: Rev. James D. Shaw, P.O. Box 884, Silver Springs, Fl 32688 - U.S.A.

— Tom McKenney

PALAVRA PESSOAL DE JIM

Ao terminar esta história verdadeira, seria um descuido meu não deixar claro que durante a minha vida pré-cristã gostei realmente da maçonaria. Gostava dos homens com quem associei-me na Loja e daqueles com quem trabalhei tão duro nos graus e corpos do Rito Escocês. Acima de tudo, tinha plena certeza de estar fazendo o que era certo e agradável diante do Grande Arquiteto do Universo.

Em todos os meus anos de serviço dedicado à maçonaria, ninguém na Loja deu qualquer testemunho sobre o amor e a graça salvadora de Jesus. A Loja ia à igreja uma vez por ano como grupo. Quando chegávamos, o pastor (que também era maçon) apresentava-nos à congregação e exaltava a Maçonaria, contando a todos as obras maravilhosas que fazíamos. Ao deixar a igreja, íamos geralmente pensando quão formidáveis éramos e sentíamos pena de todos aqueles na igreja que não eram maçons e não participavam de nossas boas obras.

Depois de algum tempo do testemunho do meu oftalmologista, li estas simples e belíssimas palavras de Jesus: "Em verdade, em verdade, vos digo, quem crê em mim tem a vida eterna." Essas palavras, tão curtas e tão doces, penetraram em meu coração. Procurei mais na Bíblia e encontrei segurança abençoada em todas as passagens que examinei. Jesus Cristo, o Filho de Deus, amava-me realmente. Essa verdade libertou-me. Recebi Aquele que amava-me como verdadeiro Irmão! Ele fará o mesmo por você.

- Jim Shaw

DOUTRINA MAÇÔNICA VERSUS DOUTRINA CRISTÃ

Segue-se uma breve comparação das doutrinas e práticas da Maçonaria com as doutrinas fundamentais da fé cristã e sua fonte básica, a Bíblia.

As doutrinas maçônicas aqui resumidas são, em cada caso, apoiadas sobre o consenso dos mais reverenciados e largamente aceitos filósofos, escritores e livros-fonte maçônicos. Qualquer maçom entendido saberá imediatamente que isto é verdade. Ele jurou mentir, se necessário, a fim de ocultar tais coisas. Desse modo, irá provavelmente negar algumas coisas e tentar justificar outras. Mas os escritores maçônicos e as práticas comuns na Loja irão comprovar tudo.

Embora bem poucos maçons tenham lido alguns dos livros-fonte citados, sendo também deliberadamente enganados quanto a certos fatos neles contidos, poderiam sem dúvida ter lido os mesmos se quisessem. Todos esses livros-fonte maçônicos encontram-se nas bibliotecas da maioria das Lojas locais e de todas as Grandes Lojas dos Estados. Além disso, eles podem ser comprados nas editoras ou livrarias maçônicas.

Muitas outras referências similares poderiam ser citadas além daquelas incluídas aqui, mas estas bastam. Letras maiúsculas ou outras formas de ênfase foram deixadas de acordo com os originais; nada foi acrescentado ou mudado.

1. JESUS CRISTO

a. DOUTRINA MAÇÔNICA

Jesus era apenas um homem. Ele foi um dos "exemplos", um dos grandes homens do passado, mas não foi divino e certamente não foi o único meio de redenção da humanidade perdida. Ele é comparado a outros grandes homens do passado, como Aristóteles, Platão, Pitágoras e Maomé. Sua vida e lenda não diferiam das de Krishna, o deus hindu. Ele é o "filho de José" e não o Filho de Deus.

(1) "Ele (o cristão maçom) não pode fazer objeções se outros vêm (em Jesus) apenas o Logos de Platão, o Verbo ou Pensamento Pronunciado, a primeira Emanação da Luz, a Razão Perfeita da Grande Divindade, Silenciosa, Incriada, no qual todos crêem e adoram." (Albert Pike, "Morals and Dogma", 26º Grau, pg. 524.)

(2) "E o Intelecto Divino e Sábio enviou mestres aos homens. Enoque, Noé, Abraão, Moisés o filho de Imram, os Profetas, Pitágoras, Platão, e Yesus, o filho de José, o Senhor, o Messias, e seus apóstolos, e depois deles, Maomé, o filho de Abdulla, com sua lei, que é a lei do Islã; e os discípulos da verdade seguiram a lei do Islã." (Albert Pike, "Morals and Dogma", 25º Grau, p.34)

(3) "Em suas petições privadas, o homem pode orar a Deus ou a Jeová, a Alá ou Buda, a Maomé ou Jesus. Ele pode invocar o Deus de Israel ou a Primeira e Grande Causa. Na Loja maçônica ele ouve petições ao Grande Arquiteto do Universo, encontrando a sua própria divindade sob esse nome. Uma centena de caminhos talvez subam em espiral pela montanha; no alto eles se encontram." (Carl H. Claudy, "Introduction to Freemasonry", p. 38)

(4) "Foi descoberto que cada ato no drama da vida de Jesus, e cada qualidade atribuída a Cristo, são encontrados na vida de Krishna" (Deus sol da Índia). (J.D.Buck, "Mystic Masonry", pp. 119,138.)

(5) "Nos reunimos hoje para comemorar a morte (de Jesus), não como um ser inspirado ou divino, pois não nos cabe decidir isto." (Maundy Thursday Ritual, Capítulo da Rosa Cruz)

b. DOUTRINA CRISTÃ

Jesus Cristo é divino, eterno, e a segunda Pessoa da Divindade. Quando ele viveu na terra como homem, o Filho Unigênito do Pai, era Deus encarnado, verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Ele era e é o único meio de redenção da humanidade decaída. Quem quer que negue ou rejeite Jesus, ou a Sua posição proeminente como único Redentor, nega também e se separa de Deus Pai.

(1) "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as cousas foram feitas por intermédio Dele, e sem Ele nada do que foi feito se fez. A vida estava Nele, e a vida era a luz dos homens." (João 1.1-4)

(2) "Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade eu vos digo: Antes que Abraão existisse, eu sou." (João 8.58)

(3) "E agora glorifica-me, ó Pai, Contigo mesmo, com a glória que eu tive junto de Ti, antes que houvesse mundo." (João 17.5)

(4) "Respondeu-lhes Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por Mim." (João 14.6)
(5) "E não há salvação em nenhum outro (senão Jesus); porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos." (Atos 4.12)
(6) "Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida." (1 João 5.12)
(7) "Quem é o mentiroso senão aquele que nega que Jesus é Cristo? Este é o anticristo, o que nega o Pai e o Filho. Todo aquele que nega o Filho, esse não tem o Pai; aquele que confessa o Filho, tem igualmente o Pai." (1 João 2.22-23)
(8) "Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem." (1 Tm 2.5)
(9) "Eu e o Pai somos um." (João 10.30)
(10)"...Quem me vê a mim, vê o Pai..." (João 14.9)

2. A BÍBLIA

a. DOUTRINA MAÇÔNICA

A Bíblia do cristão não passa dos "livros sagrados" do homem, não sendo melhor do que o Alcorão, as escrituras hindus ou os livros dos filósofos chineses e gregos. Ela não deve ser tomada literalmente, pois o seu verdadeiro significado é esotérico (oculto de todos, com exceção de um pequeno número de "iluminados", os líderes da elite); o sentido literal, obviamente, é apenas para as massas ignorantes. É correto omitir referências a Jesus nas passagens usadas no ritual. A maçonária, ao contrário da crença popular, NÃO se baseia na Bíblia. A maçonaria está apoiada na verdade da Cabala, um livro medieval de magia e misticismo.

(l) "Para os maçons, o Livro da Lei é aquele livro sagrado que o maçom de qualquer religião acredita conter a vontade revelada de Deus... portanto, para o cristão maçom é o Antigo e o Novo Testamento; para o judeu, o Antigo Testamento; para o muçulmano, o Alcorão; para o brâmane, os Vedas; e para o parse, o Zendavesta." ("Masonry Defined", uma compilação de escritos de Albert Pike e Albert Mackey, pp. 78,79)
(2) "A maçonaria não professa o cristianismo... mas espera o tempo em que as obras de nossos irmãos da antigüidade venham a ser simbolizadas pela construção de um templo espiritual... no qual haverá apenas um altar e um culto de adoração; um altar comum da maçonaria, no qual o Veda, Shasra, Sade, Zend-Avesta, Alcorão e a Bíblia Sagrada vão estar... e em cujo tabernáculo o hindu, o persa,

o assírio, o caldeu, o egípcio, o chinês, o maometano, o judeu, e o cristão poderão ajoelhar-se..." ("The Kentucky Monitor", Fellowcraft Degree, p.95)

(3) "O que é a Verdade para o filósofo, não seria verdade, nem teria efeito de verdade, para o camponês. A religião do povo deve ser necessariamente menos correta do que a dos poucos refinados e cultos... A religião mais verdadeira, em muitos pontos, não seria compreendida pelos ignorantes... As doutrinas da Bíblia nem sempre são apresentadas em termos da verdade exata, mas naqueles mais convenientes para serem transmitidos... como doutrina a um povo rude e ignorante." (Albert Pike, "Morals and Dogma", 14th Degree, p.224)

(4) "... o sentido literal (da Bíblia) é só para o vulgo." (Albert Pike, "Digest of Morals and Dogma", p.166)

(5) "A leitura absurda feita pela igreja estabelecida, aceitando literalmente a linguagem figurada, alegórica e imaginária de uma coleção de livros orientais de diferentes épocas, levou direta e inevitavelmente a este erro." (Albert Pike, "Morals and Dogma", 30ty Degree, p.818)

(6) "Os judeus, chineses e turcos rejeitam o Novo Testamento, o Antigo, ou ambos; mas mesmo assim, não vemos razão para que não se tornem maçons. De fato, a Maçonaria da Loja Azul não tem nada a ver com a Bíblia. Ela não está fundamentada na Bíblia; se estivesse, não seria maçonaria, mas outra coisa." ("Chase's Digest of Masonic Law", pp.207-209)

(7) "A beleza se espalha em cada canto do Universo, a Grande Bíblia de Deus. A natureza material é o seu Velho Testamento... e a Natureza Humana é o Novo Testamento do Deus Infinito." (Albert Pike, "Morals and Dogma", 28th Degree, p.715)

(8) "A maçonaria é uma busca da Luz. Essa busca nos faz retroceder à Cabala. Nesse (livro-fonte) antigo e pouco compreendido, os iniciados irão encontrar a raiz de inúmeras doutrinas; e podem vir a compreender, com o tempo, os filósofos herméticos, os alquimistas, todos os pensadores antipapais da Idade Média, e Emanuel Swedenborg." (Albert Pike, "Morals and Dogma", 28th Degree, p.741)

(9) "Todas as religiões verdadeiramente dogmáticas procedem da Cabala e voltam a ela; tudo o que é científico e grandioso nos sonhos religiosos dos iluminados, Jacob Boeheme, Swedenborg, Saint Martin, e outros é tomado de empréstimo da Cabala; todas as associações maçônicas devem a ela seus segredos e símbolos." (Albert Pike, "Morals and Dogma", 28th Degree, p.744)

(I0) "A retirada do nome de Jesus e das referências a Ele nos versículos bíblicos usados no ritual são modificações leves mas necessárias." (Albert Mackey, "Masonic Ritualist", p. 272)

b. DOUTRINA CRISTÃ

A Bíblia é a *única* revelação escrita do *único* e verdadeiro Deus. A Bíblia, como contida no Antigo e Novo Testamentos, é a Palavra de Deus, inspirada e preservada por Ele, sendo a única regra de fé e prática válida para o Seu povo, a Igreja. Nada deve ser acrescentado ou retirado da Bíblia como entregue a nós no Antigo e Novo Testamentos.

(1) "Se eles não falarem segundo esta Palavra, é porque não há luz neles." (Is 8.20)*

(2) "Toda Escritura é inspirada por Deus." (2 Tm 3.16)

(3) "As palavras do Senhor são palavras puras, prata refinada em cadinho de barro, depurada sete vezes. Sim, Senhor, Tu nos guardarás; desta geração nos livrarás para sempre." (Sl 12,6,7)

(4) "... cuja esperança está no Senhor seu Deus, que fez os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há, e mantém para sempre a sua fidelidade." (Sl 146.5,6)

(5) "Toda palavra de Deus é pura; Ele é escudo para os que Nele confiam. Nada acrescentes às Suas palavras, para que não te repreenda e sejas achado mentiroso." (Pv 30.5,6)

(6) "Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão." (Mt 24.35).

(7) "Pois fostes regenerados, não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a palavra de Deus, a qual vive e é permanente... a palavra do Senhor, porém, permanece eternamente. Ora, esta é a palavra que vos foi evangelizada." (1 Pe 1.23,25)

(8) "Porque não vos demos a conhecer o poder e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, seguindo fábulas engenhosamente inventadas, mas nós mesmos fomos testemunhas oculares da sua majestade... sabendo primeiro isto, que nenhuma profecia da Escritura provém de particular elucidação; porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana, entretanto homens falaram da parte de Deus movidos pelo Espírito Santo." (2 Pe 1.16-21)

(9) "Nada acrescentareis à palavra que vos mando, nem diminuireis dela..." (Dt 4.2)

---

* Nota da Tradutora: Tradução literal do inglês.

(10)"... Se alguém lhes fizer qualquer acréscimo, Deus lhe acrescentará os flagelos escritos neste livro; e se alguém tirar qualquer cousa das palavras do livro desta profecia, Deus tirará a sua parte da árvore da vida..." (Ap 22.18,19)

3. DEUS

a. DOUTRINA MAÇÔNICA

Deus é basicamente o que percebemos que Ele é; nossa idéia ou conceito de Deus torna-se o nosso Deus. Geralmente mencionado pelo termo vago e geral, "Divindade", o deus da maçonaria que pode ser aquele que escolhemos, referido quase sempre como "O Grande Arquiteto do Universo". Todavia, os que interessam-se por estudos mais aprofundados na maçonaria, aprendem que Deus é a força da natureza, especificamente o Sol com seus poderes que dão vida. Para os "avançados, iluminados", os adeptos no topo, esta adoração da natureza é compreendida como a adoração dos princípios da geração (isto é, os órgãos sexuais), especialmente o falo. A Natureza Humana é também adorada por alguns como "Divindade", assim como o Conhecimento e a Razão. Desde que a maçonaria é um reavivamento das religiões pagãs misteriosas da antigüidade, o seu deus pode ser também considerado como a Natureza, com os seus deuses e deusas da fertilidade (sexo), representando o Sol e a Lua (no Egito, Osíris e Ísis).

(1) "... a concepção de Deus, feita por cada homem deve ser proporcional ao seu conhecimento mental, poderes intelectuais e excelência moral. Deus é, segundo a concepção humana, um reflexo da imagem do homem." (Albert Pike, "Morals and Dogma", 14th Degree, p.223)

(2) "... toda religião e toda concepção de Deus é idólatra, por ser imperfeita e oferecer uma idéia frágil e temporária... desse Ser que só pode ser conhecido em parte, e que pode ser portanto honrado até pelos mais iluminados entre os Seus adoradores apenas em proporção aos seus poderes limitados de entendimento e imaginação..." (Albert Pike, "Morals and Dogma", 25th Degree, p.516)

(3) "O único deus pessoal que a maçonaria aceita é a humanidade em seu todo... A Humanidade, portanto, é o único deus pessoal que existe" (J.D. Buck, "Mystic Masonry", p.216)

(4) "Falo: uma representação do membro viril (órgão sexual masculino) que foi venerado universalmente como um símbolo religioso... pelos antigos. Era uma das modificações da adoração do sol, e era um símbolo do poder de fecundação (impregnação) dos luminares. O

ponto maçônico dentro de um círculo (símbolo maçônico importante) tem indiscutivelmente origem fálica." (Albert Mackey, "Simbolism of Freemasonry", p.352 etc.)

(5) "Essas duas divindades (o Sol e a Lua, Osíris e Ísis ,etc) eram ... geralmente simbolizadas pelas partes genitais do homem e da mulher, às quais, em eras remotas, não estava ligada qualquer idéia de indecência: o falo (pênis) e a *cteis* (vagina), emblemas da geração e produção, que como tais, apareciam nos Mistérios (as religiões antigas das quais a maçonaria é um reavivamento). O *lingam* indiano era a união de ambos, assim como o barco e o mastro, e o ponto dentro do círculo (símbolos maçons importantes)." (Albert Pike, "Morals and Dogma," 24th Degree, p.401)

(6) "A maçonaria, sucessora dos Mistérios (religiões pagãs de Ísis, Osíris, Baal, Mitras, Tamuz, etc.), ainda segue o ensino antigo." (Albert Pike, "Morals and Dogma", Fellowcraf Degree, p.22)

(7) Embora a maçonaria seja idêntica aos mistérios antigos, só o é neste sentido qualificado: ela apresenta apenas uma imagem imperfeita do seu brilho, as ruínas da sua grandeza..." (Albert Pike, "Morals and Dogma," 28th Degree, p.23)

(8) "A Razão é o Absoluto. A Razão É por si mesma. Ela É porque É... Se Deus É, ELE É pela Razão." (Albert Pike, "Morals and Dogma," 28th Degree, p.737)

(9) "Esta é a lei imutável da natureza, a Eterna Vontade da Justiça que é Deus." (Albert Pike, "Morals and Dogma," 32nd Degree, p.847)

b. DOUTRINA CRISTÃ

Deus é um Espírito eterno, auto-existente, imutável, todo-poderoso e soberano. Só há um Deus que criou todas as coisas, existindo em três Pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo. Deus Pai é revelado em Seu Filho, Jesus Cristo, e é perfeito. Ele é santo e requer santidade do Seu povo.

(1) "No princípio criou Deus os céus e a terra" (Gn 1.1)

(2) "Deus é espírito; e importa que os Seus adoradores o adorem em espírito e em verdade." (João 4.24)

(3) "Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor." (Dt 6.4)

(4) "Antes que os montes nascessem e se formassem a terra e o mundo, de eternidade a eternidade, Tu és Deus." (Sl 90.2)

(5) "Porque Eu, o Senhor, não mudo." (Ml 3.6)

(6) "... não há senão um só Deus... o Pai, de quem são todas as cousas e para quem existimos..." (1 Co 8.4,6)

(7) "Mas o Senhor é verdadeiramente Deus; Ele é o Deus vivo e o rei

eterno." (Jr 10.10)
(8) "O Teu trono, ó Deus, é para todo o sempre." (Sl 45.6)
(9) "Pois há três que dão testemunho no céu: o Pai, a Palavra (Jesus), e o Espírito Santo; e estes três são um." (1 Jo 5.7)
(10)"Santos sereis, porque Eu, o Senhor vosso Deus, sou santo." (Lv 9.2)
(11)"Disse Deus a Moisés: Eu Sou o que Sou..." (Ex 3.14)

4. REDENÇÃO

a. DOUTRINA MAÇÔNICA

A redenção é uma questão de auto-aperfeiçoamento, moralidade e boas obras, inclusive a obediência ao juramento maçônico e a todas as autoridades maçônicas superiores.

A fé na expiação de Jesus, não tem nada a ver com ela; trata-se na verdade, de uma questão de iluminação, passo a passo, que vem com a iniciação nos graus maçônicos e seus mistérios.

(1) "A pele do cordeiro lembra ao maçom da pureza de vida e retidão de conduta tão essencialmente necessárias para obter admissão na Loja Celestial lá de cima, onde o Supremo Arquiteto do Universo preside." (Albert Mackey, "Encyclopedia of Freemasonry," "Apron")
(2) "... e em Teu favor, possamos ser recebidos em Teu reino eterno, para gozar, em união com as almas de nossos amigos que partiram, a justa recompensa de uma vida piedosa e virtuosa. Amém. Assim seja." ("Texas Monitor," Masonic Burial Service, p.10)
(3) "No Egito, Grécia e outras nações da antigüidade, a maçonaria foi um dos primeiros agentes empregados para o aprimoramento e iluminação do homem... e para fazê-lo compreender os verdadeiros princípios morais, que introduzem os homens à nova ordem de vida." (Daniel Sickles, "Ahimon Rezon or Freemason's Guide, p.57)
(4) "O rito da iniciação significa o fim de uma vida profana e cheia de vícios, a palingenesia (novo nascimento) da natureza humana corrupta, a morte do vício e de todas as paixões negativas e a introdução a uma nova vida de pureza e virtude." (Daniel Sickles, "Ahimon Rezon or Freemason's Guide", p.54)
(5) "Esses três graus (1^0, 2^0 e 3^0) formam um todo perfeito e harmonioso e não se pode conceber que qualquer outra coisa que a alma do homem necessite possa ser sugerida." (Daniel Sickles, "Ahimon Rezon or Freemason's Guide, p.196)
(6) "Se mantivermos em devoção sincera e verdadeira a nossa profissão de fé maçônica, nossa fé torna-se um raio de luz e nos levara às mansões sagradas onde seremos eternamente felizes com Deus, o

Grande Arquiteto do Universo." (Daniel Sickles, "Ahimon Rezon or Freemason's Guide, p.79)

(7) "Acácia: este termo indica que o maçon que vive em estrita obediência às obrigações e preceitos da fraternidade está livre do pecado." (A. Mackey, "Lexicon of Freemasonry," p.16)

(8) "Quando você ficar impregnado com a moral da maçonaria... quando tiver aprendido a praticar todas as virtudes por ela inculcadas; quando elas se tornarem tão familiares a você quanto o seu Deus do Lar, estará então preparado para receber sua elevada instrução filosófica, e a escalar as alturas em cujo ápice a Luz e a Verdade acham-se entronizadas. Passo a passo os homens devem avançar em direção à Perfeição, e cada grau maçônico significa um desses passos." (Albert Pike, "Morals and Dogma", 8th Degree, p.136)

(9) "Os ignorantes que conduziram o cristianismo primitivo, submetendo a ciência à fé... tiveram êxito em cobrir de trevas as descobertas antigas da mente humana; de forma que hoje tateamos no escuro para encontrar a chave..." (Albert Pike, "Morals and Dogma", 28th Degree, p.732)

(10) "... a salvação pela fé e a expiação vicária não foram ensinadas por Jesus como são agora interpretadas. Essas doutrinas não são também ensinadas nas escrituras esotéricas. Elas são posteriores e constituem distorções ignorantes das doutrinas originais." (J.D.Buck, "Mystic Masonry", p.57)

b. DOUTRINA CRISTÃ

Todos cometeram pecado e não alcançaram a perfeição exigida por Deus: ninguém é justo pela sua própria virtude e nossa justiça não passa de trapos imundos quando comparada à justiça de Deus. Todavia, Jesus, o Filho Unigênito de Deus, viveu sem pecado por nós, e entregou Sua vida como sacrifício perfeito para expiar os nossos pecados.

Pela fé nEle e em Suas provisões por nós, podemos ser feitos justiça de Deus e nascer do Espírito de Deus para a vida eterna, tornando-nos parte da família de Deus. Não existe outro meio para reconciliarmo-nos com Deus e viver na Sua presença para sempre. Pelos nossos próprios esforços, não podemos remir ou aperfeiçoar a nós mesmos.

(1) "Como está escrito: Não há justo, nem sequer um." (Rm 3.10)

(2) "Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus." (Rm 3.23)

(3) "Mas todos nós somos como o imundo, e todas as nossas justiças como trapo da imundícia." (Is 64.6)

(4) "Aquele que não conheceu pecado, Ele o fez pecado por nós; para

que nEle fôssemos feitos justiça de Deus." (2 Co 5.21)

(5) "Pois todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus." (Gl 3.26)

(6) "Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna." (Jo 3.16)

(7) "Porque pela graça sois salvos, mediante a fé: e isto não vem de vós, é dom de Deus; e não de obras, para que ninguém se glorie." (Ef 2.8,9)

(8) "E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos." (At 4.12)

(9) "E o testemunho é este, que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está no Seu Filho. Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida." (1 Jo 5.11,12)

5. SATANÁS

a. DOUTRINA MAÇÔNICA

Satanás, como inimigo de Deus e do seu Reino, como um poder maligno que busca tentar, enganar e destruir, não existe. A humanidade simplesmente "supôs" isso. A percepção comum que o cristão tem de Satanás, não passa de uma distorção da verdade sobre Lúcifer, o "Portador da Luz", que é realmente bom e um instrumento de liberdade, mas quase sempre mal interpretado e caluniado.

(1) "O verdadeiro nome de Satanás, dizem os cabalistas, é o de Yahveh ao contrário; pois Satanás não é um deus negro... Para os iniciados, ele não é uma pessoa, mas uma força, criada para o bem, mas que pode servir para o mal. Ele é o instrumento da liberdade ou livre-arbítrio." (Albert Pike, "Morals and Dogma", Master Mason/3rd Degree, p.102)

(2) "Lúcifer, o Portador da Luz! Nome estranho e misterioso para ser dado ao espírito das trevas! Lúcifer, filho da alva! É ele quem leva a Luz, e com todos os seus esplendores intoleráveis cega as almas fracas, sensuais ou egoístas? Não duvide disso!" (Albert Pike, "Morals and Dogma", 19th Degree, p.321)

(3) "A convicção da humanidade de que Deus é bom, levou à crença no diabo..." (Albert Pike, "Morals and Dogma", 19th Degree, p.324)

(4) "A antigüidade resolveu o enigma da existência do mal, supondo a existência de um princípio do mal, de demônios, anjos caídos... Satanás..." ("Kentucky Monitor", "The Spirit of Masonry", p. xiv)

(5) "... não existe um demônio rebelde do mal, ou princípio das trevas, coexistente e em controvérsia eterna com Deus, ou o Maioral da Luz..." (Albert Pike, "Morals and Dogma", 32nd Degree, p.859)

b. DOUTRINA CRISTÃ

Satanás é um anjo orgulhoso e rebelde, criado por Deus mas decaído, pai da mentira, acusador dos irmãos, enganador, tentador e maioral do reino das trevas. Ele cega os perdidos para não verem a luz gloriosa do evangelho, e busca ser adorado, pois também trabalha para roubar, matar e destruir. Ele é o inimigo a quem devemos resistir e aquele cujas obras Jesus veio destruir.

(1) "Como caíste do céu, ó estrela da manhã, filho da alva! Como foste lançado por terra, tu que debilitavas as nações! Tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu; acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono, e no monte da congregação me assentarei, nas extremidades do Norte; subirei acima das mais altas nuvens, e serei semelhante ao Altíssimo. Contudo serás precipitado para o reino dos mortos, no mais profundo do abismo..." (Is 14.12-15)

(2) "... tu eras querubim da guarda ungido, e te estabeleci, permanecias no monte santo de Deus, no brilho das pedras andavas... Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompeste a tua sabedoria por causa do teu resplendor; lancei-te por terra..." (Ez 28.13-19)

(3) "Vós sois do diabo, que é vosso pai... (ele) é mentiroso e pai da mentira." (Jo 8.44)

(4) "E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo, sim, foi atirado para a terra e, com ele, os seus anjos... foi expulso o acusador de nossos irmãos..." (Ap 12.9,10)

(5) "Jesus, cheio do Espírito Santo, voltou do Jordão, e foi guiado pelo mesmo Espírito, no deserto, durante quarenta dias, sendo tentado pelo diabo..." (Lc 4.1,2)

(6) "Se Satanás expele a Satanás... como, pois, subsistirá o seu reino?" (Mt 12.26)

(7) "Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para poderdes ficar firmes contra as ciladas do diabo;... porque a nossa luta... (é) contra os dominadores deste mundo tenebroso..." (Ef 6.11,12)

(8) "... o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo..." (2 Co 4.4)

(9) "O ladrão (Satanás) vem somente para roubar, matar, e destruir." (Jo 10.10)

(10)"Resisti ao diabo, e ele fugirá de vós." (Tg 4.7)
(11)"Para isto se manifestou o Filho de Deus, para destruir as obras do diabo." (1 Jo 3.8)
(12)"O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar." (1 Pe 5.8)

6. LUZ E TREVAS ESPIRITUAIS

a. DOUTRINA MAÇÔNICA

Todos os indivíduos "profanos" (não-maçons), inclusive cristãos piedosos, bons, não passam de desgraçados, cegos e perdidos na completa escuridão espiritual. Só a iniciação nos graus e mistérios da maçonaria pode tirá-los das trevas e levá-los "para a luz", purificando-os e transmitindo-lhes uma nova vida.

(1) "Na maçonaria, a escuridão, que envolve a mente dos não-iniciados (não-maçons) é removida pelo esplendor da Luz Maçônica. Os maçons são adequadamente chamados de "Filhos da Luz." ("Lightfoot's Manual of the Lodge", p.175)
(2) "Os maçons são enfaticamente chamados "Filhos da Luz"... enquanto os profanos ou não-iniciados (não-maçons) que não receberam este conhecimento... são tidos como estando nas trevas." ("Masonic Dictionary", "Light", Consolidated Book Pub. 1963)
(3) Vendado e ajoelhado, semi-despido e preso por uma corda, o candidato para a iniciação nos Graus Azuis é indagado pelo Venerável Mestre, "Em sua condição presente, cega, qual o seu maior desejo?" Sua resposta, segundo o ritual, deve ser "Luz" (1º Grau), "Mais Luz" (2º Grau) e "Mais Luz" (3º Grau). (Verbal Masonic Ritual, 1st, 2nd, 3rd Degrees)
(4) "Ali ele (o homem a ser iniciado) encontra-se, fora das portas, no limiar da sua nova vida maçônica, na escuridão, indefeso e ignorante. Tendo peregrinado por entre os erros, e estando envolto na contaminação do mundo exterior e profano, ele chega às nossas portas, buscando o novo nascimento, e pedindo que o véu seja retirado..." (Albert Mackey, "Manual of the Lodge", p.20)
(5) "Aplicada ao simbolismo maçônico, ela (a escuridão) pretende lembrar o candidato de sua ignorância, que a maçonaria deve iluminar; da sua natureza maligna, que a maçonaria deve purificar; do mundo em cuja obscuridade ele tem peregrinado, e do qual a maçonaria deve salvá-lo." (Albert Mackey, "Manual of the Lodge", p.39)

b. DOUTRINA CRISTÃ

Jesus é a Luz do Mundo; os que O seguem não permanecerão nas trevas. Ele, e só Ele, é a fonte da iluminação espiritual. Se estamos "nEle" não somos das trevas, pois nEle não há trevas. A vida que só Ele dá é a luz dos homens.

(1) "Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará nas trevas, pelo contrário terá a luz da vida." (Jo 8.12)

(2) "Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz." (1 Pe 2.9)

(3) "Pois outrora éreis trevas, porém agora sois luz no Senhor." (Ef 5.8)

(4) "Ora, a mensagem que da parte dEle temos ouvido e vos anunciamos, é esta: que Deus é luz, e não há nEle treva nenhuma." (1 Jo 1.5)

(5) "A vida estava nEle, e a vida era a luz dos homens." (Jo 1.4)

7. ORAÇÃO

a. DOUTRINA MAÇÔNICA

As orações devem ser oferecidas à "Divindade", ao "Grande Arquiteto do Universo" (GAOTU)*, e devem ser de natureza "universal", de modo a não ofender ninguém e aplicar-se a todos. A oração NUNCA deve ser feita "em nome de Jesus", ou "em nome de Cristo"; fazer isso iria ofender o muçulmano, hindu, budista, etc. Se um Venerável Mestre permitir orações em nome de Jesus, sua loja pode ser fechada e seu alvará revogado pela Grande Loja do seu Estado.

(1) "Todos os princípios sectários devem ser cuidadosamente excluídos do sistema (maçônico)." (Morris, "Webb's Monitor", p.285)

(2) "A oração nas lojas maçônicas deve ter caráter geral, não contendo nada ofensivo a qualquer classe de irmãos conscienciosos." (Ibid)

(3) "A religião da maçonaria é então puro teísmo, no qual os diferentes membros inserem suas opiniões peculiares; mas não é permitido que eles as introduzam na loja..." (Albert Mackey, "Lexicon of Freemasonry", Religion)

(4) "Todo empreendimento importante na maçonaria deve ser iniciado e terminado com uma oração. As orações contidas nos manuais da Loja Azul podem ser feitas por todos os maçons, sem levar em conta a sua fé religiosa." (Morri's Dictionary", Prayer)

---

*Nota da Tradutora: GAOTU — letras iniciais em inglês de "Great Architect of the Universe"

NOTAS:

(a) É verdade que em algumas lojas locais, nas pequenas comunidades onde todas as igrejas são cristãs, orações são feitas em nome de Jesus. Todavia, se isto fosse levado ao conhecimento da Grande Loja desse Estado, elas receberiam ordens para interromper imediatamente a prática ou ter os seus alvarás cancelados. Jack Harris, Mestre Venerável de uma loja de Baltimore, Maryland, tem dito exatamente isto. (Harris, Jack: Freemasonry: The Invisible Cult in Our Midst, Daniels Pub Co. 1983, pp. ix, x, 121, 122)

(b) Harmom Taylor, ex-Supremo Capelão da Grande Loja de New York, diz: "A única instrução que recebi como Supremo Capelão do Estado de New York, foi a de não terminar uma oração em o nome de Jesus. Esta instrução foi repetida várias vezes. ("Attention Masons!", HRT Ministries, Box 12, Newtonville, NY 12128)

(c) Um fato conhecido de todos os maçons que se interessam em saber, é que em todas as orações impressas em seus monitores, manuais e outros guias para os rituais NÃO HÁ UMA ÚNICA que termine com o nome de Jesus.

b. DOUTRINA CRISTÃ

A oração deve ser feita ao Pai, em nome (ou através) do Filho, no poder do, e inspirada pelo, Espírito Santo. Só através da intercessão de Jesus é que podemos aproximar-nos do trono de Deus.

(1) "Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem." (1 Tm 2.5)

(2) "... tudo ... quanto pedirdes ao Pai em meu nome, Ele vo-lo conceda." (Jo 15.16)

(3) "Dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo." (Ef 5.20)

(4) "E tudo o que fizerdes, seja em palavra, seja em ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai." (Cl 3.17)

8. VERACIDADE

a. DOUTRINA MAÇÔNICA

Mentir é correto, se necessário, a fim de proteger os "segredos" da Loja, ou proteger outro maçom, escondendo seus erros. Pode ser até "certo" enganar deliberadamente maçons sinceros que querem aprender as lições e os "segredos" da maçonaria.

(1) "Os Graus Azuis são apenas o pórtico do Templo. Parte dos símbolos

são mostrados ali para os iniciados, mas este é deliberadamente mistificado com falsas interpretações. Não se pretende que os iniciados os entenda; mas pretende-se que ele imagine que os compreende... sua verdadeira explicação (explanação ou compreensão) é reservada para os Adeptos, os Príncipes da Maçonaria." (Albert Pike, "Morals and Dogma", 30º Degree, p. 819)

(2) "Além do mais prometo e juro que os segredos do Mestre Maçom que foram entregues à minha guarda, sabendo que são segredos, irão permanecer tão seguros e invioláveis em meu peito como no dele, quando a mim comunicados, exceto assassinato e traição; e deixados à minha própria eleição." (Mestre Maçom/3º Grau, Juramento de Obrigação)

(3) "Os segredos de um companheiro maçom do Arco Real, entregues à minha responsabilidade, sabendo que são segredos, irão permanecer tão seguros e invioláveis em meu peito como no seu próprio, sem exceção." (Juramento de Obrigação do Arco Real da Maçonaria)

(4) "Você deve ocultar todos os crimes de seus irmãos maçons... e se for chamado para testemunhar contra um irmão maçom, deve sempre protegê-lo... Talvez seja perjúrio fazer isto, é verdade, mas você estará cumprindo as suas obrigações." (Ronayne, "Handbook of Masonry", p.183)

(5) "Se a sua esposa, ou filho, ou amigo, perguntar-lhe sobre a sua iniciação - como por exemplo, se suas roupas foram tiradas, se foi vendado, se puseram uma corda em seu pescoço, etc., deve ocultar o fato... irá então mentir deliberadamente sobre ele. Faz parte da sua obrigação..." (Ibid, p.74)

b. DOUTRINA CRISTÃ

Devemos falar sempre a verdade.

(1) "Não dirás falso testemunho contra o teu próximo." (Ex 20.16)

(2) "Não furtareis, nem mentireis, nem usareis de falsidade cada um com o seu próximo." (Lv 19.11)

(3) "Não mintais uns aos outros." (Cl 3.9)

(4) "... e a todos os mentirosos, a parte que lhes cabe será no lago que arde com fogo e enxofre, a saber, a segunda morte." (Ap 21.8)

9. SEGREDO

a. DOUTRINA MAÇÔNICA

O segredo é a essência da maçonaria, necessário para a sua própria existência, e protegido por juramentos de sangue, mutilação e assassinato.

(1) "O segredo é indispensável ao maçom de qualquer grau." (Albert Pyke, "Morals and Dogma", 4th Degree, p. 109)

(2) "O segredo desta instituição é outra marca importante... Caso fosse despido do seu caráter de segredo, perderia a sua identidade, e deixaria de ser maçonaria... a morte da Ordem seguir-se-ia à sua exposição legalizada. A maçonaria, como associação secreta, permaneceu imutável durante séculos; como sociedade aberta não duraria tanto." (Albert Mackey, "Textbook of Masonic Jurisprudence", 23rd Landmark, "Secrecy")

(3) "Eu... juro e prometo, de livre vontade, pela minha honra e pela minha fé, nunca revelar qualquer dos segredos e mistérios da maçonaria que me foram confiados, que estou prestes a receber ou que me serão transmitidos mais tarde..." (Juramento de Obrigação, Aprendiz/1º Grau, e incluído em todos os graus subseqüentes, sempre sob a penalidade de mutilação e morte violenta)

b. DOUTRINA CRISTÃ

Não existem segredos, a verdade de Deus que liberta os homens é para todos que a ouvirem, e devemos transmiti-la ao mundo.

(1) "Declarou-lhe Jesus: Eu tenho falado francamente ao mundo; ensinando tanto nas sinagogas como no templo... e nada disse em oculto." (Jo 18.20)

(2) "O que vos digo às escuras, dizei-o a plena luz; e o que se vos diz ao ouvido, proclamai-o dos eirados." (Mt 10.27)

(3) "Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura." (Mc 16.15)

(4) "Esforçai-vos para fazer o bem perante todos os homens." (Rm 12.17)

10. JURAMENTOS DE SANGUE

a. DOUTRINA MAÇÔNICA

Os juramentos de sangue sob pena de mutilação e morte violenta são ministrados no final da iniciação a todos os graus maçônicos, obrigando o iniciado a proteger os "segredos" dos graus. Esses juramentos de obrigação (geralmente chamados apenas de "obrigação") são considerados inquebráveis, e são (coletivamente) aquilo que faz do indivíduo um maçom. Desta forma, esses juramentos são a pedra fundamental da Maçonaria.

(1) Pergunta: "O que torna você maçom?" Resposta: "Minha obrigação." (Pergunta e resposta do Aprendiz/Primeiro Grau)

(2) "... Se violar este juramento, seja-me arrancada a língua, o pescoço cortado e meu corpo enterrado nas areias do mar, onde o fluxo e

refluxo o mergulhem em perpétuo esquecimento..." (do juramento de obrigação do iniciante Aprendiz/Primeiro Grau)

(3) "... sob pena de que meu peito esquerdo seja aberto, o meu coração arrancado e lançado às feras e às aves de rapina..." (do juramento de obrigação, Companheiro/Segundo Grau)

(4) "... Se eu for perjuro, seja meu corpo dividido ao meio, minhas entranhas queimadas e reduzidas a cinzas e estas levadas pelo vento..." (do juramento de obrigação, Mestre Maçom/Terceiro Grau)

(5) "... Se for perjuro incorrerei no terrível castigo de ter meus olhos furados no centro com uma lâmina de três pontas, meus pés flagelados e ser forçado a andar sobre as areias escaldantes das praias estéreis do Mar Vermelho até que o Sol ardente derrube-me com uma maldição; possa Alá, o deus dos árabes, muçulmanos e maometanos, o deus de nossos pais, ajudar-me a cumprir tudo isso." (do juramento de obrigação da Ordem Árabe Antiga dos Nobres do Tabernáculo Místico [Shriners])

b. DOUTRINA CRISTÃ

O cristão não deve fazer qualquer juramento, especialmente de mutilação e assassinato. É especialmente ofensivo a Deus que o cristão faça um juramento desse tipo, jurando sobre o Alcorão pagão, confessando que Alá é o "deus de nossos pais". O cristão (ou judeu) não deve sequer falar de um deus pagão de um modo que expresse respeito ou honra.

(1) "Não matarás (cometer assassinato)" (Ex 20.13).

(2) "Eu porém vos digo: De modo algum jureis... Seja, porém, a tua palavra: Sim, sim; não, não. O que disto passar, vem do maligno." (Mt 5.34-37)

(3) "Acima de tudo, porém, meus irmãos, não jureis nem pelo céu, nem pela terra, nem por qualquer outro voto; antes seja o vosso sim, sim, e o vosso não, não, para não caírdes em juízo." (Tg 5.12)

(4) "... do nome de outros deuses nem vos lembreis, nem se ouça de vossa boca." (Ex 23.13)

11. BUSCANDO E ENCONTRANDO

a. DOUTRINA MAÇÔNICA

A maçonaria é uma busca infindável da "luz" sempre prometida, mas nunca concretizada.

(1) "É uma das doutrinas mais belas da ciência do simbolismo maçônico; mas, ao mesmo tempo, uma das mais difíceis de compreender, que o maçom esteja sempre em busca da verdade, sem no entanto

jamais encontrá-la." (Albert Mackey, "Manual of the Lodge", p.93; Daniel Sickles, "Ahimon Rezon or Freemason's guide", p.169)

(2) "Você chegou ao ponto máximo da instrução maçônica, um pico coberto de névoa, que VOCÊ pode penetrar pelos seus próprios esforços em busca de nova luz." (Palestra do 32º Grau, último grau obtido, Rito Escocês)

b. DOUTRINA CRISTÃ

Se buscarmos sinceramente a verdade (luz) em Jesus, que declarou ser Ele mesmo a verdade e a luz, temos a promessa de que iremos encontrá-la. Jesus é o início e o fim da nossa busca. Quando nos achegamos a Ele encontramos vida, sentido e conhecimento, pois Ele supre tudo que necessitamos e desejamos. Temos a garantia do Deus que não pode mentir que se nós o invocarmos não ficaremos decepcionados nem envergonhados.

(1) "Por isso vos digo:...buscai, e achareis." (Lc 11.9)
(2) "... o que busca, encontra..." (Lc 11.10)
(3) "... e o que vem a mim (Jesus), de modo nenhum o lançarei fora" (Jo 6.37)
(4) "Porque o fim (cumprimento) da lei é Cristo para justiça de todo aquele que crê." (Rm 10.4)
(5) "... Todo o que nEle (Jesus) crê não será confundido (decepcionado)." (Rm 10.11)

12. EXCLUSIVIDADE

A. DOUTRINA MAÇÔNICA

A "luz" da maçonaria, seus "segredos" e sua caminhada para a "perfeição" são apenas para os poucos iniciados em seus conhecimentos e sabedoria. As mulheres, os negros, os pobres (que não têm dinheiro para pagar), os deficientes físicos, cegos e surdos que não podem fazer os sinais de reconhecimento (ou ver e ouvir os mesmos), e os débeis mentais que não podem receber os ensinos, e nem têm condição de protegê-los, são excluídos. Todas essas pessoas, inclusive as esposas, filhas e alguns dos filhos dos maçons, são consideradas "profanas" (impuras, indignas) e jamais podem mudar de condição. Não há necessidade de referências aqui, pois é do conhecimento comum e tudo o que foi dito acima confirma e estabelece isto.

b. DOUTRINA CRISTÃ

A vida, conhecimento, sabedoria e liberdade oferecidos por Deus em Jesus são para "quem quiser"; qualquer um pode aproximar-se dEle e

receber essas bênçãos incalculáveis, de graça, bastando pedi-las. Todo aquele que pede sinceramente, recebe. Ninguém é lançado fora e ninguém fica decepcionado ou envergonhado. Deus não quer que ninguém pereça, mas que todos se acheguem a Ele e recebam a vida que só Ele pode dar.

(1) "... o Senhor... não quer que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento." (2 Pe 3.9)

(2) "Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para as vossas almas." (Mt 11.28,29)

(3) "Aquele que tem sede, venha, e quem quiser receba de graça a água da vida." (Ap 22.17)

SIMBOLISMO MAÇÔNICO

1. *A ÚLTIMA DECEPÇÃO*

A maçonaria, segundo os seus próprios filósofos, é um sistema de religião pura expresso em símbolos que não podem ser entendidos sem o conhecimento do seu verdadeiro significado. A compreensão adequada desses símbolos, é extremamente importante. Para que o cristão maçom possa aceitar e guardar esses símbolos e seus "segredos" com risco da sua vida física, ele precisa compreendê-los, a fim de saber que está agindo certo.

Para os muitos maçons zelosos, que confiam que sua obediência às "obrigações" irá permitir que entrem na "Loja Celestial", aqueles para quem "a Loja é uma religião suficiente", o entendimento correto desses símbolos é a chave (conforme acreditam) do seu destino eterno. Eles confiam nos ensinamentos da Loja sobre esses símbolos, no que diz respeito à sua redenção ou condenação eterna.

Neste ponto encontra-se a mais terrível manifestação da moral maçônica, a filosofia da elite, que torna o que eles fazem "certo", por serem eles (a elite) que o praticam. Tendo estabelecido e ensinado nas missas, sinceras mas enganosas, dos maçons (maçons da Loja Azul), que tudo depende do entendimento adequado dos símbolos da maçonaria, eles os enganaram então deliberadamente quanto ao real significado desses símbolos. Ouça as palavras arrogantes de Albert Pike, Supremo Pontífice da Maçonaria Universal, essa proeminente autoridade maçônica: "Os Graus Azuis são apenas o pátio ou pórtico do templo. Parte dos símbolos são mostrados ali ao iniciado, mas este é deliberadamente enganado por interpretações falsas. Não se pretende que os compreenda, mas que ele imagine que os compreende... sua verdadeira explicação (explanação e compreensão) é reservada aos Adeptos, aos Príncipes da Maçonaria (os do 32^0 e 33^0 Graus)." (Morals and Dogma, pg. 819)

2. O FUNDAMENTO DO SIMBOLISMO MAÇÔNICO: ADORAÇÃO FÁLICA

Desde que o verdadeiro significado dos símbolos maçônicos (e, portanto, o verdadeiro significado da própria maçonaria) deve ser conhecido apenas pelos Príncipes Adeptos da Maçonaria, devemos ouvir o que dizem a respeito deles. Eles (Albert Pike, Albert Mackey, J.D. Buck, Daniel Sickles e outros) nos ensinam que a maçonaria não passa de um reavivamento dos Mistérios da Antigüidade (as religiões misteriosas da Babilônia, Egito, Pérsia, Roma e Grécia).

Essas religiões antigas tinham dois significados, ou interpretações. Um era o aparente (exotérico), conhecido dos não-iniciados, das massas ignorantes; o outro (esotérico) era o verdadeiro significado, inteiramente diferente, conhecido apenas de um grupo pequeno da elite, iniciado em seus segredos e rituais secretos de adoração. Essas religiões misteriosas eram formas de adoração da natureza, mais especifica e comumente a adoração do Sol como fonte e doador da vida à terra. Desde os tempos antigos, esta adoração do Sol (e da lua, estrelas e natureza em geral) tem sido sexual em suas expressões e rituais. Desde que os raios do sol, penetrando a terra e produzindo nova vida, têm sido o foco de tal adoração, o falo, o "princípio generativo" masculino, tem sido adorado como representando os raios do sol. O falo vem sendo adorado desta forma e os rituais culminavam com a união sexual nas religiões misteriosas de Ísis e Osíris, Tamuz, Baal, etc.[1] Em resumo, desde que os Mistérios Antigos (especialmente os egípcios) são de fato a "Velha Religião" da qual a Maçonaria é um reavivamento, deve-se esperar que os símbolos da maçonaria sejam fálicos em seu verdadeiro significado. Este é, na verdade, o caso. Um tratamento completo desta realidade desagradável está além do escopo deste breve sumário. Todavia, alguns exemplos, com referências às autoridades maçônicas, serão suficientes para ilustrar este fato espantoso.

a. O ESQUADRO E O COMPASSO

Os maçons da Loja Azul são ensinados que o Esquadro é para lembrá-los de que devem ser "retos" em seus tratos com todos os homens, isto é, serem honestos. O Compasso é para ensiná-los a "circunscrever as suas paixões", ou seja, controlar os seus desejos e serem temperantes. O verdadeiro significado dessas "grandes luzes", porém, é sexual. O Esquadro representa o princípio generativo da mulher (passivo), a terra, e a mais baixa natureza sensual; o compasso representa o princípio generativo do homem (ativo), o sol, os céus, e a mais alta natureza espiritual. O Compasso, colocado sobre o Esquadro, simboliza o Sol (homem), impregnando a terra

passiva (mulher) com seus raios produtores de vida. Os verdadeiros significados são, portanto, duplos: as representações terrenas (humanas) são do homem e o seu falo, e da mulher com sua *cteis* receptiva (vagina). O sentido cósmico é o do sol ativo (divindade, o deus Sol) em cima, transmitindo vida à terra passiva (divindade, deusa da terra/fertilidade), em baixo e produzindo nova vida.[2]

b. A LETRA "G"

O maçom da Loja Azul aprende que o "G" no símbolo maçônico básico representa Deus. Mais tarde, fica sabendo que também representa a "divindade". E mais tarde ainda, é informado que representa a palavra "geometria". Na realidade, esta letra representa o "princípio generativo", o deus Sol e, portanto, o falo venerado, o "princípio generativo" masculino. Em sua posição (junto com o Esquadro e o Compasso) na parede do leste, sobre a poltrona (trono) do Venerável Mestre, é a representação do Sol, ou seja, do deus Sol, Osíris. Seu significado terreno é então o do falo sagrado; seu sentido cósmico é o do sol, adorado desde a antigüidade pelos pagãos enquanto olhavam para o Oriente. (Veja **c**, abaixo.)

c. O "G" e o "YOD"

A letra inglesa "G" no simbolismo maçônico é inseparável e idêntica à letra hebraica "YOD". Este "YOD" é o símbolo do anel no Rito Escocês. "YOD" representa a divindade em geral (seu sentido cósmico) e o falo venerado em particular (seu sentido terreno). Albert Pike escreveu que o "G" mostrado nas lojas de língua inglesa é simplesmente uma corrupção do "YOD" (pelo qual deveria ser substituído), e que o "misterioso YOD da Cabala" é a "imagem do Falo Cabalístico".[3] A "Cabala" aqui referida é um livro medieval ocultista, uma interpretação altamente mística e mágica da Bíblia,[4] e um importante livro fonte dos feiticeiros e mágicos.[5]

d. O PONTO DENTRO DO CÍRCULO

Os maçons da Loja Azul são ensinados que o Ponto dentro do Círculo representa o maçom individual (o Ponto), contido e restrito pelas linhas limítrofes do seu dever (o Círculo). O seu real significado, porém, é o do falo, posicionado no princípio generativo feminino (órgão sexual) na união sexual, o ato culminante da adoração do deus Sol.

O Dr. Albert Mackey, já citado aqui, também escreve em sua obra clássica "Symbolism of Freemasonry" ("Simbolismo da Maçonaria"), pg. 352: "O falo, uma representação do membro viril, que era venerado como um símbolo religioso... Era uma das modificações da adoração do sol e um

símbolo do poder de fecundação desse luzeiro. O ponto maçônico dentro do círculo tem, sem dúvida, origem fálica."

O sentido cósmico deste símbolo é aquele do Sol, cercado pelo Universo. Na página seguinte (353), ele escreve: "Ponto dentro do Círculo. É derivado da adoração do sol, sendo na realidade de origem fálica. Em seu "Manual of the Lodge" ("Manual da Loja"), pg. 156, Mackey escreve: "O ponto dentro do círculo é um símbolo interessante è importante na maçonaria, mas foi depreciado na sua interpretação nas palestras modernas e quanto mais cedo essa interpretação for esquecida pelo estudante maçônico, melhor será. O símbolo é na realidade uma alusão bela, mas obscura à adoração do sol, introduzindo-nos pela primeira vez a essa modificação do mesmo, conhecido entre os antigos como a adoração do falo."

e. AS LINHAS VERTICAIS

As duas linhas verticais que tocam os lados do círculo são representadas pelo maçom da Loja Azul como "os Satos São João". ou seja, João Batista e o Apóstolo João. Na realidade, porém, as duas linhas verticais representam os solstícios de verão e de inverno, as noites mais curta e mais longa do ano, respectivamente. Essas noites são e têm sido desde a antigüidade, períodos importantes da adoração pagã.

Com relação a essas duas linhas, Albert Mackay escreveu ("Symbolism of Freemasonry": p. 352), "As linhas que tocam o círculo no símbolo do 'Ponto dentro do Círculo' são tidas como representando São João Batista e São João Evangelista, mas na verdade referem-se aos pontos dos solstícios, Câncer e Capricórnio, no Zodíaco."

1. A BÍBLIA

A Bíblia, apenas uma das "Três Grandes Luzes" da maçonaria (juntamente com o Esquadro e o Compasso), é apresentada para os maçons da Loja Azul como simbolizando a verdade. No entanto, a Bíblia pode ser substituída pelo Alcorão, pelo Livro da Lei, pelas escrituras hindus ou por qualquer outro "livro sagrado", dependendo da preferência dos participantes da Loja. Na maioria das Lojas norte-americanas, os membros são informados que o sistema maçônico e seus rituais são "baseados na Bíblia", mas isso não é verdade. No livro de Chase, "Digest of Masonic Law" ("Sumário da Lei Maçônica"), páginas 207-209, está claramente escrito que "A maçonaria não tem nada a ver com a Bíblia" e que "ela não é baseada na Bíblia, pois se fosse não seria maçonaria, mas qualquer outra coisa."

Albert Pike, ao escrever sobre o livro fonte da maçonaria disse: "Maçonaria é busca da luz. Essa busca nos leva diretamente de volta, como

vêm, à Cabala" (Morals and Dogma, pg. 741). A Cabala, ao que parece, é então o verdadeiro livro fonte da Maçonaria e a Bíblia simplesmente (como mencionado no ritual) uma peça da "mobília" da Loja.

NOTA: Para mais informações relativas aos símbolos maçônicos e seu verdadeiro significado, leia: Mc Quaig, C.F., "The Masonic Report," Answer Books and Tapes, Norcross GA 1976; Storms, E.M., "Should a Christian be a Mason?" "New Puritan Library, Fletcher, NC 1980; e Mackey, Albert G., "Symbolism of Freemasonry," Charles T. Powner Co, Chicago 1975.

---

[1] "O Falo: uma representação do membro viril (órgão sexual masculino) que foi reverenciado como um símbolo religioso universalmente... pelos antigos. Era uma das modificações da adoração do sol e um símbolo do poder de fecundação (impregnação) desse luminar. O ponto maçônico dentro do círculo tem, sem dúvida, origem fálica." (Mackey, Albert G., "Symbolism of Freemasonry," pg. 352)

[2] Pike, Albert, "Morals and Dogma", pgs. 11,839,850,851.

[3] Pike, Albert, "Morals and Dogma", pgs. 5,757,758,771,772.

[4] "Cabala (Kabalah) é um sistema medieval e moderno de teosofia, misticismo e taumatologia (magia), "Webster's New Collegiate Dictionary", p.53

[5] Baskin, Wade, "The Sorcerer's Handbook", New York, Philosophical Library, 1974.

[6] "Essas duas divindades... eram geralmente simbolizadas pelas partes generativas do homem e da mulher... o falo e a *cteis* (vagina), emblemas da geração e reprodução e que, como tal, apareciam nos Mistérios. A *Indian Lingam* era a união de ambos, assim como o Barco e o Mastro, e o Ponto dentro do Círculo... Pike, Albert, "Morals and Dogma," p. 401.

MORALIDADE MAÇÔNICA

1. ATITUDES E SUPOSIÇÕES SUBJACENTES

Subjacente a todos os pensamentos e escritos maçônicos existe uma atitude e um espírito de elitismo que diz: "A maçonaria não é para todos, só para alguns poucos escolhidos." Ao mesmo tempo, a maçonaria ensina que ela é a única religião verdadeira e que todas as outras religiões não passam de formas corruptas e distorcidas da maçonaria. Isto é tanto elitista quanto contraditório, no sentido de não deixar esperança, para os que não pertencem à elite, de descobrirem a "verdadeira religião". A maçonaria orgulhosamente proclama que torna melhores os homens bons; mas isto não deixa provisão para os homens maus tornarem-se bons.

a. NÃO HÁ ESPAÇO NA LOJA PARA OS CEGOS, DEFEITUOSOS, POBRES, ETC.

É significativo, penso eu, que aqueles que a maçonaria rejeita e exclui são exatamente os mesmos que Jesus buscou para aceitar e ministrar.

A Loja exclui e rejeita os cegos, pois não podem ver para utilizar-se dos sinais e guardas-devidas; ela rejeita os defeituosos e aleijados, pois não podem assumir as posições corporais necessárias para os sinais e guardas-devidas. Os surdos são excluídos porque não podem ouvir as palavras "secretas". Os pobres são excluídos porque não podem pagar as taxas obrigatórias. Os débeis mentais são excluídos porque não podem aprender e trabalhar na Loja. Os que têm problemas emocionais não são aceitos porque não é possível confiar-lhes os "segredos". Os negros e as mulheres são excluídos simplesmente por serem considerados inadequados.

Jesus, por outro lado, proclama que o Seu dom da redenção é para "quem quiser" e que todos podem "receber de graça a água da vida" (Ap 22.17). Ele procurou especialmente os cegos, os aleijados, os fracos de espírito e os doentes mentais, os pobres e os indesejados - exatamente aqueles a quem a maçonaria rejeita.

b. MESMO DENTRO DA LOJA O ESPÍRITO DE ELITE IMPERA.

Até mesmo dentro da maçonaria o espírito elitista, o princípio da superioridade dos "escolhidos", prevalece. Os maçons da Loja Azul que não têm dinheiro, não podem chegar aos graus mais altos e ao Tabernáculo. E até para aqueles que podem pagar pelos graus mais altos e pelo Tabernáculo, existem cargos e posições proibidos, se não possuirem a riqueza, a casa elegante, ou a posição social requeridas.

c. PODE SER "CERTO" NA MORAL MAÇÔNICA ENGANAR OS MAÇONS SINCEROS.

O perigo mortal desta atitude elitista (em qualquer organização ou sociedade) é que tudo o que a liderança elitista decide que é "certo" é realmente certo, sem levar em conta as considerações morais. Um caso em foco é o fato dos maçons "comuns" da Loja Azul serem deliberadamente enganados pelos maçons filósofos e escritores doutrinários, fazendo com que eles creiam que compreendem o significado dos símbolos e rituais maçônicos quando na verdade não compreendem.

Os maçons "comuns" (Loja Azul) que pagam taxas e trabalham fielmente para tornar todo o sistema possível são deliberadamente enganados quanto à verdadeira natureza do que estão dizendo e fazendo. Mas este logro deliberado torna-se "certo" na moral maçônica, simplesmente porque a liderança elitista decide que é certo. Para documentar esta fraude profunda, veja o Apêndice B, "Simbolismo Maçônico."

2. EXEMPLOS ESPECÍFICOS DA MORAL MAÇÔNICA

Grande parte da moral expressa nos ensinos maçônicos, especialmente os juramentos de obrigação, parece correta na superfície, mas não resiste a um escrutínio casual. A maioria dos maçons acredita realmente que está submetendo-se a padrões morais de comportamento. Mas isto é devido ao fato de que jamais refletiram sobre as palavras que pronunciaram. A suposição básica de que tudo é "bom", cerra os olhos deles para a realidade. Embora volumes pudessem ser escritos com respeito à moral defeituosa da maçonaria, para os propósitos deste breve sumário alguns exemplos serão suficientes. Os seguintes, foram exemplos selecionados dos padrões morais da maçonaria, comparados com os ensinos bíblicos.

a. FORNICAÇÃO E ADULTÉRIO

O Mestre Maçom jura "não violar a castidade" da mãe, esposa, irmã ou filha de outro Mestre Maçom, "sabendo do seu relacionamento maçônico." Isto pode parecer bom à primeira vista, mas permite o intercurso com a mãe,

esposa, irmã ou filha de outras pessoas (até de maçons do primeiro e segundo graus), e permite o intercurso com a família do Mestre Maçon, desde que a pessoa não saiba do seu relacionamento maçônico. Poderia permitir até intercursos ilícitos com parentes do sexo feminino de um Mestre Maçom, voluntariamente, caso não sejam castas e, portanto, não haja castidade a ser violada. A Bíblia, por outro lado, é muito clara com respeito ao assunto. Temos ordem para fugir da fornicação e somos proibidos de cometer adultério (Ex 20.14; Atos 15.20; 1 Co 6.18, etc.).

c. ENGANAR, PREJUDICAR, FRAUDAR

O Mestre Maçom jura não "enganar, prejudicar ou fraudar" outro Mestre Maçom ou uma Loja de Mestres Maçons, "sabendo quem são". Isto pode parecer um comportamento de moral elevada para o observador casual, mas não resiste ao escrutínio. Esta promessa permite enganar, prejudicar ou fraudar qualquer pessoa que não seja um Mestre Maçom, ou qualquer organização que não seja uma Loja de Mestres Maçons, sendo que até estas podem ser enganadas, prejudicadas ou fraudadas se o maçom delinqüente não souber quem são ou o que são.

A Bíblia é também muito clara com respeito a este tipo de comportamento, afirmando decididamente que não devemos enganar, prejudicar ou fraudar quem quer que seja a qualquer tempo (Ex 20.15; Lv 19.13,35; Pv 11.1; Ef 4.28, etc.).

c. MENTIR E COMETER PERJÚRIO

Os maçons juram manter os segredos de outro maçom, protegendo-o mesmo que isso exija ocultar a evidência de um crime. Em alguns graus, a traição e o homicídio são exceções; em outros graus superiores, não há exceção para esta promessa de esconder a verdade. As obrigações, se os ensinos maçônicos forem aceitos, podem exigir que o maçom preste falso testemunho, cometa perjúrio ou (no caso de um juiz) dê uma sentença falsa a fim de proteger outro maçom. A Bíblia é novamente muito explícita ao ensinar que jamais devemos mentir ou prestar falso testemunho, e afirma que os mentirosos serão atirados no Lago de Fogo (Ex 20.16; Pv 19.5,9; Ef 4.15; Ap 21.8, etc.)

d. AJUDA A OUTROS

O Mestre Maçom promete ajudar as viúvas, órfãos e outras pessoas necessitadas de auxílio, desde que isso não seja inconveniente para ele ("até onde minhas possibilidades permitam... sem prejuízo material para mim mesmo"). Ele jura também ajudar outro Mestre Maçom que faça o

"Grande Sinal de Aflição", esse pedido extremo de ajuda, feito apenas quando a vida está sendo ameaçada. Todavia, ele concorda em ajudar esse Mestre Maçom aflito só quando pode fazê-lo sem arriscar sua própria vida ("somente se houver maior probabilidade de salvar a vida do outro do que de perder a minha"). Conforme as circunstâncias, então, o Mestre Maçom iria aparentemente permitir que o outro Mestre Maçom morresse, para não dizer que, nada faria, se alguém que não fosse Mestre Maçom corresse perigo. O estudante mais superficial da Bíblia e de seus ensinamentos sabe que ela nos ensina a dar aos necessitados, quer seja ou não fácil, e que devemos considerar as necessidades, conforto, vida, etc., dos outros, mais importantes que as nossas (Pv 3.27; Mt 25.31-46; Jo 15.12,13; Tg 2.15;16; etc.).

NOTA: Para um estudo mais completo sobre a moralidade maçônica e seus pontos fracos, leia McQuaig, C.F., "The Masonic Report", Answer Books and Tapes, Norcross, GA, 1976.

A LENDA DE HIRAM ABIFF
(A CONEXÃO EGÍPCIA)

O coração da maçonaria é a Loja Azul com seus três graus. O grau culminante (e o final para a maioria dos maçons) na Loja Azul é o Terceiro, ou Grau do Mestre Maçom. O coração do Grau do Mestre Maçom, o que lhe dá significado e substância, é sem dúvida alguma o restabelecimento da Lenda de Hiram Abiff. Essa figura central na lenda, esse Hiram "O Filho da Viúva", o "Arquiteto de Tiro", o "Primeiro Grande Mestre", é personificada por todo homem iniciado como Mestre Maçom. Hiram pertence ao cerne do fundamento da maçonaria. Sua verdadeira identidade e natureza tornam-se, então, assuntos de extrema importância. Quem - e o que - era este homem, Hiram Abiff?

1. TRADIÇÃO MAÇÔNICA

Segundo a lenda maçônica, Hiram Abiff era de Tiro, filho de uma viúva, e arquiteto-chefe do templo construído pelo Rei Salomão. Ele foi o principal personagem na construção do templo e um dos três mais importantes, além do rei Salomão e Hirão, o Rei de Tiro. Hiram Abiff, a maçonaria ensina, era o único homem na terra que conhecia os "segredos do Mestre Maçom", inclusive o segredo mais importante de todos, a "Grande Palavra Maçônica", o nome de Deus (o "nome inefável"). Desde que nas tradições do ocultismo, conhecer o nome de um espírito é uma chave para obter o seu poder, havia muito poder envolvido no conhecimento desta palavra. Conhecer os outros "segredos do Mestre Maçom" capacitaria os maçons/operários no projeto do templo a trabalharem por sua própria conta como Mestres Maçons e a ganharem o "salário de um Mestre Maçom."

Hiram havia prometido revelar os "segredos do Mestre Maçom", inclusive o nome de Deus ("Grande Palavra Maçônica"), depois do templo ter sido completado, e a fazer dos operários Mestres Maçons, capazes de

trabalhar em sozinhos como seus próprios mestres (até então eles não passavam de maçons "companheiros"). Certo dia, conforme era seu costume, Hiram entrou no Santo dos Santos ainda não terminado, ao meio dia, para adorar e preparar os planos de trabalho (em sua "mesa sobre cavaletes") para os operários executarem no dia seguinte. Os operários estavam do lado de fora do templo almoçando ("... os operários foram chamados do trabalho para comer...").

Quando Hiram estava saindo do templo, ele foi abordado por três "rufiões", sucessivamente, que exigiram receber imediatamente os segredos (sem esperar que o templo fosse terminado). Ele foi tratado brutalmente pelo primeiro rufião (Jubela), mas escapou. Abordado e tratado brutalmente pelo segundo rufião (Jubelo), novamente recusou divulgar os segredos e conseguiu escapar outra vez. O terceiro rufião (Jubelum) abordou-o por sua vez e, quando Hiram recusou novamente divulgar os segredos, ele o matou com uma pancada na testa dada com uma marreta. O corpo foi apressadamente escondido sob o lixo do templo, até a meia noite, quando foi levado ao alto de um monte e sepultado. A sepultura foi marcada com um ramo de acácia (uma árvore sempre verde, comum no Oriente Médio), e os três rufiões tentaram fugir do país. Por não conseguirem passagem num navio, eles voltaram e esconderam-se nas montanhas. Enquanto isso, a falta de Hiram foi notada no templo e avisaram o Rei Salomão. Salomão imediatamente ordenou que fosse feita uma busca dentro e fora do templo, sem qualquer sucesso. Nesse ponto, 12 "companheiros" contaram ao Rei que eles e outros três (os três "rufiões") haviam conspirado para extorquir os segredos de Hiram Abiff, mas arrependeram-se e recusaram-se a executar o plano assassino. Eles contaram que foram os outros três que haviam matado o Grande Mestre Hiram e o Rei Salomão então os enviou em grupos de três para procurar em todas as direções.

Depois de interrogar o capitão do mar que recusara receber os assassinos a bordo, três dos perseguidores seguiram as pegadas dos rufiões e encontraram a sepultura com o ramo de acácia na cabeceira. Ao cavarem a sepultura e reconhecerem o corpo, eles voltaram ao Rei. Salomão fez com que retornassem para localizar a sepultura, identificar positivamente o corpo como sendo de Hiram e tentar fazê-lo levantar-se da cova com o toque de um Aprendiz. Eles encontraram a sepultura, mas não conseguiram ressuscitar o corpo porque a decomposição fizera a carne separar-se dos ossos.

Voltando a Salomão, receberam ordem para retornar à sepultura e tentar ressuscitar o corpo com o toque de um Companheiro. Quando isto não deu certo, porque a pele escorregou, eles voltaram a Salomão, que foi então

pessoalmente até a sepultura e ressuscitou o corpo com o toque de um Mestre Maçom, o "Forte Aperto da Pata do Leão". Hiram não só saiu do túmulo, como também voltou à vida. A primeira palavra que ele falou foi a substituição para a "Grande Palavra Maçônica" perdida com a sua morte e essa palavra é transmitida aos Mestres Maçons até hoje.[1] Esta é, pois, a lenda maçônica de Hiram Abiff, e a maioria dos maçons da Loja Azul crê que este é um fato real, textual e histórico.

As pessoas acreditam geralmente nele, apesar das autoridades e escritores doutrinários maçônicos concordarem que a lenda não só é um mito, sem evidência concreta, como também não passa de uma repetição da lenda de Ísis e Osíris.

2. O REGISTRO BÍBLICO

A Bíblia registra alguém como Hiram Abiff? Definitivamente não, embora parte de sua identidade seja tirada da Bíblia. As Escrituras registram dois homens chamados Hirão, no que se refere à construção do templo pelo Rei Salomão. Um deles é Hirão, Rei de Tiro, que ajudou Salomão e forneceu materiais e operários para o projeto. O outro Hirão, chamado de "filho duma mulher viúva da tribo de Naftali", era um artífice que trabalhava em bronze, e não o arquiteto do templo. Ele fez as colunas de bronze, o mar de bronze com seus 12 bois para sustentá-lo, 10 suportes de bronze com recipientes de bronze, e todas as pias de bronze, os caldeirões, as pás e as bacias. As Escrituras registram que este Hirão, o filho da viúva, completou todo o trabalho que fora fazer no templo. É provável que tenha então voltado para a sua casa em Tiro, são e salvo (a Bíblia não indica nada em contrário).[2] Com respeito à afirmação maçônica de que Hirão, o filho da viúva, era arquiteto chefe do templo, a Bíblia estabelece claramente que isso não é verdade. A Bíblia revela que Deus, Ele mesmo, foi o projetista e arquiteto do templo; que Ele deu os planos em detalhes minuciosos a Davi e este os deu a Salomão,[3] juntamente com a maioria dos materiais. Afirmar que outra pessoa e não Deus foi o Grande Arquiteto do Templo é infundado e, em minha opinião, blasfemo.

3. A CONEXÃO EGÍPCIA

Há consenso de opinião entre as autoridades, filósofos e escritores de doutrinas maçônicas que a lenda de Hiram Abiff é simplesmente a versão maçônica de uma lenda muito mais antiga, a de Ísis e Osíris, base dos mistérios egípcios. Segue-se um breve sumário dessa lenda, e uma comparação com a lenda maçônica de Hiram Abiff. Esta comparação é apoiada, sem dúvida, pelas conclusões das autoridades maçônicas.

a. A LENDA DE ÍSIS E OSÍRIS

Osíris, rei e deus dos egípcios, viajou para abençoar as nações vizinhas com o seu conhecimento das artes e ciências. Seu invejoso irmão, Tifon (deus do Inverno) conspirou para assassiná-lo e roubar o seu reino, levando seu plano a cabo. Ísis, irmã e esposa de Osíris e sua rainha (bem como a deusa-Lua do Egito) partiu em busca do corpo, interrogando a todos que encontrava.

Depois de algumas aventuras, ela encontrou o corpo com uma árvore de acácia na cabeceira do caixão. Voltando para casa, ela sepultou secretamente o corpo, pretendendo dar-lhe um funeral apropriado tão logo fossem feitos os necessários arranjos. Tifon, mediante traição, roubou o corpo, cortou-o em 14 pedaços e os escondeu em muitos lugares. Ísis fez então uma segunda busca e localizou todas as partes menos uma. Essa parte que não pôde ser encontrada era o falo.

Ela fez um falo substituto, consagrou-o, tornado-o um substituto sagrado, um objeto de adoração.

Esta, em forma extremamente abreviada, é a lenda egípcia de Ísis e Osíris. Ela é, sem sombra de dúvida, a base da lenda maçônica de Hiram Abiff. A fim de apoiar esta "conexão egípcia", vamos considerar duas coisas: uma rápida comparação dos principais elementos em ambas as histórias e as conclusões das autoridades maçônicas em documentos-fonte maçônicos.

b. UMA BREVE COMPARAÇÃO DAS LENDAS DE HIRAM ABIFF E OSÍRIS

A principal similaridade entre as duas histórias pode ser vista em muitos aspectos, e os seguintes são alguns dos mais importantes:

(1) Os dois homens foram para terras estrangeiras, a fim de compartilhar os seus conhecimentos de artes e ciências.
(2) Em ambas as lendas existe a posse de algo precioso: Hiram tem a palavra secreta; Osíris tem o reino.
(3) Nas duas lendas há uma conspiração de homens maus para apoderarem-se do bem precioso.
(4) Em ambas as lendas há uma luta e morte subseqüente do líder virtuoso.
(5) Ambos são mortos por seus irmãos (Osíris por Tifon; Hiram por Jubelum, seu irmão maçom).
(6) Os dois corpos são sepultados às pressas, com a intenção de um sepultamento posterior, deliberado.
(7) A localização de ambos os corpos é marcada pela acácia na cabeceira.

(8) Em ambas as lendas há duas buscas separadas pelos corpos.
(9) Em ambas as lendas algo precioso é perdido: com a morte de Hiram a palavra secreta fica perdida; com a morte de Osíris o falo se perde.
(10) Em ambas há uma substituição do bem precioso perdido: no caso de Hiram a substituição da palavra secreta; no caso de Osíris a substituição do falo, feita por Ísis.

c. CONCLUSÕES DAS AUTORIDADES MAÇÔNICAS

Algumas declarações dos escritores maçônicos com mais autoridade serão suficientes para expressar o consenso doutrinário:

(1) "A lenda e as tradições de Hiram Abiff constituem o elo de ligação entre a Maçonaria e os Mistérios da Antigüidade." (Pierson, "Traditions of Freemasonry", p. 159)
(2) "Reconhecemos facilmente em Hiram Abiff o Osíris dos egípcios..." (Pierson, p. 240)
(3) "Osíris e o Arquiteto de Tiro (Hiram Abiff) são uma só pessoa." (Sickles, Daniel, "Freemasonry Guide", p. 236)
(4) "Essa parte do ritual (iniciação do Mestre Maçom) ligada com a lenda do Artista de Tiro (Hiram Abiff)... deve ser estudada como um mito, e não como um fato... fora da tradição maçônica não há provas de que um evento como o relacionado com o "Construtor do Templo" tivesse ocorrido e, além disso, a cerimônia já era realizada há mais de mil anos antes da era de Salomão... Ela é inteiramente egípcia." (Sikles, Daniel, "The Ahiman Rezon", p. 195)
(5) "Ela (a Lenda de Hiram Abiff) é inteiramente egípcia, estando ligada de perto ao Rito Supremo (grau mais elevado) dos Mistérios Isiânicos (religião misteriosa de Ísis e Osíris)." (Mackey, Albert, "Lexicon of Freemasonry", p.195)

CONCLUSÃO

Desse modo, parece claro que o Hiram Abiff da maçonaria não é um personagem histórico e certamente não é bíblico. Pelo contrário, ele na verdade representa Osíris, o deus Sol egípcio, e a representação da Lenda de Hiram Abiff é realmente a representação da lenda de Ísis e Osíris.

Todo homem sincero iniciado no Terceiro grau (Mestre Maçom) da Maçonaria personifica Osíris, o deus Sol do Egito, e entra na sua vida de boas obras, sua morte, seu sepultamento, sendo "levantado" em sua ressurreição dos mortos. Entendendo isto, fica então fácil compreender a declaração do Kentucky Monitor (manual para toda a Maçonaria da Loja Azul na Grande Loja de Kentucky) que, enquanto o Messias cristão é chamado

de Jesus, o Messias do maçom é chamado de Hiram (Kentucky Monitor, "The Spirit of Masonry", XV).

---

[1] Fico surpreso com o fato de ninguém ter questionado a necessidade de um "substituto" para a Grande Palavra Maçônica perdida. Se ela perdeu-se por ocasião da morte de Hiram, porque só ele a conhecia, então por que, quando Hiram voltou à vida, Salomão não lhe perguntou apenas qual era a palavra verdadeira, original? Tudo o que Salomão tinha de fazer era dizer algo como: "Hiram... louvado seja o Senhor... porque você está vivo novamente! Agora, que palavra é essa que deu lugar a tanta confusão?"

[2] 1 Reis 7.13-47.

[3] 1 Crônicas 17.1-15; 22.11-19 (especialmente 28.19).

PALESTRA DO TRIGÉSIMO SEGUNDO GRAU

Quando o candidato a maçom entra na Loja pela primeira vez, ele é informado que será levado à luz. A seguir informam que ele deu alguns passos em direção à luz, mas ainda não chegou. No Segundo Grau a luz é novamente buscada, mas não completamente atingida. Ele recebe "mais luz"; mas de novo, só se trata de um cumprimento parcial. Depois disso, no Terceiro Grau (Mestre Maçom), ele é supostamente levado à realização total. Mas, outra vez, só recebe "mais luz". Mesmo neste grau culminante de Mestre Maçom, onde ele passa pela morte, sepultamento e ressurreição de Osíris, o deus Sol, ele não é completamente iluminado. Apenas recebeu mais ensinamentos sobre os mistérios e seus símbolos, relacionados com o significado da vida, morte e eternidade. A "verdadeira luz" da compreensão e renascimento intelectual está ainda fora de seu alcance...ela continua lá em cima, em algum lugar, no mais alto na montanha e sempre mais à frente.

Ele é então levado a crer que a luz - a verdadeira iluminação - será encontrada nos "graus mais altos". Em cada um desses graus além da Loja Azul, o interessado espera encontrar e obter finalmente a luz. Todavia, como a cenoura na ponta da vara, sempre adiante do asno relutante para estimulá-lo a caminhar, essa luz permanece sempre fora do seu alcance. Cada vez, em cada grau mais elevado, o candidato não consegue chegar até ela. Mas há sempre um novo grau. "Certamente" - raciocina o candidato ... certamente chegarei à luz no próximo grau." Mas decepciona-se sempre.

O último grau chega finalmente, esse grau adquirido, o 32º Grau. Este é o cume da montanha, a realização máxima! Bem do alto da montanha maçônica o indivíduo poderá ver com certeza e claramente todas as coisas. No alto da montanha deve haver ar puro, luminosidade total e nada escondido! Foi uma subida longa e custosa, que nem todos podem fazer. Pelo menos a luz será alcançada *ali*! Afinal de contas, esse é o alvo final

- o fim da linha - e você não pode subir além do topo!

Ai de mim! Isso não acontece. O candidato que recebe o 32º Grau é informado que ainda não chegou à luz. Que ele, de fato, chegou ao alto da montanha, mas que o cume está coberto de nuvens e neblina. A luz continua obscura, ainda "lá longe", além do ponto onde ele conseguiu chegar.

"Lamento, irmão", é isso que ele na verdade ouve, "você terá que continuar, e encontrar a luz por si mesmo." Aqui, no pináculo dos graus da maçonaria, o candidato recebe suas instruções finais, a última revelação da sua busca pela luz. Eis a leitura, palavra por palavra, exatamente como é apresentada aos candidatos, assim como Jim Shaw a fez muitas vezes. Vamos deixar que ela fale por si mesma.

PALESTRA DO 32º GRAU

"Vocês estão aqui para aprender, se puderem aprender, e lembrar o que foi ensinado. No Rito Escocês aprenderão que nossos ancestrais que conheciam todos os Mistérios deixaram traços suficientes para que hoje, com trabalho e ensino diligentes, possamos renová-los e trazê-los à luz para o seu esclarecimento. Chegamos agora ao grande símbolo de Pitágoras. Nossos símbolos chegaram a nós através dos arianos e muitos foram inventados por Pitágoras, que estudou no Egito e na Babilônia. A fim de preservar dos profanos as grandes verdades aprendidas, alguns de nossos símbolos que representam as verdades mais profundas, legados a nós por nossos ancestrais brancos, foram inventados. Muitos perderam-se, como aconteceu com a palavra original por ocasião da morte de nosso Grande Mestre Hiram Abiff.

"Os Mestres antigos inventaram alguns desses símbolos para expressarem o resultado da divindade. Eles não tentaram nomeá-la, mas procuraram manifestar a sua reverência descrevendo-a como Ahura-Mazda, espírito da luz. Eles conceberam a idéia de que Ahura tinha sete potências ou emanações, quatro delas tidas como masculinas e três femininas. As quatro potências masculinas de Ahura, pelas quais ele governava o universo eram: o poder divino, a sabedoria divina, a palavra divina e a soberania divina. As três potências femininas eram: produtividade, saúde e vitalidade.

"Olhem para o Oriente, meus irmãos... e contemplem a estrela de sete pontas, o grande símbolo deste grau, com as sete cores do arco-íris. As sete cores e as sete pontas representam as sete potências de Ahura.

"Observem agora o grande Delta de Pitágoras, consistindo de 36 pontos de luz arranjados em oito fileiras para formar um triângulo equilátero. A luz no ápice do Delta representa Ahura-Mazda, fonte de toda a luz. Essa é a representação das sete potências de Ahura.

"O ângulo reto do triângulo de três luzes ao redor do altar representa a conhecida 47ª proposição de Euclides, ou o teorema Pitagórico, que costumava ocultar e revelar verdades filosóficas. O real significado da cruz é este de Ahura e suas quatro emanações masculinas. Os quatro animais do profeta Ezequiel representam as mesmas quatro emanações masculinas: o Homem, a palavra divina; a Águia, a sabedoria divina; o Boi, o poder divino; e o Leão, a soberania divina.

"Todo triângulo equilátero é um símbolo da trindade, como são todos os grupos de três na Loja, como o Sol, a Lua, e o Venerável Mestre, no símbolo místico sagrado AUM dos hindus, cuja origem e significado ninguém aqui sabe; a grande trindade dos arianos era simbolizada pelos Adeptos. Entre os hindus ele simbolizava o supremo deus dos deuses. Os brâmanes, por causa do seu sagrado e terrível significado, hesitavam pronunciá-lo em voz alta, e ao fazê-lo colocavam a mão na boca para abafar o som. Este nome trilítero para deus é composto de três letras em sânscrito. A primeira letra "A"representa o criador (Brama); a segunda letra "U" representa o preservador (Vishnu); a terceira letra "M", o destruidor (Siva). AUM é inefável, não porque não possa ser pronunciado, mas por ser pronunciado A-A-A-U-U-U-M-M-M. Todas essas coisas que podem ser aprendidas através do estudo, concentração e contemplação, nos foram legadas por nossos ancestrais, por intermédio de Zaratustra e Pitágoras.

"Vocês chegaram ao cume da montanha dos ensinamentos maçônicos, um pico coberto de névoa, que VOCÊS, ao buscarem mais luz, podem penetrar apenas por seus próprios esforços. Esperamos então que estudem diligentemente as lições de todos os graus para que cresça em seu íntimo o desejo consumidor de penetrar a luz pura e branca da sabedoria maçônica. Antes de permitir que se retirem, quero dar-lhes uma pista e isso é tudo o que os maiores místicos dão. A pista está no Segredo Real; é ali que vocês podem aprender a encontrar essa luz. Sim, irmãos, a pista está no Segredo Real. O Verbo-Homem verdadeiro, nascido de uma dupla natureza (do que chamamos Bem e do que chamamos Mal; espiritual e terreno; mortal e imortal) encontra a razão do seu ser SÓ QUANDO ESSAS DUAS NATUREZAS ESTÃO EM PERFEITA HARMONIA.

"Harmonia, meus irmãos, Harmonia é a verdadeira palavra e o Segredo Real que torna possível o império da verdadeira Irmandade Maçônica!"

E ISSO É TUDO!

Essa mistura absurda, desordenada, de contradições tolas, blasfêmia pagã e promessas não-cumpridas é tudo que eles recebem. São agora "Príncipes do Segredo Real" e não têm sequer certeza de qual seja o

segredo! Todavia, o ponto mais significativo de tudo, creio eu, é que o cume que finalmente alcançaram é um "pico coberto de névoa", no qual só podem penetrar mediante seus próprios esforços.

Eles chegaram à meta final, ao 32º Grau, e descobrem que não é, em verdade, o seu último destino. De fato, aprendem que não só devem continuar e chegar ao destino final por si mesmos, como também não sabem sequer que destino é esse! Depois de gastarem tanto tempo e esforço para chegarem à "Luz", ficam sabendo que ainda não estão lá, que devem continuar buscando para descobri-la por seus próprios meios. E continuam sem ter idéia do que realmente se trata!

Esses homens vitimados, "sempre aprendendo e nunca chegando ao conhecimento da verdade", nem sequer percebem que são vítimas. Que tristeza!

ORAÇÃO PEDINDO LIBERTAÇÃO

Os efeitos do envolvimento em coisas como a Maçonaria (e suas afiliadas, tais como "Demolay", Filhas do Arco-Íris e Estrela Oriental) podem afetar - até mesmo o cristão sincero - prejudicando, limitando e cegando-o. As sementes da confusão espiritual, depois de semeadas, podem lançar raízes profundas em nossas vidas, provocando problemas contínuos. O resultado dos problemas pode ser óbvio e dramático; ou pode ser sutil, quase invisível.

Qualquer que seja a situação, uma vez exposto a este veneno pagão com sua doce cobertura de "bondade", o remédio é o mesmo: "Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo" (Joel 2.32).

Deus jamais invalidará a nossa vontade, forçando-nos a sermos livres. Ele espera, sempre disposto a nos libertar quando Lhe pedimos isso. Parece que se não pedirmos, prosseguiremos indefinidamente carregando as dúvidas, temores e outros problemas que entraram em nossas vidas pela porta aberta do envolvimento maçônico. Deus Se entristece e nós sofremos; todavia, os problemas persistem até que peçamos que Ele nos livre.

Por que então não pedir? Mesmo que você não esteja certo de que precisa disso, o que há a perder? Diga apenas ao Senhor, em voz alta, que renuncia a todo envolvimento com a maçonaria, suas ramificações e todas as outras coisas pagãs e ocultas, e peça a Ele para livrá-lo de todos os seus efeitos tornando-o, de modo verdadeiro, completo e livre, Seu filho pela fé em Cristo Jesus. Se for sincero, Ele o fará - não pelos seus méritos, mas porque você precisa disso. Deus não é legalista; Ele é infinitamente gracioso. Basta você pedir de todo o coração. Ele fará o resto.

Se quiser um modelo de oração para seguir, ore assim: "Pai Celestial,

quero ser verdadeiramente Teu filho e quero ser completamente liberto. Confesso que Jesus é Senhor, creio que Tu O ressuscitastes dentre os mortos e confesso minha necessidade de um novo nascimento e da liberdade que só Ele pode dar. Quero isto! Renuncio à maçonaria e a todos os seus grupos, formas e atividades, associadas com todo o paganismo que representam. Renuncio a todas as coisas ocultas e pagãs que tocaram a minha vida diretamente ou que entraram nela através da minha família. Renuncio a tudo, afasto-me de tudo e peço que me perdoe, me livre e me resgate de todas as conseqüências. Peço que me enchas completamente com o Teu Espírito Santo e me guies no caminho que devo seguir. Considero isto como já tendo sido feito e Te agradeço desde já, em o nome poderoso de Jesus Cristo meu Senhor. Amém!"

ZONA DE CONFLITO

Ao entrarmos numa guerra, depressa procuramos saber onde fica a Zona de Conflito, pois se não a conhecermos poderemos nos enredar em sérios problemas, comprometendo nossa vida, nossa causa e nossa vitória, perdendo a guerra.

Nós da MISSÃO HORIZONTES temos orado para que este livro desperte o coração dos crentes da Igreja brasileira, a fim de que se comprometam com a grande batalha — guerra declarada — que enfrentamos, no rumo de alcançarmos os povos da "Janela 10-40" e chegarmos à vitória.

O termo "JANELA 10-40" originou-se com Luis Bush durante a 2ª Conferência de Lausane — Manila — em julho de 1989. Desde então o termo tem sido usado pelos missiologistas e refere-se à área delimitada pelas linhas imaginárias dos paralelos que passam a 10 e a 40 graus acima da Linha do Equador. É uma faixa quase contínua de terras, cobrindo Oeste e Norte da África, Oriente Médio, Índia, China, Japão e ilhas do Pacífico. É NESSA ÁREA QUE VIVEM 95% DOS POVOS NÃO-ALCANÇADOS DO MUNDO.

Você pode, porém, ajudar na reversão desse quadro, aceitando o desafio de vir guerrear conosco.

Em *primeiro lugar,* você pode organizar um grupo de oração missionária com a finalidade de interceder pela salvação dos povos que vivem na Janela 10-40. Pode também orar e corresponder-se com organizações e missionários envolvidos nessa área, visando obter informações sempre atualizadas do campo e do trabalho ali desenvolvido. Precisamos de orar uns pelos outros (Ef. 6:18-19), e muito mais pelos que estão nas trincheiras dos confins anunciando o Evangelho de Jesus Cristo. Você pode realizar um mês de intercessão em sua Igreja local, em favor da salvação dos não-alcançados. Ore pelas nações que compõem a Janela 10-40, usando a sugestão a seguir:

Dia 01 - Argélia e Arábia Saudita
Dia 02 - Albânia e Afeganistão
Dia 03 - Azerbaijão e Bangladesh
Dia 04 - Benin e Butão
Dia 05 - Burkina Fasso e Birmânia
Dia 06 - Bahrein e Brunel
Dia 07 - Casaquistão e China
Dia 08 - Catar e Camboja
Dia 09 - Coréia do Norte e Djibuti
Dia 10 - Emirados Árabes e Egito
Dia 11 - Etiópia e Formosa
Dia 12 - Guiné Equatorial e Guiné Bissau
Dia 13 - Irã e Índia
Dia 14 - Indonésia e Iraque
Dia 15 - Israel e Iêmem
Dia 16 - Japão e Jordânia
Dia 17 - Kuwait e Quirguistão
Dia 18 - Laos e Líbano
Dia 19 - Líbia e Mauritânia
Dia 20 - Mali e Marrocos
Dia 21 - Malásia e Maldivas
Dia 22 - Mongólia e Níger
Dia 23 - Nepal e Nigéria
Dia 24 - Omã e Paquistão
Dia 25 - Sudão e Saara Ocidental
Dia 26 - Sri Lanka e Somália
Dia 27 - Tailândia e Tajiquistão
Dia 28 - Turcomenistão e Tibete
Dia 29 - Tunísia e Turquia
Dia 30 - Usbequistão e Vietnã
Dia 31 - Ore Mateus 9:38

Em *segundo lugar,* você pode investir nas vidas que já estão trabalhando, ou que estão lutando para conseguir sustento suficiente para trabalharem ali. As possibilidades de a Igreja brasileira fincar estacas na Janela 10-40 são tremendamente favoráveis. O nosso tempo é HOJE!

Supondo-se que 4 milhões de crentes brasileiros investissem 1 (um) dólar por mês em favor do movimento missionário da Janela 10-40, poderíamos enviar para a seara do Senhor 8 mil trabalhadores brasileiros com sustento integral, multiplicando muitas vezes o efetivo missionário na área

mais carente do mundo. *Pense seriamente em investir mensalmente 5% - por exemplo - do seu próprio sustento no "FUNDO MISSIONÁRIO JANELA 10-40" da Missão Horizontes.*

Finalmente, você mesmo pode aceitar o urgente desafio e *IR* até à Zona de Conflito para frustrar a argúcia do diabo, e estabelecer os planos e propósitos de Deus para a salvação dos perdidos, e celebrar Sua Glória!

Os campos da Janela 10-40, brancos para ceifa, clamam a Deus por ceifeiros capacitados para toda a obra.

Crente brasileiro: basta de omissão! A realidade da palavra de Jesus: "A seara na verdade é grande, mas os trabalhadores são poucos..." é incontestável. Urge, portanto, obedecer Sua ordem: "Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para Sua seara." (Mat. 9:37-38).

Muitas dessas *NAÇÕES* não têm nenhuma igreja e outras tantas não têm nenhum crente conhecido, mas você pode ir! Se lhe faltar preparo aceite a sugestão de Jeremias 46:14: "Apresenta--te e prepara-te!" Missão Horizontes está à sua disposição.

Comece a orar, a contribuir e a considerar a possibilidade de ir. Aceite o desafio e aliste-se nas fileiras do Rei Jesus. Estamos clamando e esperando por tantos quantos o Senhor convocar para trabalhar naquelas Suas possessões que Ele lhe dará como herança, nos Confins da Terra.

por favor, recorte aqui

COMPROMISSO DE FÉ

(por favor, use letra de forma)

NOME: .....
BAIRRO: ..... CIDADE: ..... UF: .....
CAIXA POSTAL: ..... CEP: ..... TEL.: .....

FIRMO COMPROMISSO DE ENVOLVER-ME COM A "JANELA 10—40",

☐ Contribuindo mensalmente com 5% dos meus rendimentos para o "FUNDO MISSIONÁRIO JANELA 10—40".

☐ Contribuindo com uma oferta ÚNICA/MENSAL de CR$ ..... para o "FUNDO MISSIONÁRIO JANELA 10—40".

☐ Orando por aqueles que estão envolvidos com a "Janela 10—40".

(Por favor, envie cheque nominal à Missão Horizontes ou deposite na C/C nº 7200-1 Agência nº 1997-6 BRADESCO).

— não envie dinheiro dentro da carta —

☐ Eu gostaria de envolver-me com uma equipe que esteja penetrando na "Janela 10—40".

MISSÃO HORIZONTES: Caixa Postal 293, CEP: 09501-970
São Caetano do Sul, São Paulo
Telefax: (011) 453-9795.